



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DE NEGÓCIOS TURÍSTICOS**

WLADIS PINHEIRO

**O LAZER DE RESIDENTES E TURISTAS NO CENTRO DRAGÃO DO MAR DE
ARTE E CULTURA EM FORTALEZA/CEARÁ**

**FORTALEZA – CEARÁ
2017**

WLADIS PINHEIRO

O LAZER DE RESIDENTES E TURISTAS NO CENTRO DRAGÃO DO MAR DE
ARTE E CULTURA EM FORTALEZA/CEARÁ

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos do Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Gestão de Negócios Turísticos. Área de Concentração: Gestão de Negócios Turísticos.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luzia Neide Teixeira Menezes Coriolano.

FORTALEZA – CEARÁ

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Pinheiro, Wladis.

O lazer de residentes e turistas no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura em Fortaleza/Ceará [recurso eletrônico] / Wladis Pinheiro. - 2017.

1 CD-ROM: il.; 4 ¼ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 157 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos, Fortaleza, 2017.

Área de concentração: Gestão de Negócios Turísticos.

Orientação: Prof.ª Dra. Luzia Neide Menezes Teixeira Coriolano.

1. Lazer. 2. Cultura. 3. Turismo. 4. Patrimônio Cultural. 5. Centro Cultural. I. Título.

WLADIS PINHEIRO

O LAZER DE RESIDENTES E TURISTAS NO CENTRO DRAGÃO DO MAR DE
ARTE E CULTURA EM FORTALEZA/CEARÁ


Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos do Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Gestão de Negócios Turísticos. Área de Concentração: Gestão de Negócios Turísticos.

Aprovada em: 14 de novembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª. Dra. Luzia Neide Menezes T. Coriolano (Orientadora)
Universidade Estadual do Ceará - UECE



Prof.ª. Dra. Maria Lianeide Souto Araújo
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE



Prof.ª. Dra. Luciana Maciel Barbosa Caracas
Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza - SME

Ao meu filho Isaac, a mais forte razão
para que eu sempre siga em frente.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me permitir a conquista dessa vitória e me conceder garra e paciência na busca da realização de sonhos e superação de obstáculos.

À minha mãe, Dioná, pelo constante incentivo nos estudos e pelo auxílio e dedicação para que eu consiga atingir meus objetivos.

Ao meu pai, Valdecy, que apesar da ausência física, permanece presente na minha vida pelos exemplos de perseverança, garra e honestidade.

Ao meu amor Márcio, pela compreensão nos momentos em que precisei me ausentar e pela ajuda e companhia na pesquisa de campo.

Ao meu irmão, Áttila, pelo apoio ao ceder seu ambiente de estudo para que eu tivesse melhor aproveitamento.

À minha irmã, Thémis, pelo apoio e carinho.

À orientadora Prof^a. Dr^a. Luzia Neide Menezes Teixeira Coriolano, pela compreensão, apoio, dedicação, carinho e completa disponibilidade na orientação da dissertação.

Aos membros das bancas de qualificação e de defesa, Prof^a. Dr^a. Maria Lianeide Souto Araújo e Prof^a. Dr^a. Luciana Maciel Barbosa Caracas, pelas contribuições, observações e críticas.

Ao amigo, colega e chefe George Dantas Nunes, pela compreensão em minhas ausências do trabalho para elaboração da dissertação.

À amiga e colega Michelle Borges Cavalcante Cunha, pela amizade e incentivo durante o Mestrado.

Aos colegas da turma IX do Mestrado, pelo carinho e amizade, para além dos assuntos acadêmicos, e à secretária Adriana Fonteles, pela total disponibilidade para atender minhas solicitações.

À Controladoria e Ouvidoria Geral do Estado – CGE, pelo apoio e incentivo, com o financiamento da bolsa de estudo.

E aos demais, que de alguma forma contribuíram na elaboração da dissertação.

RESUMO

Esta dissertação tem como objeto de investigação o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, localizado na Praia de Iracema, em Fortaleza. Analisa o equipamento como espaço de cultura e lazer de residentes e turistas. O Dragão do Mar constitui patrimônio cultural, democratiza o acesso à cultura e ao lazer e movimenta o mercado turístico. A problemática centra-se na busca do conhecimento dos espaços de lazer do centro cultural, na programação, na motivação de uso e na avaliação dos usuários, residentes e turistas. Adota-se metodologia dialética, com abordagem quanti-qualitativa, por meio de pesquisa institucional, *on line* e de campo, com aplicação de formulário a usuários dos espaços do Dragão do Mar e entrevistas. As categorias de análise são: cidade, metrópole, espaço público, ócio, lazer, turismo, cultura e patrimônio cultural. A estruturação da pesquisa consiste em três partes: na primeira, introdução, na qual se apresentam relevância, problemática, questionamentos e objetivos sobre o tema. Na segunda, analisa-se Fortaleza como cidade do lazer e do turismo, com ênfase em ócio e lazer, espaços públicos, turismo, patrimônio cultural e manifestações culturais. Na terceira parte, apresenta-se o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, com ênfase na implantação, estrutura, espaços de lazer e cultura. Entre os usuários, constatou-se que há prevalência de mulheres, residentes, jovens e adultos. Quanto aos turistas, prevalecem brasileiros sobre estrangeiros, e, entre turistas brasileiros, o maior número é da Região Sudeste. O interesse pela cultura é a principal motivação para uso do equipamento pelos usuários. Há predomínio da divulgação pela *internet* e mídia. O Café Santa Clara é o espaço mais frequentado e o Cinema do Dragão é o espaço preferido pelos usuários. O lazer é bem avaliado devido à diversidade de atrações e programação, apesar da falta de segurança no entorno, baixa divulgação, subaproveitamento de espaços e manutenção precária. O Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura tem significado importante para a cidade de Fortaleza, pois constitui patrimônio cultural cearense e possui relevante potencial turístico.

Palavras-chave: Lazer. Cultura. Turismo. Patrimônio Cultural. Centro Cultural.

ABSTRACT

This dissertation has as object of investigation the Dragão do Mar Center of Art and Culture, located in Praia de Iracema, Fortaleza. It analyzes the equipment as a culture and leisure space for residents and tourists. The Dragão do Mar Center of Art and Culture constitutes cultural patrimony, democratizes access to culture and leisure and moves the tourist market. The problem is centered in the search of knowledge of the leisure spaces of the cultural center, in the programming, in the motivation to use and in the evaluation of users, residents and tourists. A dialectical methodology is adopted, with a quantitative-qualitative approach, through institutional research, on-line and in the field, with application of form to users of the Dragon Sea spaces and interviews. The categories of analysis are: city, metropolis, public space, leisure, tourism, culture and cultural patrimony. The structure of the research consists of three parts: in the first, introduction, which presents relevance, problems, questions and objectives on the topic. In the second, Fortaleza is analyzed as a city of leisure and tourism, with emphasis on leisure, public spaces, tourism, cultural patrimony and cultural manifestations. In the third part, we present the Dragão do Mar Center of Art and Culture, with emphasis on the implantation, structure, spaces of leisure and culture. Among users, it was found that there is prevalence of women, residents, youth and adults. As for tourists, Brazilians prevail over foreigners, and, among Brazilian tourists, the highest number is from the Southeast Region. The interest in culture is the main motivation for users to use the equipment. There is a predominance of dissemination through the internet and the media. The Café Santa Clara is the most frequented space and the Cinema of the Dragon is the space preferred by the users. The leisure is well evaluated due to the diversity of attractions and programming, despite the lack of security in the surroundings, low divulgation, underutilization of spaces and precarious maintenance. The Dragão do Mar Center of Art and Culture has important significance for the city of Fortaleza, as it is a cultural patrimony of Ceará and has relevant tourism potential.

Keywords: Leisure. Culture. Tourism. Cultural Patrimony. Cultural Center.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da Praia do Futuro.....	29
Figura 2 – Vista aérea da Praia do Futuro com destaque das barracas de praia.....	30
Figura 3 – Vista da Avenida Beira-Mar de Fortaleza – sentido oeste	31
Figura 4 – Vista da Avenida Beira-Mar de Fortaleza – sentido leste.....	31
Figura 5 – Vista de barracas de praia no calçadão da Avenida Beira-Mar	32
Figura 6 – Calçadão da Avenida Beira-Mar pós-requalificação, com destaque do lazer de crianças e adultos	33
Figura 7 – Calçadão da Avenida Beira-Mar com destaque do lazer na grama...	34
Figura 8 – Vista do Mercado dos Peixes de Fortaleza	35
Figura 9 – Vista parcial do Mercado dos Peixes de Fortaleza – lado da praia...	35
Figura 10 – Vista parcial do Parque do Riacho Maceió	36
Figura 11 – Vista parcial do Parque do Riacho Maceió com calçadão da Avenida Beira-Mar ao fundo	37
Figura 12 – Jardim Japonês visto da Orla da Avenida Beira-Mar	38
Figura 13 – Vista aérea do Espigão da Avenida Desembargador Moreira	39
Figura 14 – Vista do calçadão da Praia de Iracema.....	40
Figura 15 – Ponte dos Ingleses.....	41
Figura 16 – Vista aérea da Ponte dos Ingleses.....	42
Figura 17 – Espigão da Avenida Rui Barbosa	43
Figura 18 – Espigão da Rua João Cordeiro	44
Figura 19 – Praça dos Mártires (Passeio Público).....	45
Figura 20 – Praça Luíza Távora (Praça da CEART)	46
Figura 21 – Praça Doutor Carlos Alberto Studart Gomes (Praça das Flores)....	47
Figura 22 – Praça Portugal	48
Figura 23 – Programação do mês de agosto do projeto Viva o Parque	49
Figura 24 – Crianças brincando no Parque do Cocó em domingo do projeto Viva o Parque	49
Figura 25 – Adultos reunidos usufruindo do lazer do Parque do Cocó em domingo do projeto Viva o Parque.....	50
Figura 26 – Visitantes passeando pela trilha do Parque do Cocó em domingo do projeto Viva o Parque.....	51

Figura 27 – Origem do cognome Dragão do Mar.....	79
Figura 28 – Francisco José do Nascimento, o Dragão do Mar.....	79
Figura 29 – Livro dos Heróis da Pátria	80
Figura 30 – Vista aérea do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura	88
Figura 31 – Planta do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura	95
Figura 32 – Entrada principal do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura.....	98
Figura 33 – Hall de entrada do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura	98
Figura 34 – Passarela com estrutura de aço que compõe a “rua área” do projeto arquitetônico	99
Figura 35 – Passarela com estrutura de aço sobre a Rua José Avelino	100
Figura 36 – Livreto contendo a programação cultural de agosto de 2017 de todos os equipamentos geridos pelo IDM	102
Figura 37 – Livreto contendo a programação do Dragão do Mar de 16 a 18 de agosto de 2017	103
Figura 38 – Exposição “Miolo de Pote”	107
Figura 39 – Jovens em visita à exposição de fotografias de Chico Albuquerque	109
Figura 40 – Entrada da Biblioteca de Artes Visuais Leonilson	110
Figura 41 – Parte do acervo da Biblioteca Leonilson	111
Figura 42 – Usuários na Multigaleria	112
Figura 43 – Planetário Rubens de Azevedo	114
Figura 44 – Usuários na área sob o Planetário	116
Figura 45 – Área externa com a entrada das salas 1 e 2 do Cinema do Dragão	118
Figura 46 – Área interna da sala 1 do Cinema do Dragão	119
Figura 47 – Café Santa Clara situado no <i>hall</i> da sala 2 do Cinema do Dragão	119
Figura 48 – Cartaz de “O Filme da Minha Vida” exibido na sala 2	120
Figura 49 – Entrada de acesso ao <i>hall</i> do Teatro Dragão do Mar	121
Figura 50 – Espaço Rogaciano Leite Filho.....	123
Figura 51 – Praça Verde Historiador Raimundo Girão	125
Figura 52 – Crianças no projeto Brincando e Pintando	126
Figura 53 – Área da plateia do Anfiteatro Sérgio Motta	127
Figura 54 – Espaço da Arena do Dragão do Mar	128
Figura 55 – Auditório durante a realização do Fórum Dragão do Mar.....	130

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Predomínio de usuários do sexo feminino.....	131
Gráfico 2 – Semelhança entre número de jovens e adultos	131
Gráfico 3 – Prevalência de residentes sobre turistas	132
Gráfico 4 – Predomínio de turistas brasileiros sobre estrangeiros	132
Gráfico 5 – Predomínio de turistas dos estados sobre os do interior do Ceará.....	133
Gráfico 6 – Turistas por regiões	133
Gráfico 7 – Divulgação do Dragão do Mar	134
Gráfico 8 – Motivação para ir ao Dragão do Mar	135
Gráfico 9 – Espaço preferido.....	136
Gráfico 10 – Opinião sobre o lazer no Dragão do Mar	137
Gráfico 11 – Desejo de voltar ao Dragão do Mar	138
Gráfico 12 – Sugestão de melhoria pelos residentes	138
Gráfico 13 – Sugestão de melhoria pelos turistas	139

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AESTROFE	Associação de Escritores Trovadores e Folheteiros do Estado do Ceará
BSPAR	Beto Studart Participações
CEART	Central Cearense de Artesanato
CIC	Centro Industrial do Ceará
COMPHIC	Conselho Municipal de Patrimônio Histórico e Cultural
EOCA	Escola de Comunicação, Ofícios e Artes
FINOR	Fundo de Investimentos do Nordeste
FUNDAJ	Fundação Joaquim Nabuco
IACC	Instituto de Arte e Cultura do Ceará
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICOM	Conselho Internacional de Museus da UNESCO
IDM	Instituto Dragão do Mar
IPECE	Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará
IPLANFOR	Instituto de Planejamento de Fortaleza
MAC	Museu de Arte Contemporânea
MCC	Museu da Cultura Cearense
MEC	Ministério da Educação
MIV	Mostra Internacional de Videodança, Masterclasses e Palestras
REDIV	Rede Ibero-Americana de Festivais Internacionais de Videodança
MPB	Música Popular Brasileira
MTUR	Ministério do Turismo
NORPAR	Nordeste Participação e Empreendimento
OMT	Organização Mundial do Turismo
ONG	Organização não governamental
OS	Organização Social
OUC	Operação Urbana Consorciada
PIB	Produto Interno Bruto
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PRODETUR	Programa de Desenvolvimento do Turismo
PT	Partido dos Trabalhadores

PSB	Partido Socialista Brasileiro
SBAA	Sociedade Brasileira dos Amigos da Astronomia
SDU	Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente
SECULT	Secretaria da Cultura do Estado do Ceará
SECULTFOR	Secretaria de Cultura de Fortaleza
SEMA	Secretaria do Meio Ambiente
SETUR	Secretaria Estadual do Turismo
SEUMA	Secretaria Municipal de Urbanismo e Meio Ambiente
SIC	Sistema Integrado de Contabilidade
TAC	Temporada de Arte Cearense
UFC	Universidade Federal do Ceará
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	FORTALEZA: CIDADE DO LAZER E DO TURISMO.....	22
2.1	ÓCIO COMO NECESSIDADE HUMANA E INVENÇÃO DO LAZER	52
2.2	O TURISMO NA METRÓPOLE PARA ALÉM DO SOL E PRAIA	59
2.3	CULTURA, PATRIMÔNIO CULTURAL E MANIFESTAÇÃO CULTURAL	67
3	CENTRO DRAGÃO DO MAR DE ARTE E CULTURA COMO ESPAÇO DE LAZER E TURISMO	78
3.1	CENTRO DRAGÃO DO MAR DE ARTE E CULTURA NO GOVERNO DAS MUDANÇAS	82
3.2	CENTRO DRAGÃO DO MAR DE ARTE E CULTURA NO CONTEXTO DA REQUALIFICAÇÃO DA PRAIA DE IRACEMA	90
3.3	ESPAÇOS DE LAZER E CULTURA DO DRAGÃO DO MAR.....	94
3.3.1	Espaços museológicos de difusão da cultura cearense.....	104
3.3.2	Espaços de difusão da arte	110
3.3.3	Espaços culturais de <i>shows</i> musicais.....	125
3.3.4	Espaço de conferências, fóruns, palestras, congressos, apresentações, aulas e seminários.....	129
3.4	OPINIÕES DOS USUÁRIOS SOBRE O CENTRO DRAGÃO DO MAR DE ARTE E CULTURA	130
4	CONCLUSÃO.....	140
	REFERÊNCIAS	143
	APÊNDICES.....	153
	APÊNDICE A – MODELO DE FORMULÁRIO APLICADO AOS USUÁRIOS DOS ESPAÇOS DE LAZER DO DRAGÃO DO MAR	154
	APÊNDICE B – ROTEIRO DE PERGUNTAS AOS GESTORES DO INSTITUTO DRAGÃO DO MAR	156

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação — “O Lazer de Residentes e Turistas no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura em Fortaleza/Ceará” - vincula-se ao Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos, da Universidade Estadual do Ceará, e tem como objeto de investigação o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, popularmente denominado Dragão do Mar, localizado na Praia de Iracema. Trata-se de equipamento cultural propício ao lazer dos fortalezenses e de turistas que visitam a Metrópole. Constitui patrimônio cultural da capital do Ceará, considerada núcleo receptor consolidado do turismo, na Região Nordeste.

O turismo desenvolve-se, no Ceará, a partir da década de 1980, especialmente no segmento do produto “sol e praia”. O território cearense conta com sol, praia, clima tropical, diversidade de atrativos naturais e culturais, hospitalidade e bom humor do seu povo. O Ceará e muitos estados têm a capital no litoral, divulgado como produto turístico por propiciar uso ao lazer. Segundo Coriolano (2006), Fortaleza é destino do estado muito procurado e se destaca como polo centralizador de serviços e fluxos turísticos, confortáveis meios de hospedagens e vida noturna agitada. Muitos turistas que vêm ao Ceará hospedam-se em Fortaleza e realizam excursões pelas praias da região metropolitana, no litoral leste ou oeste, durante o dia, com retorno à capital ao anoitecer para aproveitamento dos atrativos noturnos da cidade.

Fortaleza é metrópole litorânea, banhada pelo oceano Atlântico, com 313,14 km² de área (JUCÁ *et al.*, 2014) e 2.609.716 habitantes, conforme estimativa do IBGE (2016). Apresenta uma das maiores densidades demográficas, entre as capitais do país, com 8.286,65 hab/km², de acordo com dados do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), referentes a 2016. O sítio urbano aloca-se sobre planície litorânea, com extensa orla marítima abrigando dunas e coqueirais, e avança até encontrar o sertão¹ semiárido. Segundo Coriolano (2006), a cidade, com 34 km de praias, é conhecida como terra do sol, das praias com atributos de tropicalidade, sol o ano inteiro, propícia ao turismo. O clima quente

¹ Segundo Pereira (2011), a origem da palavra sertão decorre de “desertão”, como mato longe da costa, e, durante longo tempo, foi aplicada a interiores. O sertão é um conceito geográfico e para existir requer algumas condições. Não é lugar definido, mas condição atribuída a diferentes lugares. Não é materialidade da superfície terrestre, mas realidade simbólica construída com imagem à qual se associam valores culturais atribuídos historicamente. É espaço qualificado para ser apropriado, é área a ser colonizada, não se caracteriza pela ação da sociedade sobre esse espaço.

subúmido e a temperatura média de 26° a 28°C fazem das águas do mar ideais ao banho e tornam a cidade prazerosa ao lazer, veraneio e turismo.

O segmento turístico mais explorado em Fortaleza é o da oferta do produto “sol e praia”, com a zona litorânea como atrativo, sobressaindo a Praia do Futuro, a Praia de Iracema e a Beira-Mar. A Praia de Iracema, além do produto “sol e praia”, possui atrativos culturais, por ser espaço de guarda da memória. A cidade conta com patrimônio cultural, que pode ser conhecido por meio de visitas a igrejas, teatros, museus e edificações históricas de significativa importância, por exemplo, o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, marco de valorização da cultura cearense.

Estudos e pesquisas do Ministério do Turismo, desde 2009, mostram a movimentação turística no país e direcionam o planejamento de políticas públicas para o setor. Assim, a pesquisa de demanda turística doméstica, realizada em 2012 e divulgada no *site* do Ministério do Turismo², apresenta Fortaleza como segundo destino mais desejado do Brasil e quarta cidade que mais recebe turistas brasileiros. De acordo com a pesquisa de demanda turística internacional³, em 2012, as cidades do Nordeste foram os principais destinos de interesse dos turistas europeus em visita ao Brasil: italianos foram os principais visitantes de Fortaleza. No entanto, em pesquisa com mais de 44 mil estrangeiros que visitaram o Brasil, ao longo de 2014, incluindo o período da Copa do Mundo, os norte-americanos foram os estrangeiros que mais visitaram a capital cearense, com 12,4% do total, seguidos pelos italianos (12%) e argentinos (9,7%). Mais da metade dos turistas vem motivada pelo lazer (51,2%). Em 2016, o Ministério do Turismo classificou Fortaleza como um dos cinco destinos turísticos brasileiros mais visitados pelos turistas alemães, italianos e portugueses, motivados pelo lazer (MTUR, 2016).

Afirma Coriolano (2006) que, desde a década de 1990, projetam-se para os estados nordestinos políticas de turismo com foco nas metrópoles e litorais, quando o Programa de Desenvolvimento do Turismo (PRODETUR) no Nordeste investe de forma determinante no turismo, principalmente no segmento de sol e praia, com divulgação da imagem de confiabilidade, dando ao Ceará abertura para o mercado global, quando o Nordeste entra em rota do turismo nacional.

² Disponível em: <<http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/2016-02-04-11-54-03/demanda-tur%C3%ADstica-nacional.html>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

³ Disponível em: <<http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/2016-02-04-11-54-03/demanda-tur%C3%ADstica-internacional.html>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

Segundo o Ministério do Turismo, o brasileiro está propenso a viajar mais no período de março a agosto de 2017, dando preferência a destinos do Nordeste, considerando a crise econômica que inviabiliza o exterior para muitos. A intenção de viagem ao Nordeste ultrapassa a marca de 50%, devendo receber mais da metade dos turistas no período (MTUR, 2017).

O Ceará reconhece-se pelo potencial turístico do território, porém com insuficiente exploração da atividade. Ao receber mais efetivamente incentivos e políticas governamentais, o estado emerge como polo receptor de turismo do País com pretensão de chegar ao mercado mundial. O turismo considera-se atividade prioritária dos governos estaduais, entendido como forma de acelerar o desenvolvimento socioeconômico. A ênfase dada à atividade turística leva-a à associação da indústria, compondo programa de longo prazo, com financiamento externo, mudando a imagem do Ceará, que passa a ser visto como turístico, capaz de contribuir com o desenvolvimento socioeconômico.

A localização do Ceará, nas proximidades da linha do Equador, garante grande luminosidade, com cerca de 2.800 horas de sol por ano, que leva ao acúmulo de calor e clima tropical, afirma Coriolano (2006). Assim, o sol, antes associado ao discurso da seca e da pobreza, trabalhado pelo *marketing* do turismo, passa a ser atrativo de fluxos turísticos. Na faixa litorânea, encontram-se vinte e dois municípios com praias, inclusive Fortaleza, atrativos do turismo de sol e praia, principal segmento do estado.

São mudanças de imagem do Ceará que deixa de ser visto como pobre para lugar ensolarado, agradável, acolhedor e propício ao turismo. Há infraestrutura e embelezamento de parte da cidade de Fortaleza, tornando-a a capital do sol, do vento, do humor, do turista, ou mesmo, Fortaleza “cidade de água e sal”, conforme Linhares (1992).

O Ceará possui ricos ecossistemas, sintetizados em litoral, serra e sertão. No entanto, por muito tempo, o ambiente de praia é desprestigiado e evitado. Os atrativos naturais do litoral, praias, coqueiros e mar, são negados e praças e prédios públicos se constroem de costas para o mar. Somente a partir da década de 1980, Fortaleza valoriza o litoral, dá preferência às praias para moradia, lazer e veraneio e atrai turistas. A ligação entre fortalezenses e mar e as práticas marítimas intensificam-se na década de 1990, quando se estabelecem relações diretas pelo

uso, com ampliação do interesse pelo banho de mar, lazer aquático, segunda residência e turismo.

Fortaleza e região metropolitana crescem ampliando municípios, sobretudo litorâneos, com aumento de oferta turística, em forma diversificada de atrativos naturais e culturais. Fortaleza define-se como núcleo receptor de turismo, qualifica espaços e serviços, em especial o aeroporto internacional que dispõe de voos regulares nacionais e, em menor quantidade, voos internacionais, amplia a infraestrutura adequada ao turismo. A rede hoteleira é equipada e moderna e as agências de viagem e turismo contam com profissionais capacitados que falam diversas línguas. Possui diversos polos gastronômicos em áreas ricas e o Centro de Eventos que dinamiza o turismo de negócios. Conta com casas de câmbio e espaços culturais aconchegantes para lazer.

A cidade é fortemente marcada pelo sertão. Muitos fortalezenses conservam padrões e costumes sertanejos, na forma de falar e uso de expressões; no modo de comer e comidas típicas; na música e dança, com destaque do forró; no tratamento das pessoas, por exemplo, ato de tomar a bênção. Há patrimônio histórico, com acervos arquitetônicos predominantemente ecléticos, com traços marcantes do estilo *art-nouveau*, clássico, neoclássico e *art-déco*, segundo Coriolano (2006). O patrimônio imaterial revela traços das culturas indígena, negra e europeia, resultado da miscigenação do povo brasileiro, com predomínio da cultura indígena, observado em nomes de ruas e bairros e hábitos e costumes.

A expansão do gado do sertão que percorre o território cearense explica a ocupação do Ceará e o fato de cidades crescerem mais que Fortaleza, a exemplo de Sobral, Icó, Aracati e Iguatu. O ciclo do algodão plantado no sertão exige a construção do Porto do Mucuripe para exportação do produto e, só nesse contexto, é que Fortaleza conquista a hegemonia de cidade urbanizada sobre as demais, afirma Coriolano (2006). Não houve ciclo de cana de açúcar e mineração, como em Pernambuco, Bahia e Minas Gerais, assim o Ceará não conta com manifestações culturais, com construção de patrimônios arquitetônicos ligados ao barroco colonial, de acordo com Coriolano (2006).

Na década de 1990, é decisão do governo Ciro Gomes (1991-1994), com aprovação e execução pelo governo seguinte de Tasso Jereissati (1995-2002), a construção de patrimônio arquitetônico, Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, equipamento cultural moderno apropriado para apresentações culturais, no bairro da

Praia de Iracema, equipamento que é atrativo do turismo urbano-cultural. O centro cultural é inaugurado em 1999 e passa a espaço cultural que democratiza o acesso à cultura e ao lazer, além de ocupar a força de trabalho com novos empregos e trabalhos que dinamizam a cadeia produtiva do turismo.

A relevância da escolha do objeto reside em aprofundar o conhecimento do significado do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura para os fortalezenses e turistas como espaço cultural e de lazer, além de o equipamento arquitetônico moderno ser forma de compensação da inexistência de construções, no período colonial. Considerando que o turismo é atividade de promoção e estímulo ao desenvolvimento socioeconômico de lugares, o equipamento enriquece a oferta turística e oferece oportunidades de lazer de residentes e turistas, fazendo-se importante aprimorar o conhecimento da relação entre cultura e turismo.

A problemática investigada centra-se na busca do conhecimento dos espaços de lazer do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, na divulgação da programação, na motivação de uso de residentes e turistas e na avaliação dos usuários. O Dragão do Mar, considerado imponente equipamento cultural e de lazer, é valorizado convenientemente? Ou é desvalorizado, como alguns pensam? Assim, para investigação da problemática, formulam-se os seguintes questionamentos:

- Em que contexto o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura é concebido e implantado?
- Qual a estrutura do Centro Cultural e subespaços do equipamento?
- Como as manifestações culturais se articulam com o turismo no Dragão do Mar?
- Quem são os usuários do Centro Cultural?
- Como ocorre a divulgação do Dragão do Mar?
- Como os usuários avaliam o equipamento cultural?

Assim, a dissertação tem como objetivo geral analisar o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, espaço de cultura, lazer e turismo de residentes e turistas em Fortaleza. São objetivos específicos:

- Conhecer a história de implantação do Dragão do Mar;
- Apresentar a estrutura do Centro Cultural e dos subespaços;
- Explicar a articulação entre as manifestações culturais e o turismo no Dragão do Mar;
- Identificar os usuários do Centro Cultural;

- Investigar como ocorre a divulgação do Dragão do Mar;
- Verificar como os usuários avaliam o equipamento.

Quanto à metodologia, a opção é pelo método dialético, por apontar visão crítica e não neutra, com abordagem quanti-qualitativa. A dialética é o método que busca a verdade pela contraposição e contradição, contempla argumentações, debates, ideias diferentes, analisa posicionamentos defendidos e os contraditórios. É a arte do diálogo e consiste no modo de pensar as contradições da realidade, em permanente transformação, entendendo que o objeto é resultado de processos, portanto, histórico. Konder (2008) ressalta que uma das marcas essenciais da dialética é o espírito crítico e autocrítico. Examina o objeto de forma contextual, sempre disposto a rever interpretações. A dialética é a posição filosófica e os elementos constitutivos encontram-se no pensamento de filósofos do século XVII, sobretudo em Hegel que, na modernidade, mostra que as coisas passam por mudanças, negações, e constituem processos históricos.

Na acepção moderna, dialética significa o modo de pensar as contradições da realidade, de compreender a realidade investigada como essencialmente contraditória, em permanente transformação.

Explicam Lakatos e Marconi (2003) que dia e noite são partes do mesmo dia. Os objetos são pares dialéticos, vida e morte, trabalho e lazer, repouso e movimento, aparentemente contrários, mas unidades de totalidades. Constata-se, pois, que contrários existem como unidade e a visão de totalidade faz entender a realidade como histórica, processual, composta de avanços e recuos. Estuda-se lazer e cultura como unidade, ofertados a residentes e turistas nos diversos espaços do Dragão do Mar.

O objeto da investigação é o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, na metrópole Fortaleza, capital do Ceará. Estuda-se sob a visão dialética para encontrar determinações que o explicam. Os sujeitos do estudo são os idealizadores do centro cultural, gestores, usuários, residentes e turistas.

O primeiro passo para a realização da dissertação é definir e delimitar o objeto e contexto; em seguida, o estudo teórico, de suporte teórico à explicação do objeto. Assim, definem-se como conceitos fundantes: cidade, metrópole, ócio, lazer, turismo, cultura e patrimônio cultural. A pesquisa institucional e de campo realiza-se com visitas ao Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, no período de 15 a 18/08/2017, para registros fotográficos de espaços de lazer do centro cultural e

aplicação de formulário com usuários: residentes e turistas, e com visita à Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho, no dia 18/08/2017, para entrevista com a superintendente, Diana Pinheiro. A pesquisadora teve oportunidade de participar em eventos que tratam da situação da área do entorno do Dragão do Mar, em especial a audiência pública na Assembleia Legislativa, em 11/09/2015, que teve como pauta “Debater sobre a situação do entorno do Centro Dragão do Mar e dos espaços culturais dessa região da Praia de Iracema” e o “Fórum Dragão do Mar: por um novo contexto urbano da Praia de Iracema”, em 30/08/2017, no Auditório do Centro Dragão do Mar, com participação de Paulo Linhares, um dos idealizadores do centro cultural e presidente do Instituto Dragão do Mar (IDM); Fausto Nilo, arquiteto do projeto do Dragão do Mar e coordenador geral da equipe de urbanismo e mobilidade do projeto Fortaleza 2040, e Eudoro Santana, superintendente do Instituto de Planejamento de Fortaleza (IPLANFOR).

A pesquisa institucional levou-a a consultas no *site* do Dragão do Mar⁴ e *site* das secretarias estaduais e municipais de cultura e de turismo, na busca de dados para a apreensão da realidade investigada, e contatos telefônicos e mensagens eletrônicas para coleta de informações com Demétrio Magalhães, assessor administrativo, e com Luciana Vasconcelos e Luar Maria Brandão, assessoras de comunicação e *marketing* do IDM. Também fez-se consulta a *sites* da Organização Mundial de Turismo (OMT), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do Ministério do Turismo (MTUR), do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), entre outros. Na pesquisa documental, analisaram-se documentos que possibilitam conhecimento acerca da história da implantação do Centro Dragão do Mar e revelam aspectos de utilização dos espaços do Centro cultural para lazer.

Como base teórica, para argumentação e explicação da realidade, definem-se os conceitos fundantes da dissertação: cidade, metrópole, espaço público, ócio, lazer, turismo e cultura. Entre os teóricos estudados, destacam-se Lencioni (2008), Castro (2006), Silva (2006), Dantas (2006), Balula (2011), Coriolano (2006), Max-Neef (2012), De Masi (2001), Kurz (2000), Lafargue (2000), Santos (2000), Dumazedier (1999), Coelho (2000), Bramante (1998), Fresca (2011), Cruz (2006), Martins (2006), Abreu (2002), Neves (2003) e Gondim (2007).

⁴ <<http://www.dragaodomar.org.br>>.

A dissertação estrutura-se em três partes. A primeira inicia com exposição sintética do objeto, delimitação do tema, justificativa, descrição da problemática, questionamentos, objetivos e metodologia. Na segunda, faz-se o aprofundamento teórico em torno do lazer, turismo e cultura na metrópole, com ênfase em espaços públicos de lazer, turismo cultural e manifestações culturais.

Na terceira parte, avalia-se o objeto de forma contextualizada. Investiga-se o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, equipamento cultural e turístico do Estado do Ceará, na Praia de Iracema. Discorre-se sobre turismo e cultura, prioridades do estado, abordam-se aspectos de políticas públicas de cultura e de turismo que culminam na concepção e implantação do Centro Cultural, no contexto de requalificação da Praia de Iracema. Também descrevem-se espaços de lazer do centro, além de históricos e detalhamentos. A forma de promoção do lazer e da cultura e as opiniões de residentes e turistas. Por fim, conclusões, seguidas de referências bibliográficas.

2 FORTALEZA: CIDADE DO LAZER E DO TURISMO

Fortaleza, capital do Ceará, metrópole de destaque nacional, segundo dados do IBGE (2016), é a quinta cidade mais populosa do Brasil. Avança para Metrópole, por se apresentar como grande centro urbano e exerce influência econômica e social, na polarização de cidades da região. Carlos (2001) afirma que a cidade é a expressão mais contundente do processo de produção da humanidade, sob a égide das relações desencadeadas pela formação econômica e social capitalista.

Cidade é um conceito geográfico, e Lencioni (2008) afirma que, para a Geografia, cidade é um produto social que se insere no âmbito da relação de pessoas com ambientes. Assim, é produto da relação entre espaço e sociedade, ou seja, produzida pelas relações sociais determinadas historicamente. A incorporação da perspectiva histórica no conceito de cidade remete à sociedade e a território específico, o que significa que cada cidade tem peculiaridades, histórias e temporalidades próprias. Pereira (2001) explica que as cidades dependem de formas políticas e sociais e que são produtos de determinações sociais. Forças e determinações dão marcas e individualidade à cidade. Há variações entre cidades, espaciais ou temporais, contudo a ideia de aglomeração lhes é comum. A definição de Lencioni (2008) enfatiza aglomerações e sedentarismos:

O conteúdo do conceito de cidade já indica, portanto, dois termos para sua definição: o de aglomeração e o de sedentarismo. Mas eles se apresentam ainda insuficientes, pois um simples exemplo mostra a necessidade de se buscar novos elementos para a apreensão da essência do conteúdo do objeto a se conceituar (LENCIONI, 2008, p. 115).

Ao se enfatizar sedentarização, faz-se referência à durabilidade. Dessa forma, de acordo com Lencioni (2008, p. 115), “cidade corresponde à ideia de aglomeração, mas a de aglomeração durável”. A autora acrescenta aos termos aglomeração e sedentarismo ideias de mercado, administração pública e povoado, este último no sentido de presença de habitações modestas, população reduzida, poucas casas de comércio. Com relação ao tamanho da aglomeração, Lencioni (2008), baseada em Pierre George, Max Derruau e Manuel Castells, afirma que o fator não tem sentido em si mesmo como definidor de cidade.

De acordo com Lencioni (2008), a origem de cidades no Brasil decorre de povoados, que surgem de locais fortificados, postos militares, aldeias, aldeamentos

indígenas, arraiais, engenhos, usinas, fazendas, bairros rurais, patrimônios e núcleos coloniais, pousos de viajantes, núcleos de pescadores, estabelecimentos industriais, seringais, vendas de beira de estradas, ancoradouros às margens dos rios, pontos de passagens em cursos d'água, estações ferroviárias e postos de parada rodoviária, entre tantas origens.

Afirma Lencioni (2008) que falar em cidade no Brasil significa referir-se a um aglomerado sedentário que possui necessariamente a presença de mercado e administração pública. Dessa forma, as condições de aglomeração sedentária, acrescida da função de troca e de administração pública, é que fazem com que alguns povoados se desenvolvessem como cidade. Diz Gondim (2007) que conhecer a história social e urbana de Fortaleza, da época colonial até os dias de hoje, ajuda a compreender os processos sociais, econômicos e políticos que marcam a construção do espaço metropolitano.

Diante de explicações teóricas, diz-se que historicamente Fortaleza funda-se pela construção de fortificações, sendo a primeira na Barra do rio Ceará. Segundo a historiadora Correa (1998), em 1603, é construído por Pero Coelho de Sousa o primeiro forte do Ceará, Forte de São Tiago, na Barra do Ceará. Em terras do entorno, aglomera-se o povoado de colonos, aventureiros e caboclos.

Narra Correa (1998) que, em 1612, Martim Soares Moreno constrói o Forte de São Sebastião, no lugar do antigo Forte de São Tiago, e a comunidade do entorno é rebatizada de Nossa Senhora do Amparo. Em 1649, o holandês Matias Beck lidera expedição para retomada da capitania do Siará-Grande, tendo fixado campo militar no morro de Marajaitiba, no leito do rio Pajeú, onde começa a erguer-se o Forte de *Schoonenborch*, com pedaços do Forte de São Sebastião. No mesmo século, por volta do ano de 1664, os holandeses são expulsos sem resistência pelos portugueses, e o forte de *Schoonenborch* é totalmente destruído, sendo erguido, nesse mesmo ano, o Forte de Nossa Senhora d'Assunção, e, ao longo dos anos, aglomeram-se pessoas, que formam pequeno povoado, constituído de militares, jesuítas, colonos, caboclos e índios catequizados.

A criação da vila da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção decorre da luta decisiva dos habitantes do povoado, juntamente com o capelão do Forte, Padre João de Matos Serra; guarnição e capitães-mores. Assim, Dom João V, por meio da Carta Régia de 11 de maio de 1725, cria a vila no forte da Assunção, solenemente instalada em 13 de abril de 1726. Sobre o fato, Castro (2006) assim afirma:

Vistos os fatos hoje, distantes no tempo, percebe-se que se não fosse a ação decidida daquele pequeno grupo, quase todo constituído de portugueses, o pequenino povoado teria desaparecido. Os anos não o haveriam transformado numa das maiores e mais importantes cidades do País, plena de problemas, mas orgulho de seus habitantes, natos ou generosamente acolhidos (CASTRO, 2006, p. 22).

A forma urbana, definida de acordo com processos estabelecidos por Portugal para implantação de cidade marítima, apresenta espaço bipartido, contando com aglomeração na praia e outra no alto, fortificada. Desse modo, a implantação ocorre inicialmente na tentativa de estabelecimento na Barra do Ceará, e em seguida, no litoral, definitivamente, entre duas bacias marítimas, Mucuripe e Jacarecanga.

Na última década do século XVIII, a vila desfruta dos benefícios diretos e indiretos da condição de Capital, pela autonomia concedida pelo governo real à capitania do Ceará, antes vinculada aos governadores de Pernambuco. Relata Lencioni (2008) que povoados instituíram-se como cidade, não por serem maiores ou diferentes de outros povoados, mas por serem concebidos como sede do poder metropolitano, sede do poder lusitano. O aspecto de local de poder é fundamental na conceituação de cidade, no Brasil, pois é o que define cidade, independentemente de elementos mencionados. Nesse sentido, a preferência da vila de Fortaleza à capital deve-se a fatores, entre os quais, o fato de novos governadores, portugueses, militares de carreira e indicados por decisão real, morarem no Forte, e a posição quase equidistante entre os vales do rio Jaguaribe e do rio Acaraú, nos quais prosperava a pecuária extensiva, no século XVIII.

A formação urbana, de transformação de vila de Fortaleza em cidade, tem traçado retilíneo, com abertura de caminho para vias de acesso, sempre em torno de marco central, Forte de Nossa Senhora de Assunção, e a praça principal, Praça da Sé. Nesse sentido, Ribeiro (1955) explica que:

Se a fundação dos povoados coloniais era marcada pela posição de um forte para a proteção dos seus moradores, [...] no que diz respeito ao traçado de praças e ruas e a localização de edifícios públicos, obedecia a normas que os colonizadores adotavam e a vantagens peculiares que o sítio oferecesse nas imediações do forte [...]. A povoação deve começar pela praça principal, em torno da qual se ficarão os principais edifícios da administração civil e religiosa; a rua direita ou principal edifícios da administração civil e religiosa; a rua direita ou principal marcará a base do plano que deverá se estender e donde partirão as demais ruas (RIBEIRO, 1955, p.221).

De acordo com Castro (2006), no período imperial, inicia a prática de concessão de título de cidade a antigas vilas. Desse modo, pela Carta Imperial de 17 de março de 1823, Dom Pedro I eleva a vila da Fortaleza à categoria de cidade, ou melhor, Cidade da Fortaleza de Nova Bragança, denominação que não agrada a muitos, por isso logo ajustada para Cidade da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção. Em que pese ter sido elevada à categoria de vila e capital da província em 1713, Fortaleza permanece núcleo urbano inexpressivo, até as primeiras décadas do século XIX. Pela comercialização de produtos de exportação, café, cera de carnaúba e algodão, a situação muda e a capital torna-se principal núcleo urbano do estado.

No início do século XIX, a cidade toma formas regulares para futuro desenvolvimento físico, com diretrizes para o plano urbano em xadrez, proposto pelo coronel de engenheiros português Antônio José da Silva Paulet, que corresponde a traçado de origens multimilenares, dominante até hoje no traçado da cidade, como afirma Castro (2006).

Ao longo da formação territorial, a cidade expande-se e se beneficia com a construção de estabelecimentos públicos e privados de natureza diversa, biblioteca pública, clube, praça pública e chafarizes. As transformações conferem vida urbana e cultural e o ócio representa a demanda da sociedade pelos espaços de recreação e lazer.

De acordo com Rodrigues (2001), o planejamento urbano, influenciado pelo fluxo de migrantes que fogem da pobreza e da fome propiciadas pelas secas no sertão, traz conflitos de várias situações para a cidade. Aspectos voltados à falta de moradia, postos de saúde e de emprego são refletidos no espaço urbano do Centro histórico. Fortaleza tem poucos investimentos no início do século XX, contudo, no decorrer do século, passa por transformações na estrutura física, devido principalmente ao crescimento populacional intensivo. Sobre o fato afirma Gondim (2006) que:

A concentração de um grande número de pessoas sem recursos e sem condições adequadas de higiene e saneamento acarretava epidemias e toda sorte de problemas sociais, levando o governo a impor restrições à circulação dos “flagelados”: nas secas de 1915 e 1932 estes foram confinados em campos de concentração, no interior e em Fortaleza (GONDIM, 2007, p. 103).

Silva (2006) acrescenta que a rapidez do crescimento não esconde a realidade de cidade incompleta, com infraestrutura precária, elevado índice de desemprego e condições de vida insatisfatórias. A partir dos anos de 1930, a cidade, que tem o Centro como espaço de sociabilização, incorpora novos espaços a oeste, sul, norte e, em menor proporção, a leste. Assim, há incorporação de espaços à sua volta e expansão da malha urbana, alterando sua configuração. Em pouco tempo, Fortaleza perde traços característicos de capital provinciana, o que leva Dantas (2006) a afirmar que:

É o estabelecimento da cidade moderna, traduzido na constituição de uma periferia articulada e dependente do centro da cidade. Este último se especializa cada vez mais em lugar do poder, do comércio e da concentração de serviços. A periferia, por sua vez, se transforma, ora em lugar de habitação, de lazer e de vilegiatura das classes abastadas, ora em lugar de habitação e de trabalho das classes menos abastadas (DANTAS, 2006, p. 39).

Centros urbanos destacam-se como polos funcionais de cidades, com as principais atividades pautadas na administração pública, atividades políticas e financeiras e de entretenimento. Expressam a capacidade de excepcional praça comercial, geradora e prestadora de serviços, de lazer e animação, onde se situam cinemas, templos, palácios, praças, cafés, teatro. Em Fortaleza, o Passeio Público é espaço de lazer, ócio, beneficiado pela localização com vista para o mar, frequentado pelos usuários finos e elegantes que passeiam pelas alamedas, na contemplação de jardins e fontes e desfrute da brisa marinha. Assim, no entorno do Centro Histórico, surgem espaços de lazer, bares e restaurantes fundamentais à cidade, conceituados sob visões variadas. Destacam-se espaços públicos e privados de lazer.

Explica Balula (2011) que espaço público é lugar urbano aberto ao público que habitualmente congrega elevado número de pessoas e dá suporte, produz e facilita interações sociais e culturais. Os espaços sugerem abertura e livre acesso a todos, lugar onde estranhos se encontram de forma equalitária e livremente, com liberdade de expressão e de reunião. O autor afirma que espaços públicos são territórios coletivos onde as pessoas prosseguem as atividades funcionais e rituais que unem a sociedade, em rotinas da vida cotidiana ou em eventos cíclicos ou pontuais. Balula (2011) acrescenta que se atribui à lugar público o conceito de lugar cuja manutenção é assegurada por entidades públicas, em benefício da comunidade e que idealmente é utilizado pelos cidadãos, independentemente da condição social,

econômica, idade, raça, etnia, ou gênero. De acordo com o autor mencionado (2011, p. 96), “espaço público da cidade tradicional surge enquanto o meio urbano por excelência, onde as atividades humanas têm mais hipóteses de florescer”.

Dessa forma, espaços públicos referem-se à esfera pública, ao domínio de processos propriamente políticos, de relações de poder e formas assumidas nas sociedades contemporâneas. São lugares urbanos ruas, avenidas, praças e parques, que, em conjunto com infraestruturas e equipamentos coletivos, dão suporte à vida em comum. Dizem Coriolano e Parente (2012) que os espaços públicos de lazer são espaços da coletividade indistintamente, voltados para a prática democrática do descanso, da reposição de forças laborais, para desenvolvimento cultural e diversão. São lugares simbólicos, com praças, jardins, parques e orla marítima com histórias típicas do lugar e características próprias de determinado grupo social. Assim, nas esferas públicas e privadas, espaços de lazer são lugares de manifestações culturais, práticas esportivas, criativas, lúdicas e de descanso, e compreendem espaços de educação não formal, latentes possibilidades de criação de vias de prática de capacidade criativa, como acontece nos espaços de centros culturais.

Nesse contexto, os espaços públicos de lazer contribuem para consolidação da cidade como lugar agradável a turistas, apresentam iniciativas, principalmente nos próximos ao mar, propícios ao turismo de sol e praia. Acrescenta Dantas (2006) que Fortaleza, como toda cidade situada no litoral, tem a evolução determinada pelas demandas de espaços litorâneos. Em função de demandas, ocorre crescimento urbano, com incorporação de zonas de praia que respondem às necessidades de espaços de veraneio e lazer e concorrem com o antigo centro da cidade. Desse modo, a cidade que antes dava costas ao mar descobre, a partir da década de 1930, a praia como espaço de lazer, recreação e veraneio.

De acordo com Coriolano (2006), até meados do século XIX, a região costeira do estado não era valorizada em termos de espaço urbano, para o turismo. Apenas as atividades portuárias e de pesca artesanal ocupavam o espaço, além de ocupações de residências e de atividades socialmente marginalizadas, boemia, artesanato e cultura popular. A valorização do litoral e implantação de projetos financiados pelas agências financeiras internacionais e nacionais, a partir da década de 1970, muda o espaço redimensionado para turismo. Dantas (2006) relata que, em Fortaleza, a transformação de zonas de praia em espaços de recreação e lazer

verifica-se a partir da procura da classe rica pela vilegiatura. Jucá (2003, p. 156) registra que “a forma de usufruir o lazer limita-se aos mais favorecidos, restando aos pobres apenas a participação em festas religiosas ou algumas atividades singelas”.

A valorização de zonas de praia em Fortaleza, a partir dos anos de 1970, volta a cidade ao mar. As praias transformam-se em espaços públicos de lazer, tem-se a urbanização do litoral com construção de calçadões, ao longo da zona de praia. O processo de valorização é ampliado graças ao veraneio, chegando a atingir municípios, com sujeição dos espaços às demandas da sociedade de lazer, processo sempre em expansão.

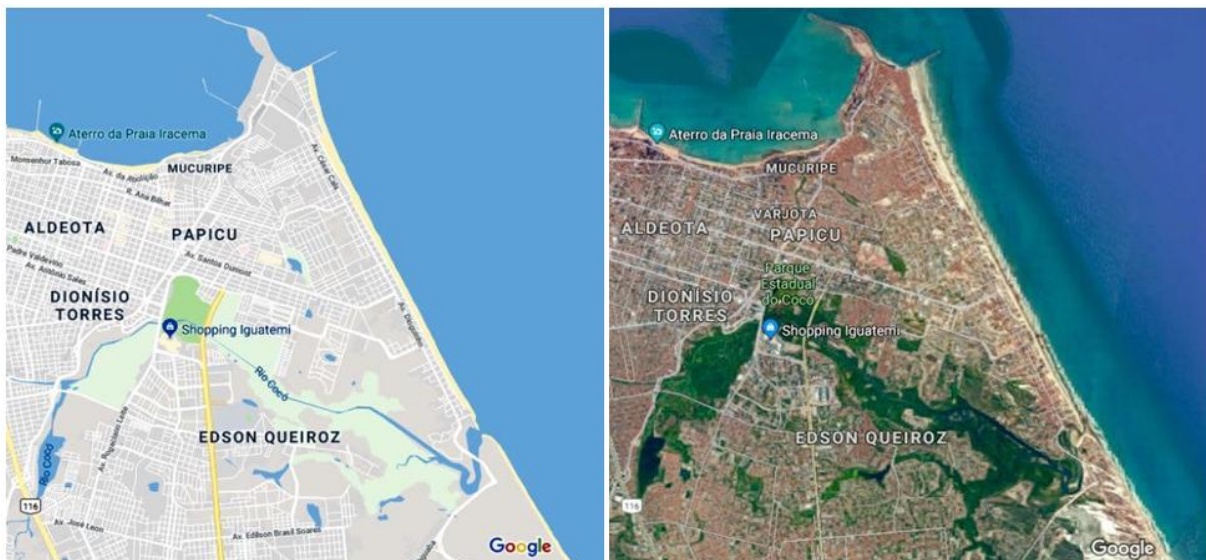
A zona litorânea configura-se espaço público de lazer de excelência da Metrópole, onde há atrativos voltados a residentes e turistas. Para turistas que desejam conhecer as belezas naturais da capital, as praias do Futuro e de Iracema e a Beira-Mar oferecem paisagens coloridas, pelo contraste da areia branca com tonalidades de azul das águas do mar.

Lembra Coriolano (2006, p. 52) que “os litorais são áreas de concentração demográfica em todo o mundo, atraem demandas, independentemente de qualquer artifício, e se preservados garantem os fluxos turísticos”. Por isso, turismo de sol e praia é um segmento dinâmico, tendo em vista que deslocamentos ocorrem em busca de “paisagem de sol, céu e água, ritmos opostos à rigidez do tempo de trabalho urbano”, afirma Camargo (2006). Nesse sentido, o litoral de Fortaleza, em que pese qualquer crítica ao turismo de sol e praia, é a principal área de captação de lazer e turismo. A paisagem litorânea é composta de elementos do imaginário dos que estão em busca de descanso e lazer. As praias consideram-se espaços paradisíacos, de fuga da realidade, onde se pode desfrutar de momentos de descanso e tranquilidade. Para Coriolano (2001, p. 93), “o litoral entendido como praias, dunas, lagoas, coqueirais, paisagens naturais, constitui no estado do Ceará área prioritária para o turismo”.

As praias urbanas incluem-se na organização do espaço da cidade, com uso e ocupação do solo, relacionado à dinâmica urbana. Fortaleza tem 34 km de praia, utilizadas como espaços de lazer, entretenimento e turismo, tendo, nos calçadões lugar principal de uso. Existem espaços públicos de lazer voltados ao turismo, em especial Praia do Futuro, Praia do Meireles, na orla da Avenida Beira-Mar, e Praia de Iracema.

A Praia do Futuro, com oito quilômetros de extensão, é uma das mais demandadas da cidade, tendo se consolidado como um dos principais atrativos turísticos. Aloca-se no litoral leste e faz divisa com a praia do Mucuripe, a oeste, e com a praia do Caça e Pesca/Sabiaguaba, na foz do Rio Cocó, a leste (Figura 1). De acordo com Freire (2015), administrativamente, a Praia do Futuro divide-se em dois bairros: Praia do Futuro I e Praia do Futuro II. São limites da Praia do Futuro I: Rua Renato Braga até a Praça Dom Helder Câmara, anteriormente conhecida como Praça 31 de Março; oceano Atlântico até Rua Trajano Medeiros. A Praia do Futuro II tem limites na Praça Dom Helder Câmara até o rio Cocó e oceano Atlântico até Rua Trajano Medeiros.

Figura 1 – Mapa da Praia do Futuro



Fonte: Google Maps⁵.

Costa (2006) relata que, em 1976, faz-se a ampliação da Avenida Santos Dumont e a abertura das Avenidas Dioguinho e Zezé Diogo, com instalação de clubes de associações profissionais (advogados, médicos, servidores do Banco Central, da Caixa Econômica Federal e da Petrobrás), com aumento do número de frequentadores.

O espaço destina-se ao lazer de residentes e turistas, propício a banhos de mar, caminhada, prática de esportes, dança, *shows* de humor e degustação. O diferencial da praia está nos serviços prestados, em barracas, em adequadas condições de balneabilidade e infraestrutura, que atraem residentes e turistas. As

⁵ Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/@-3.7419751,-38.4288877,13z>>. Acesso em: 10 out. 2017.

barracas, feitas inicialmente de palha de carnaúba, passam por grandes transformações e formam corredor por toda a extensão (Figura 2). Oferecem estrutura confortável, com boa gastronomia, além de duchas, cadeiras para banho de sol, piscinas, salão de beleza, espaço para crianças e lojas de *souvenir*. Nelas há restaurantes que servem variedade de pratos típicos, em especial frutos do mar, com serviços de música ao vivo.

Figura 2 – Vista aérea da Praia do Futuro com destaque das barracas de praia



Fonte: Site Belezas Naturais (2013)⁶.

Apesar de a Praia do Futuro ser ponto turístico relevante de Fortaleza, por atrair muitos residentes e turistas, apresenta em alguns trechos abandono, precariedade e poluição, o que demanda maior atenção do poder público.

A Avenida Beira-Mar situa-se no bairro Meireles, com extensão de três quilômetros e presença de espigões, e é um dos lugares mais animados. Sua construção e posteriormente a do calçadão, na década de 1960, valorizam a orla marítima como principal área de lazer e atraem edificações, clubes, residências secundárias, restaurantes, casas de *shows*. A legislação favorece a verticalização, abrigando hotéis e edifícios com apartamentos de luxo que substituem residências secundárias (Figura 3).

⁶ Disponível em: <<http://belezasnaturais.com.br/belezas-naturais-praia-do-futuro-uma-das-praias-mais-populares-do-ceara/>>. Acesso em: 14 jun. 2017.

Figura 3 – Vista da Avenida Beira-Mar de Fortaleza – sentido oeste



Fonte: Pinheiro (2010).

Ao seguir pela orla da Avenida Beira-Mar, no sentido leste, chega-se às proximidades do Porto do Mucuripe, onde há terminal de passageiros que recebe com frequência turistas trazidos por cruzeiros marítimos (Figura 4).

Figura 4 – Vista da Avenida Beira-Mar de Fortaleza – sentido leste



Fonte: Pinheiro (2010).

Intenso movimento de frequentadores na Avenida Beira-Mar dura o ano inteiro. Na madrugada, veem-se pescadores em jangadas rumo ao mar, e, ao amanhecer do dia, chegam ao calçadão praticantes de caminhada, corrida, ciclismo, treinamento funcional na areia, ginástica e voleibol nas quadras esportivas. Vendedores ambulantes ocupam a orla, para vender água mineral, água de coco e frutas regionais. No decorrer do dia, verifica-se a presença predominante de turistas a degustar guloseimas em barracas no calçadão (Figura 5). No final da tarde, turistas e residentes fazem passeios de barco pela orla, com duração de três horas, e praticantes de esportes ocupam quadras esportivas e calçadões. Opções turísticas de apreciar o pôr do sol em espigões, e fazer compras, em barracas da Feirinha de Artesanato são aproveitadas por muitos. No fim da tarde até a noite, diariamente de 16h30min às 22h, há serviço do Trem da Alegria, voltado ao público infantil que inclui passeios ao ar livre pela orla da Avenida Beira-Mar e avenida adjacente, com músicas infantis, na companhia de personagens da televisão e histórias em quadrinhos. Do anoitecer até as primeiras horas da madrugada, a música regional atrai consumidores, enquanto em bares e restaurantes, há aumento do fluxo de frequentadores, com presença de boêmios e turistas.

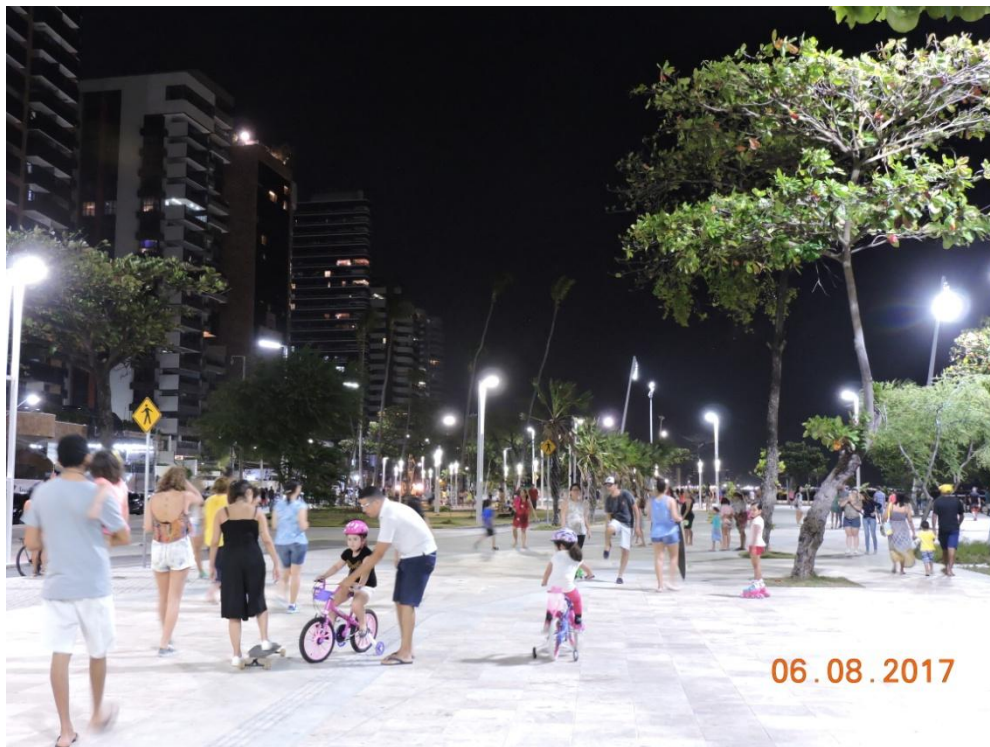
Figura 5 – Vista de barracas de praia no calçadão da Avenida Beira-Mar



Fonte: Pinheiro (2010).

A Avenida Beira-Mar passa por transformações, nas últimas décadas, em decorrência do lazer e turismo. A requalificação⁷ inclui obras de extensão da faixa de areia; extensão e padronização do calçadão, com abrangência da Feirinha de Artesanato; drenagem e pavimentação (Figura 6). Costa (2006) ressalta que, no espaço de lazer e turismo, convivem residências e trabalho, o tradicional e o moderno, o novo e o velho. Assim, apesar das transformações, pescadores resistem à especulação imobiliária e permanecem em práticas e costumes, na ponta do Mucuripe, da pesca artesanal, corridas de jangada, procissão de barcos no dia de São Pedro, quermesses na festa de Nossa Senhora da Saúde e culto à Iemanjá, o que demonstra área diferenciada à vista da tradição, da cultura e da forma de viver e trabalhar dos pescadores.

Figura 6 – Calçadão da Avenida Beira-Mar pós-requalificação, com destaque do lazer de crianças e adultos



Fonte: Pinheiro (2010).

⁷ Segundo Rios (2015), o projeto de requalificação da Avenida Beira-Mar consiste em proposta de intervenção urbana realizada pela Prefeitura de Fortaleza, concebida em 2009 e com implantação iniciada em 2013 e previsão de término em 2015. Esse projeto compreende investimento de ampliação e valorização de polo multifuncional de turismo integrado à dinâmica de desenvolvimento do núcleo central metropolitano. Na perspectiva do Programa de Desenvolvimento do Turismo do Nordeste (PRODETUR/NE), esse projeto objetiva o melhoramento da infraestrutura turística, integrando um conjunto de ações relativas à valorização do patrimônio histórico, cultural e turístico, com a implantação de facilidades de acesso, novos atrativos, conforto e segurança.

Trechos do calçadão da Avenida Beira-Mar pós-requalificação apresentam áreas com grama onde residentes e turistas, adultos e crianças, sentam e usufruem do lazer (Figura 7).

Figura 7 – Calçadão da Avenida Beira-Mar com destaque do lazer na grama



Fonte: Pinheiro (2010).

Apesar de a Avenida Beira-Mar situar-se em área nobre, considerada cartão postal da cidade, há presença de moradores de rua no calçadão, mau odor e sujeira em diversos trechos, o que torna negativa a imagem, demandando maior cuidado do poder público.

A Avenida, além da orla, abriga também espaços de lazer que atraem turistas, Mercado dos Peixes de Fortaleza; Parque Arquiteto Otacílio Teixeira Lima Neto, popularmente Parque do Riacho Maceió; Jardim Japonês e Espigão do Náutico, conhecido Espigão da Avenida Desembargador Moreira. De acordo com o Ministério do Turismo, o Mercado dos Peixes, tornado ponto gastronômico, é construído após reforma da orla, que faz parte da primeira etapa de requalificação da Beira-Mar. A construção ampla e moderna tem dois mil metros quadrados e conta com quarenta e cinco boxes de vendas de mariscos e quatro boxes de frituras (Figura 8). Destaca-se como um dos melhores lugares para compra de peixes e frutos do mar, em termos de custo e benefício, e tem movimentado a economia pela

ocupação da força de trabalho de cerca de duzentas pessoas, além dos dois mil e quinhentos pescadores fazem o abastecimento do mercado (MTUR, 2016).

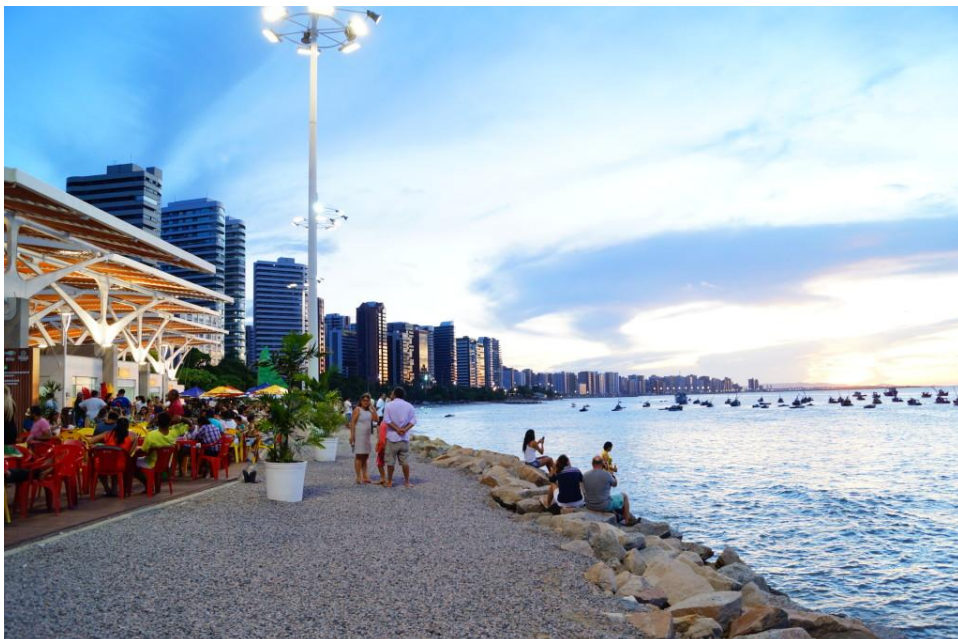
Figura 8 – Vista do Mercado dos Peixes de Fortaleza



Fonte: Gomes (2015)⁸.

No Mercado, residentes e turistas compram produtos em boxes e degustam pratos típicos da gastronomia cearense, preparados na hora. Em área próxima ao mar aprecia-se vista para o mar, pôr do sol e orla de Fortaleza (Figura 9).

Figura 9 – Vista parcial do Mercado dos Peixes de Fortaleza – lado da praia



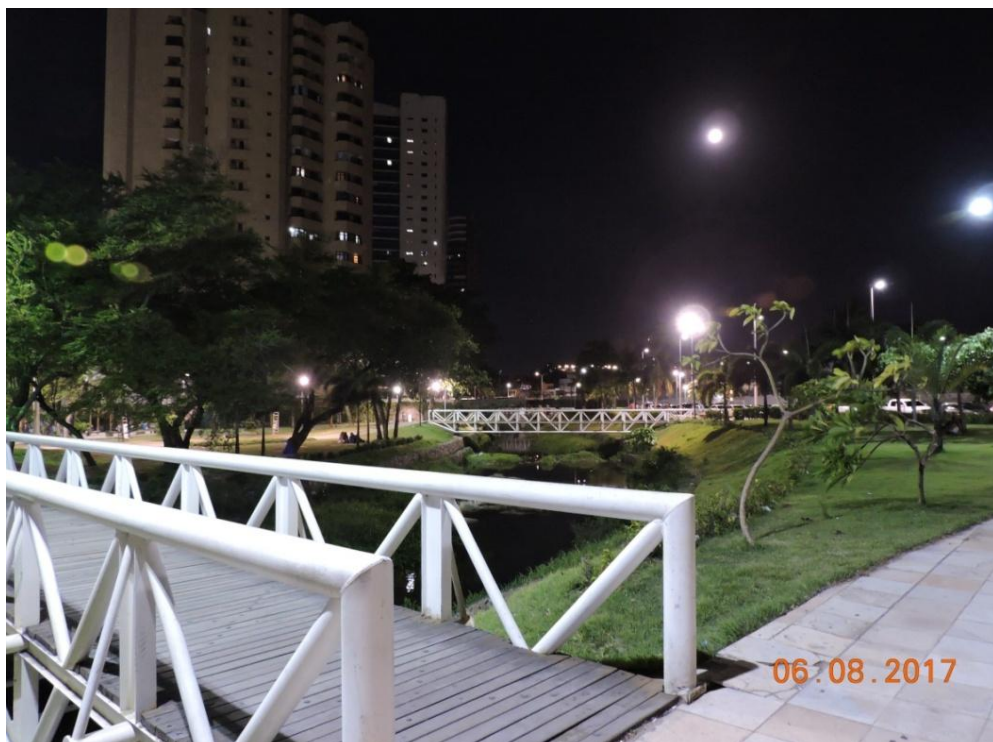
Fonte: Lima (2016)⁹.

⁸ Disponível em: <<http://diarionordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/apos-atraso-obras-do-mercado-sao-retomadas-1.1418856>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

De acordo com a Prefeitura de Fortaleza, o Parque do Riacho Maceió, inaugurado em agosto de 2014, situa-se próximo ao calçadão da Avenida Beira-Mar, com vinte e dois mil metros quadrados (PREFEITURA DE FORTALEZA, 2014). É espaço reordenado, ponto de lazer, recuperado pela Operação Urbana Consorciada (OUC), entre o município de Fortaleza, Secretaria Municipal de Urbanismo e Meio Ambiente (SEUMA) e empresa privada Nordeste Participação e Empreendimento (NORPAR), responsável pela implantação do Parque e manutenção, por dez anos.

A Operação Urbana Consorciada, prevista na Lei nº 8.503/2000, constitui parceria público-privada que permite construções de grandes empreendimentos em troca de melhorias urbanas. O Parque do Riacho Maceió, a Operação Urbana Consorciada revitaliza-o com investimento na recuperação do recurso hídrico e em obras de drenagem, com plantio de árvores adequadas ao entorno e instalação de iluminação apropriada (Figura 10).

Figura 10 – Vista parcial do Parque do Riacho Maceió



Fonte: Pinheiro (2010).

O espaço tem conquistado pessoas, desde a inauguração, por contar com grama adequada a passeios de famílias com crianças e cachorros, lugares adequados para conversas de amigos, piqueniques, rodas de violão, leituras,

⁹ Disponível em: <<https://www.norteandovoce.com.br/turismo/o-novo-mercado-de-peixes-de-fortaleza/>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

ensaios fotográficos, além de área com calçadas e pontes, ideal para caminhada, bicicletas e *skates* (Figura 11).

Figura 11 – Vista parcial do Parque do Riacho Maceió com calçada da Avenida Beira-Mar ao fundo



Fonte: Pinheiro (2010).

O Jardim Japonês, inaugurado em 2011, em homenagem aos duzentos e oitenta e cinco anos da cidade, situa-se aproximadamente no meio da Avenida Beira-Mar, com mil e novecentos metros quadrados, afirma Negreiros (2011). Tem projeto arquitetônico imponente, em estilo japonês, como o próprio nome sugere, com cerca de cinquenta espécies de plantas do projeto paisagista. É lugar agradável para passeio em família, no final de tarde ou à noite (Figura 12).

Figura 12 – Jardim Japonês visto da Orla da Avenida Beira-Mar

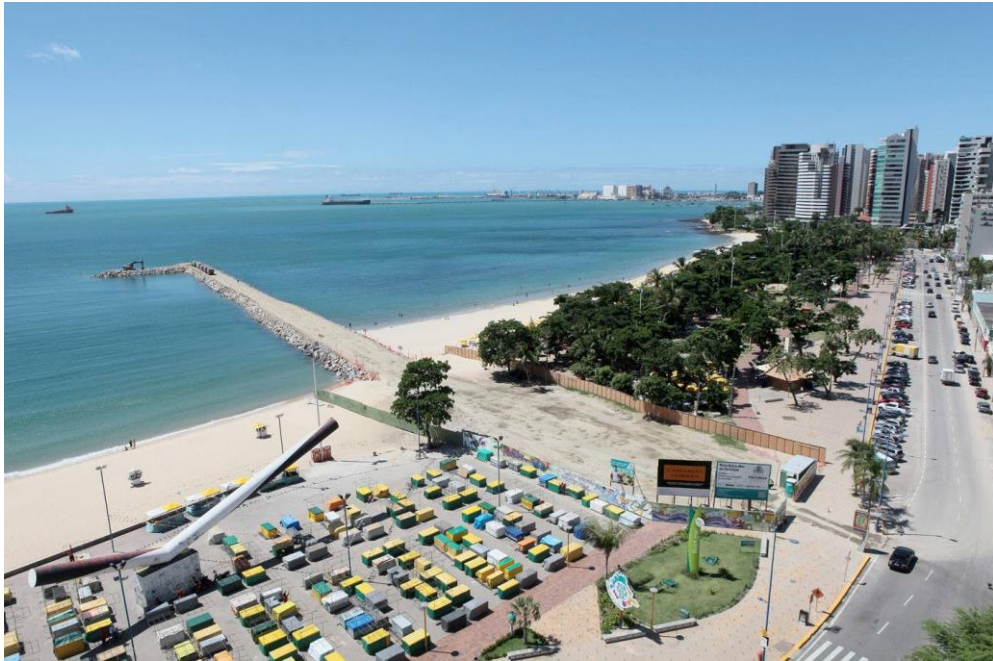


Fonte: Pinheiro (2010).

Apesar da vantagem da proximidade do Jardim à orla da Avenida Beira-Mar, evidencia-se falta de manutenção adequada e insegurança, tendo em vista lâmpadas queimadas ou apagadas, sujeira acumulada e presença de moradores de rua pelos cantos do espaço de lazer.

O Espigão do Náutico, ou Espigão da Avenida Desembargador Moreira, situa-se nas proximidades do calçadão e da Feira de Artesanato. Possui trezentos metros de extensão e dobra de mais de cinquenta metros em forma de ancoradouro, que servirá de atracadouro público para pequenas embarcações (Figura 13). Foi construído para ampliar a faixa de praia, aumentar o espaço da orla e assegurar o aumento da extensão do calçadão da Nova Beira-Mar, como parte do projeto de revitalização/requalificação (PREFEITURA DE FORTALEZA, 2013). Após a construção, o espigão tem se revelado atrativo para famílias, turistas e praticantes da pesca e canoagem, em ondas calmas, afirma Lima (2013).

Figura 13 – Vista aérea do Espigão da Avenida Desembargador Moreira



Fonte: Site Rádio Verdes Mares 810 (2016)¹⁰.

A Praia de Iracema, conhecida Praia do Peixe devido à movimentação de jangadas e pescadores, situa-se no bairro de mesmo nome, nas proximidades do Centro e da Avenida Beira-Mar, e atrai turistas pela beleza da orla. A história do lugar registra o surgimento de serviços, restaurantes, barzinhos e boates, com *shows* de música ao vivo realizados pelos artistas e bandas regionais. Destaca-se o calçadão (Figura 14), onde diariamente há residentes e turistas usufruindo do lazer do espaço, realizando caminhada ou utilizando patins, bicicletas ou *skates*.

¹⁰ Disponível em: <<http://www.verdinha.com.br/noticias/25030/espigao-e-calcadao-da-av-beira-mar-recebem-obras-de-requalificacao/>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

Figura 14 – Vista do calçadão da Praia de Iracema



Fonte: *Site Minuto Ligado* (2013)¹¹.

A Praia de Iracema liga-se à cultura, inspiração de artistas plásticos que a enaltecem em telas a óleo, pintura, poemas e livros. O bairro oferece opções culturais, em especial ofertadas pelo Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, objeto de investigação da dissertação.

Marca forte da praia é o passado histórico. Antes de se fazer atrativo turístico, atrai residentes que constroem, na área, casas de veraneio, por exemplo, da família Magalhães Porto, conhecido palacete do Estoril, tornando-a bairro nobre desde então. Até os anos de 1950, o espaço é área portuária, transferida para o Mucuripe, com a construção do Porto, cujo impacto da construção é o avanço do mar e o processo de erosão atinente às zonas de praia da cidade, incluída a Praia de Iracema, afirma Dantas (2006).

Desde a década de 1940, a Praia de Iracema é frequentada pela boêmia, que contribui para construção da identidade do lugar. Na década de 1990, a área foi restaurada, reordenada e transformada, com valorização dos bens de relevante interesse da cultura, instituídos pelo Patrimônio Histórico e Cultural da Secretaria da Cultura de Fortaleza, o que contribuiu para salvaguarda da memória coletiva. Prédios históricos são tombados, o Estoril, o prédio da Secretaria da Fazenda, o da Caixa Cultural, sendo este último referência à realização de peças culturais e

¹¹ Disponível em: <<http://minutoligado.com.br/musica-e-bem-estar/turismo/viagem-praia-iracema-fortaleza/>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

exposição de obras de arte nas galerias. De acordo com Gondim (2007), em 1994, aprova-se o projeto de recuperação da Ponte dos Ingleses, que conta com Núcleo de Proteção de Golfinhos e Torre de Observação de Cetáceos (Figura 15).

Figura 15 – Ponte dos Ingleses



Fonte: Site Tripadvisor (2012)¹².

Recuperada e urbanizada para uso público, a Ponte dos Ingleses é um dos principais atrativos. No espaço, as pessoas costumam passear e se reunir para assistir ao pôr do sol, tocar violão ou beber com amigos. No período da noite, a ponte conta com policiamento e iluminação pública adequada, que atraem residentes e turistas que desejam ouvir o som das ondas batendo nas pedras e contemplar a orla da Praia de Iracema (Figura 16).

¹² Disponível em: <https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g303293-d2342663-i66424458-Ingleses_Bridge-Fortaleza_State_of_Ceara.html>. Acesso em: 15 jun. 2017.

Figura 16 – Vista aérea da Ponte dos Ingleses

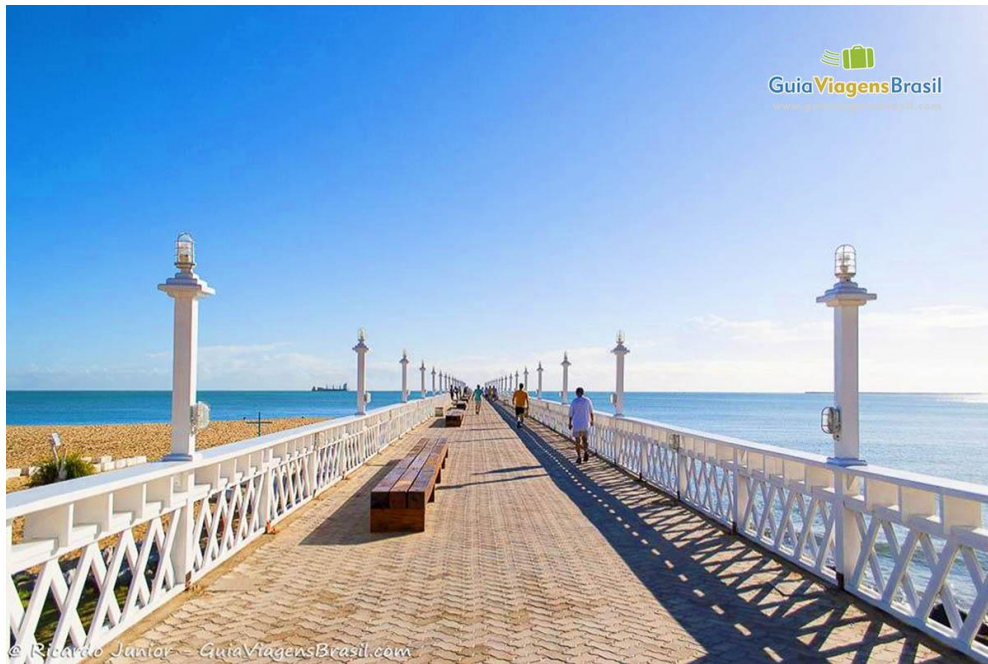


Fonte: *Site Veja no Mapa* (2013)¹³.

Além da Ponte dos Ingleses, há dois espigões: da Avenida Rui Barbosa e da Rua João Cordeiro, construídos inicialmente com o propósito de conter a areia do aterro, posteriormente transformados em pontos turísticos, com vista panorâmica para o mar e orla. Afirma Trigueiro (2011), que o Espigão da Avenida Rui Barbosa, ou Espigão de Iracema, tem duzentos e trinta metros de extensão, fica próximo ao aterro da Praia de Iracema, no início da Avenida Beira-Mar, conta com bancos de madeira, piso, guarda-corpo e iluminação pública (Figura 17), é propício para caminhada ao ar livre, passeio e fotos da orla.

¹³ Disponível em: <<http://vejanomapa.net.br/ponte-dos-ingleses-fortaleza-ce/>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

Figura 17 – Espigão da Avenida Rui Barbosa



Fonte: Site Guia Viagens Brasil (2017)¹⁴.

Em publicação da Prefeitura de Fortaleza, consta o Espigão da Rua João Cordeiro, inaugurado em 2012, com seiscentos e quarenta metros de comprimento. É espaço para contemplação, lazer, pesca, e faz parte do projeto cujo cerne é o resgate de identidade da Praia de Iracema, patrimônio material e imaterial, na história, poemas, canções, livros (PREFEITURA DE FORTALEZA, 2012). A proteção à praia remete ao desenvolvimento sustentável, promoção do turismo sustentável, valorização do lazer e da cultura. Durante observação na pesquisa de campo, foi possível constatar no espigão bancos de madeira, piso, guarda-corpo e iluminação pública, com 128 pontos de luz. Tem-se a atração Livro Urbano de Iracema, que reúne dezoito peças, cada uma com mais de dois metros de altura, trechos do livro Iracema, de José Alencar, para divulgação da literatura cearense (Figura 18).

¹⁴ Disponível em: <<http://www.guiaviagensbrasil.com/blog/roteiro-completo-de-3-5-e-7-dias-por-fortaleza-e-arredores/>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

Figura 18 – Espigão da Rua João Cordeiro



Fonte: Site Nikipiadia (2014)¹⁵.

Na Praia de Iracema, situa-se o Bar do Pirata, cuja programação “a segunda-feira mais louca do mundo” contribui para a animação da vida noturna, atraindo turistas. Sua estrutura diferenciada representa opção para diversão, com bandas de forró e apresentações de danças típicas da região, em especial forró.

Há também espaços públicos de lazer fora de ambiente de praia, nas proximidades da rede hoteleira, que se destacam pela atração de residentes e turistas. No Centro, a Praça dos Mártires, popularmente Passeio Público, é uma das mais antigas da cidade. Apesar de abandonada pelo poder público durante muito tempo, o Passeio Público é restaurado e entregue à população em 2007, com chamamento a residentes e turistas pelo lazer que oferece, com vista para o mar, café, restaurante e programação de lazer, além de atrativos naturais, jardins e árvores centenárias que dão sombra e ambiente agradável em momentos recreativos de famílias e grupos sociais (Figura 19).

¹⁵ Disponível em: <<http://nikipiadia.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

Figura 19 – Praça dos Mártires (Passeio Público)



Fonte: Pinheiro (2010).

A Praça Luíza Távora, conhecida Praça da CEART (Central Cearense de Artesanato), conta com estrutura para lazer, prática de esportes e divulgação cultural, além de ponto de comercialização do artesanato. Na CEART, encontra-se à venda variedade de artesanato, com produtos de qualidade fornecidos pelos artesãos cadastrados no Governo do Estado ou em cooperativas. Apresenta-se como lugar inclusivo, por contar com condições de acessibilidade para toda a população, rampas, faixas de pedestres e pisos, permitindo acesso de idosos e de pessoas com mobilidade reduzida.

O espaço desperta as pessoas de todas as idades, por conter equipamentos de ginástica acessíveis, voltados aos idosos; piso adequado para caminhada e corrida de jovens e adultos; pista de *skate* e *bicicross* para os jovens e parque infantil adequado a crianças, na primeira infância (Figura 20). Além disso, conta com estação de bicicletas e carros compartilhados, Santuário de Nossa Senhora de Fátima, fábrica de produção de livros em braille e lanchonete. No vagão de trem exposto, funciona café e biblioteca, em cujas janelas, se apresenta coral na temporada natalina.

Figura 20 – Praça Luíza Távora (Praça da CEART)



Fonte: Santos (2017)¹⁶.

A Praça Doutor Carlos Alberto Studart Gomes, popularmente Praça das Flores, com área de aproximadamente vinte e dois mil metros quadrados, é outro espaço público de lazer. Conta com iluminação e piso adequados, quiosques onde se vendem plantas, banheiros públicos, quadra poliesportiva e banca de revista. Há atrativos para todas as idades, parquinho para crianças, academia ao ar livre para jovens, adultos e idosos, venda de flores em boxes padronizados e atividades relacionadas à saúde e ao lazer (Figura 21). Espaço reordenado em parceria público-privada entre a Prefeitura de Fortaleza e o grupo BSPAR Incorporações.

¹⁶ Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/to-na-praca-leva-aco-es-ao-bairro-aldeota-1.1739865>>. Acesso em: 15 out. 2017.

Figura 21 – Praça Doutor Carlos Alberto Studart Gomes (Praça das Flores)



Fonte: Pinheiro (2010).

A Praça Portugal situa-se no cruzamento das Avenidas Dom Luís e Desembargador Moreira, no bairro Aldeota (Figura 22). Em área rica da Metrópole, concentra a rede hoteleira nas imediações. Segundo Cordeiro (2016), é aberta em 1947 e inaugurada definitivamente em 1968. Em formato circular, o projeto tem a autoria da arquiteta e paisagista Maria Clara Nogueira Paes, considerado um dos melhores de praça pública do Brasil, com publicação no Quadro do Paisagismo no Brasil/Edição Faculdade de Arquitetura e Urbanismo USP. Apresenta espaço de lazer e beleza peculiar que a fazem atrativa, principalmente na época natalina, quando da construção, no centro, da grande árvore de Natal, com características pertinentes à identidade, iluminação expressiva marcante, atraindo residentes e turistas para closes fotográficos.

Nos finais de semana, à noite, é frequentada pelos jovens. Em julho de 2017, a praça recebeu o Projeto Vós na Praça aos domingos, quando se realizam atividades culturais, esportivas e recreativas gratuitas. A prática do lazer ao ar livre, com ocupação saudável dos espaços públicos, combate o sedentarismo e valoriza a cultura. Atividades físicas, alongamento, ginástica rítmica, zumba e dança de salão, atividades de lazer infantil, brincadeiras, contação de histórias, esculturas em

balões, pintura em gesso e pintura facial, apresentações musicais; espaço gastronômico, com *food trucks*, e espaço para animais de estimação são realizados.

Figura 22 – Praça Portugal



Fonte: Site Revista Vós (2016)¹⁷.

O Parque Ecológico do Rio Cocó é unidade de conservação estadual urbana, com área de aproximadamente doze quilômetros quadrados, bioma de mangue, fauna e flora ricas e diversificadas, com espécies de vida animal e vegetal, endêmicas e ameaçadas, tornando-o herança cultural e ecológica mais importante da cidade. É um dos maiores parques urbanos da América Latina e importante área verde da cidade, com floresta que contorna quarenta e dois quilômetros do Rio Cocó. Ajuda a reduzir a temperatura, além de formar bacia protetora que previne enchentes durante as chuvas.

O Parque é espaço público de lazer de excelência, atrai residentes da cidade que buscam contato com a natureza, e turistas interessados no segmento de turismo ecológico. Há anfiteatro, espaço para passeio, caminhada, corrida, ciclismo e arvorismo, bem como parques infantis, e trilhas guiadas que atraem pessoas que buscam contato com a natureza, pessoas em companhia de animais de estimação, passeios pelo parque, passeios de barco para conhecimento do Rio Cocó em trecho de vinte minutos, entre pontes das Avenidas Sebastião de Abreu e Washington Soares. Eventualmente, ocorrem eventos culturais e *shows* no espaço de lazer. Aos domingos, acontece o projeto Viva o Parque, coordenado pela Secretaria do Meio

¹⁷ Disponível em: <<http://www.somosvos.com.br/praca-portugal-o-circulo-no-coracao-da-aldeota/>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

Ambiente do Estado (SEMA), programado para o ano de 2017, com possibilidade de prorrogação (Figura 23).

Figura 23 – Programação do mês de agosto do projeto Viva o Parque



Fonte: Pinheiro (2010).

Nas manhãs de domingo, há concentração de crianças brincando em vários espaços, aproveitando o lazer oferecido pelo projeto Viva o Parque (Figura 24).

Figura 24 – Crianças brincando no Parque do Cocó em domingo do projeto Viva o Parque



Fonte: Pinheiro (2010).

Também há presença de adultos em piquenique, usufruindo das sombras das árvores e da tranquilidade do lugar para conversas descontraídas e leitura (Figura 25).

Figura 25 – Adultos reunidos usufruindo do lazer do Parque do Cocó em domingo do projeto Viva o Parque



Fonte: Pinheiro (2010).

Preza-se pela educação ambiental, associa-se a ocupação do espaço público à preservação, e são oferecidos gratuitamente passeios em trilhas cercadas de área verde (Figura 26), atividades de recreação, esportivas e culturais e brincadeiras, aeróbica, zumba, ioga, biodança, *tai chi chuan*, dança de salão, capoeira, *slackline*, arvorismo, jogos coletivos, apresentações culturais, aulas de circo, pintura facial, contação de histórias, teatro de bonecos, teatro de rua, malabares, arvorismo, brincadeiras tradicionais de pipa, bola de gude, elástico e cirandas.

Os passeios duram em média quarenta minutos, monitorados pelos profissionais qualificados que descrevem a biodiversidade da área, mostrando também a importância da preservação da natureza contando histórias e curiosidades sobre o lugar. Para incentivar o plantio de árvores, há oficinas de jardinagem, plantação vertical, bomba de semente e defensivos, e oficinas de resíduos sólidos, ensino de reutilização de materiais recicláveis e separação de lixo.

Figura 26 – Visitantes passeando pela trilha do Parque do Cocó em domingo do projeto Viva o Parque



Fonte: Pinheiro (2010).

Reconhecidamente, Fortaleza é metrópole que oferece diversas opções de lazer aos residentes, destacando-se os espaços próximos às praias. Com a recuperação de praças, observa-se que muitas pessoas têm buscado o lazer nesses espaços, onde se encontra ambiente propício para atividades físicas, áreas voltadas ao lazer de crianças e jovens e muitas vezes programação especial. Com relação ao lazer em espaço próximo à natureza, o Parque do Cocó atende bem à demanda, pois além de sua longa extensão, há diversas atividades que atraem grande número de visitantes.

Entretanto, um dos maiores entraves para os usuários dos espaços públicos de lazer é a insegurança vivida na Metrópole. Também, percebe-se que em vários espaços há carência de manutenção e limpeza adequadas.

Com a diversidade de boas opções oferecidas aos residentes, amplia-se o potencial turístico, por atrair também visitantes que buscam contato com praias, residentes e natureza. Assim, confirma-se o que afirma Coriolano (1998), “o lugar só pode ser bom para o turista se for bom também para o residente”.

2.1 ÓCIO COMO NECESSIDADE HUMANA E INVENÇÃO DO LAZER

Ócio e lazer, algumas vezes, se confundem e são empregados como sinônimos. É certo que têm significados diferentes, embora fortemente relacionados. No turismo, conceitos de ócio e lazer se ligam às atividades de viagem. Para melhor entendimento, faz-se necessário compreensão de referidos conceitos.

O termo ócio vem do latim *otium*, que significa fruto das horas vagas, do descanso e da tranquilidade. Segundo Aquino e Martins (2007), o ócio é tão antigo quanto o trabalho. O homem cansado pelo trabalho saía para desopilar, entreter-se, recrear. Para Ortega (2000, p. 165), “a ideia de descanso como prêmio ao trabalho está presente nas mais remotas civilizações e, certamente, em todas as concepções religiosas”.

Ócio é necessidade humana fundamental, não pressupõe consumo e faz parte da vida de todos, sem distinção de classe, raça, cor ou credo. É invenção do ser humano e tem forte caráter subjetivo, pois está relacionado com a percepção de quem o realiza, sendo forma de aproveitar parte do tempo, de acordo com a vontade e na intimidade de cada um. Coriolano (2016) afirma que a prática do ócio depende do estado físico, emocional, intelectual e espiritual e também dos valores de cada pessoa. Ao separar o trabalho do ócio, estabelecem-se, assim, momentos de produção e consumo de lazer. Segundo Coriolano (2016, p. 5), “o ócio é invenção humana, atende exclusivamente à necessidade humana, não ao mercado”.

Sobre desenvolvimento da escala humana, Max-Neef (2012) propõe modelo em que destaca a relação dialética, entre necessidades, satisfatores e bens econômicos. Segundo o autor, “as necessidades existenciais são: de ser, ter, fazer e estar; e as necessidades axiológicas: de subsistência, proteção, afeto, entendimento, participação, identidade, liberdade, ócio e criação”. Ressalta Max-Neef (2012) que as necessidades humanas são apenas essas, em todos os lugares e em todos os tempos, o que muda são os satisfatores ou formas de alcançá-las. Além disso, para o autor, o ócio é necessidade básica, é gratuito, libertador, pode ser usufruído sem interferência do Estado, mercado, empresas e consumo e por isso não pode ser anulado. O trabalho não é necessidade, é satisfator, ou seja, é forma de satisfação de diferentes necessidades, assim como alimentação, vestimenta, moradia, veículo, escola, livro, computador, celular, entre coisas utilizáveis; e os bens econômicos são apenas satisfatores capazes de satisfazer as necessidades

existenciais e axiológicas. Para os autores, os satisfatores definem o modo de vida da sociedade.

Ócio é direito à preguiça, como significado de repouso, descanso e tranquilidade, sem conotação pejorativa de aversão ao trabalho, inutilidade, improdutividade e gosto pela malandragem, imposta pela sociedade. Na Europa, o francês Paul Lafargue escreveu 'O Direito à Preguiça', manifesto publicado originalmente em 1880. O autor reconhece o ócio, exalta a preguiça, e subestima o trabalho. Expõe que o trabalho deve ser a essência do homem, porém discorda do trabalho realizado com paixão, afirmando que a postura fortalece a divisão de classes.

Além disso, o autor critica o trabalho assalariado considerando-o forma de exploração, por considerar que os operários estão na condição de dominados pelo trabalho, e os instiga a não trabalhar para não contribuir com a acumulação, conscientizando sobre o trabalho no contexto da economia capitalista. Considerando extensas jornadas de trabalho impostas que implicam prejuízos, em diversos aspectos, na saúde e na vida social, e a necessidade de interação das pessoas com a natureza, satisfazendo as necessidades vitais pela capacidade criativa e inventiva, o autor evidencia a necessidade de tempo livre, ou de ócio, para operários submetidos às jornadas e, muitas vezes, a péssimas condições de vida. Nesse sentido, Russel (2002) afirma que o trabalho não é o objetivo principal da vida humana, pois se fosse, a maioria das pessoas gostaria de trabalhar. Diz Max-Neef (2012), que a idolatria ao trabalho gera a sociedade de consumo, ganância, ambição e segregação e muitos buscam superá-la, em favor do convívio simultâneo entre trabalho, ócio, lazer com privilégio da amizade, partilha e atividades lúdicas em convivência saudável. Muitos fazem do trabalho momento de prazer, alegria, convívio e lazer e são privilegiados, para a maioria, trabalho é fardo pesado.

Durante muito tempo, ócio foi condenado, pois ao capitalismo não interessava perda de tempo, mas trabalho, comércio e consumo. Diferentemente, De Masi (2000) enaltece o ócio e o considera elemento construtivo da humanidade, a partir de que, determina o conceito de ócio criativo, ressaltando "tempo", ou estado de espírito, necessários e fundamentais à produção de ideias e desenvolvimento da criatividade. Assim, afirma De Masi (2000):

A plenitude da atividade humana é alcançada somente quando nela coincidem, se acumulam, se exaltam e se mesclam o trabalho, o estudo e o jogo [...] E é o que eu chamo de 'ócio criativo', uma situação que, segundo eu, se tornará cada vez mais difundida no futuro (DE MASI, 2000, p. 148).

Ócio associa-se a tempo livre, podendo significar não fazer nada, assim como momento de lazer para descanso e relaxamento ou de preguiça. De acordo com Coriolano (2006), o tempo livre é vinculado ao trabalho, pois sem trabalho, o tempo não será livre, estará sempre desocupado. No tempo livre, o trabalho não está presente, mas remunera-o, enquanto no desocupado, o tempo é todo desocupado, sem trabalho e sem remuneração. Para De Masi (2000), tempo livre é difícil de ser administrado porque não existe modelo de vida e de sociedade baseado no tempo livre, pois todos os modelos ocidentais de vida e de sociedade fundamentam-se no tempo de trabalho.

Afirma Coriolano (2016) que, em comunidades primitivas, o trabalho era realizado sem exagero e sem preocupação com a acumulação, como forma de satisfação de subsistência, o que dignificava o trabalhador; e o ócio era realizado como necessidade cuja prática dependia apenas da vontade pessoal, criatividade voluntária e libertadora, essencial à realização humana. Segundo De Masi (2000), até o advento da indústria, "os aristocratas, proprietários de terras e intelectuais não trabalhavam". Depois, o trabalho, antes castigo para escravos, passa a privilégio.

Com a sociedade industrial, o trabalho passou a ser realizado em forma de acumulação, renegando o ócio, transformando-o em negócio. A modernidade capitalista, desde o século XVI, expandiu a jornada de trabalho até os limites do fisicamente suportável, desencadeando o empobrecimento maciço registrado pela história, conforme Kurz (2000). O autor acrescenta:

Foi apenas muito paulatinamente e pagando o preço de renhidas lutas sociais, que a jornada de trabalho reduziu-se outra vez, ainda que minimamente, a partir do final do século XIX. Mesmo na atualidade, porém, a maioria dos assalariados no moderno sistema mundial tem jornada de trabalho mais longa do que o agricultor, artesão ou escravo da Idade Média (KURZ, 2000, p. 39).

Com a ascensão do capitalismo como sistema social e econômico, os indivíduos são gradualmente atraídos ao trabalho fabril e urbano, e o tempo passou a ser controlado pelo calendário e cronômetro. Nesse sentido, Thompson (1999) afirma:

Logo que o tempo começou a ser disciplinado pelos objetivos de aumentar a produção de mercadorias, houve uma certa troca: os sacrifícios feitos no presente eram trocados pela promessa de um futuro melhor. A noção de progresso, elaborada pelas filosofias iluministas da história e pelas teorias sociais da evolução, foi sendo experimentada no dia-a-dia da vida como o enorme hiato entre a experiência passada e presente, de um lado, e os horizontes continuamente mutáveis das expectativas associadas ao futuro, de outro (THOMPSON, 1999, p. 40).

Diz Gondim (2006) que o aperfeiçoamento e a disseminação de invenções, mapa, cronômetro e calendário, foram precursores da tendência à homogeneização do espaço e do tempo. Com a revolução industrial e instituição do trabalho assalariado, o tempo passa a ser contabilizado e objetivado para a produção, comercialização, não se admitindo a utilização, de forma improdutivo, de ócio ou lazer.

A sociedade moderna industrial separa o tempo do trabalho do tempo de descanso e transforma o trabalho em centralidade. No entanto, Coriolano (2014) afirma que, na sociedade flexível, pós-moderna, o lazer passa a ser nova centralidade. Os indivíduos, ao esgotamento de forças com o trabalho, buscam descontração, despreocupação e relaxamento, procurando entreter-se e descansar em meio ao trabalho.

Segundo Coriolano e Parente (2012), no senso comum, lazer está ligado a descanso e divertimento, sendo descanso restrito apenas à recuperação de forças laborais e divertimento ligado ao consumo. A concepção de lazer muda com o período histórico, e tem implicações diferenciadas no modo de vida dos indivíduos. À análise, em sentido amplo, o conceito de lazer vai além de simples reposição da força laboral, pois representa a possibilidade de ócio, introspecção e reflexão. Lazer é, ao mesmo tempo, imaginação e extravasamento; é o não trabalho aproveitado como descanso, distração, satisfação e prazer. Lazer envolve necessidade básica e direito do cidadão e se refere ao desenvolvimento da capacidade formativa e criativa, à aprendizagem e ao crescimento humano. Conforme Coriolano (2008, p. 28), “lazer pode e deve ser identificado como uma ação cultural, uma oportunidade para a participação democrática e de desenvolvimento pessoal e social”. Acrescenta Carlos (2001):

Na contemporaneidade o lazer é mediado pela mercadoria, que faz com que o cidadão, longe de se apropriar socialmente da cidade, através de brincadeiras, dos jogos, do ócio, se veja obrigado ao consumo da diversão (CARLOS, 2001, p. 40).

O lazer como mercadoria associa-se a consumo. É entretenimento para descontração, relaxamento, recuperação das energias, que exige consumo caro. De acordo com Coriolano (2016), dificilmente se faz lazer sem consumir, pois o foco é o consumo. Passa o lazer a ser um campo vasto de exploração de negócios lucrativos.

Segundo Kurz (2000), considerando a invasão do lazer pela ditadura do trabalho, à medida que o tempo livre aumenta na vida, este foi imediatamente ocupado pela finalidade própria do capital: a indústria da cultura e indústria do lazer ocuparam e colonizaram o tempo penosamente conquistado e concedido fora do espaço funcional abstrato. Assim, o tempo de lazer não consiste em tempo liberado, pois não está à livre disposição, mas se transforma em espaço funcional secundário do capital. Não se trata de ócio, no sentido antigo, mas de tempo funcional para o consumo permanente de mercadorias. Ironicamente lazer torna-se, para o consumidor, continuação do trabalho por outros meios, e, dessa forma, não apenas quando ganha dinheiro, mas também quando o gasta, o homem capitalista é trabalhador. Dado isso afirma Santos (2000):

Cria-se um lazer que tende mais a agir sobre as sociedades do que vice-versa, e que tende a plasmar o gosto, a domesticar o uso do tempo, a mobilizar em seu favor os recursos disponíveis agora e no futuro, a conformar expectativas e a impor e reforçar imagens do mundo e do outro (SANTOS, 2000, p. 32).

A definição de lazer de Dumazedier (1980) destaca a liberdade de escolha dos indivíduos, no momento da escolha das atividades, conforme se diz:

Lazer é o conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 1980, p. 19).

Considerando lazer em oposição a trabalho, afirma Dumazedier (2004), existem tipos de trabalho não especificamente profissionais: doméstico, atividades de manutenção, alimentação, higiene pessoal e sono, atividades rituais, obrigações familiares, reuniões políticas e atividades ligadas a estudos. Assim, lazer define-se não como oposição apenas ao trabalho, mas também ao conjunto de necessidades e obrigações do cotidiano. Nesse sentido, Coelho (2000, p. 143) afirma que “o lazer não se opõe apenas à ocupação, mas também à recreação – *anapausis* – a pausa

ocupada com alguma coisa. O lazer é algo mais elevado que a ocupação e é o objetivo para o qual toda ocupação deve conduzir”.

Camargo (2006) concorda com Dumazedier, ao afirmar que as atividades de lazer são, pois, desinteressadas, liberatórias, escolha pessoal, na busca de algum prazer. Entretanto, as atividades são influenciadas pela imposição da sociedade sobre o que é considerado diversão, e o que deve ser consumido. Assim, escolhas individuais de lazer são influenciadas pelas pressões da família, comunidade ou pela religião, apesar de cada sujeito ser responsável por si próprio, e ter a liberdade de opção de usar o tempo livre em atividades de lazer. Coelho (2000) considera que “lazer não é o contrário de atividade, lazer é a forma mais elevada da atividade”.

Lazer – *scholé* – não é o contrário de atividade, mas o contrário de ocupação – *ascholia* – aquele tipo de atividade realizada não para si mesma, como a atividade do lazer, mas para se conseguir alguma outra coisa (COELHO, 2000, p. 143).

De acordo com Santos (2000, p. 31), “lazer é um fenômeno imemorial e é um fenômeno moderno” que não deve ser considerado isoladamente. Bramante (1998) considera lazer fenômeno típico decorrente, sobretudo, dos efeitos da revolução industrial, agravado pelo crescente processo de urbanização das cidades. E, nesse sentido, também afirmam Melo e Alves Jr. (2012) que o lazer é um fenômeno que emerge no conjunto de mudanças que marcam a construção do ideário e imaginário da modernidade. Ressalta Bramante (1998) que os conceitos decorrentes da influência europeia dos anos 1970 e 1980, vindos da sociologia, e os oriundos da influência norte-americana, nos anos 1980 e 1990, vindos da psicologia, apontam características resultantes da vivência do lúdico, eixo fundamental do lazer, ao explicar:

O lazer se traduz por uma dimensão privilegiada da expressão humana dentro de um tempo conquistado, materializada através de uma experiência pessoal criativa, de prazer e que não se repete no tempo/espaço, cujo eixo principal é a ludicidade. Ela é enriquecida pelo seu potencial socializador e determinada, predominantemente, por uma grande motivação intrínseca e realizada dentro de um contexto marcado pela percepção da liberdade (BRAMANTE, 1998, p. 9).

À menção da dimensão lúdica, faz referência ao não trabalho como essencial à vivência da essência humana, diante da conquista do tempo da não obrigação, para que o indivíduo exercite a face humana da vida plena. Considera-se a experiência realizada com qualidade, representada pelo fenômeno pessoal dotado

de criatividade e prazer, como atributos básicos do lazer. E, nesse sentido, considera-se a ludicidade, ou seja, a forma de desenvolver a criatividade, eixo principal do lazer. Quanto à ludicidade, afirma Coelho (2000) que o lúdico, no geral, relaciona-se mais diretamente com um lado da vida que é o da ocupação. Assim, o lúdico existe para contrabalançar a ocupação, para tanto foi concebido, condição em que é desfrutado. Acrescenta ainda o autor que “o lúdico produz uma sensação de alívio depois do esforço, depois da tensão. O prazer que o lúdico proporciona produz o relaxamento, o descanso”. Além disso, destaca-se o potencial socializador da relação entre o indivíduo, com a motivação e a percepção de liberdade, e o ambiente. Nessa relação, observa-se mútua influência, o que resulta no envolvimento das pessoas no lazer. Bramante (1998), nesse sentido, expõe:

Se a experiência de lazer é pessoal não se pode negar seu potencial socializador, capaz de reunir pessoas em uma atmosfera favorável de alegria, na qual as pessoas comungam desejos e necessidades semelhantes no tempo do não trabalho (BRAMANTE, 1998, p. 12).

A compreensão de lazer é de caráter subjetivo e se relaciona à percepção individual da pessoa, podendo-se afirmar que o que é lazer para uma pessoa, pode não ser para outra, e, para mesma pessoa, o que é lazer, em determinado momento, poderá deixar de ser minutos após, devido aos inúmeros fatores intervenientes que compõem experiência de lazer.

Em Padilha (2000), o lazer é entendido em variáveis básicas: tempo e atitude. De acordo com a variável atitude, lazer é concebido como estilo de vida, configura-se como relação entre sujeito e experiência de vida, de forma a propiciar satisfação. A variável tempo relaciona-se à ideia de tempo livre, disponível após cumprimento de obrigações sociais, e restringe os momentos de lazer a períodos desassociados das obrigações do trabalho.

Andrade (2001) afirma que o lazer contribui para criar condições propícias ao bem-estar individual e social, as quais colaboram para a formação particular e coletiva dos indivíduos, cooperando, assim, com o desenvolvimento da sociedade, em diferentes esferas. Diz Coelho (2000) que o princípio básico que orienta a ideia de lazer é:

Uma necessidade para o desenvolvimento do bem em si tanto quanto para a implementação das atividades políticas, isto é, das atividades que dizem respeito à convivência humana na polis, na cidade – convivência humana organizada e que busca proporcionar a construção de cada um por si mesmo e a construção da comunidade por todos e cada um (COELHO, 2000, p. 142).

O trabalho é estruturante da vida social quando desenvolvido de forma adequada, para o que se exige tempo livre e lazer, contribuindo para a qualidade da vida humana. Se absorver a vida do indivíduo de forma que leve à perda de qualidade, deixa de se tornar necessidade e passa à condição de sobrevivência.

Sobre o exposto, considerando a necessidade humana, verifica-se que é imprescindível e salutar que as pessoas encontrem tempo livre de trabalho e obrigações para se dedicarem a si mesmas, em atividades de lazer que lhes promovam bem estar e as façam sair da rotina, para equilíbrio das obrigações com a recreação. O turismo é opção de prática de lazer em viagem, tendo em vista que os turistas, no tempo livre, se ocupam de atividades, desfrutando de lugares, do patrimônio cultural, das peculiaridades, da gastronomia, de festas e da natureza, de forma a experimentar bem-estar e sensação de quebra de rotina.

2.2 O TURISMO NA METRÓPOLE PARA ALÉM DO SOL E PRAIA

Fortaleza, capital do estado do Ceará, é MetrÓpole que se destaca em níveis regional e nacional, o que decorre, entre fatores, da expressão socioeconômica adquirida nos últimos anos, sobretudo, pela atividade turística. Sua posição geográfica privilegiada contribui para que seja um dos principais destinos turísticos do Nordeste. Dessa forma, as condições geográficas são trabalhadas em políticas e planos governamentais, no favorecimento do turismo, a exemplo da longitude da costa, condições geomorfológicas e variedade de espaços geográficos inexplorados economicamente.

Segundo o IBGE, no cálculo do PIB referente a 2014, divulgado em 2016, Fortaleza apresentou R\$ 56,7 bilhões, respondendo por quase metade do PIB do Ceará (45%), em superação não apenas de capitais, mas de alguns estados brasileiros, conforme Tabela 1. Além disso, a MetrÓpole apresenta maior PIB entre as capitais do Nordeste e, desde 2010, ocupa o oitavo lugar entre as capitais do Brasil, tendo ocupado o nono lugar nos anos de 2008 e 2009 (IBGE, 2016).

Tabela 1 – Comparativo do PIB (2014) entre Fortaleza e Estados Brasileiros

Comparativo do PIB (2014) entre Fortaleza e Estados Brasileiros	
Fortaleza	R\$ 56,7 bilhões
Rio Grande do Norte	R\$ 54 bilhões
Paraíba	R\$ 52,9 bilhões
Alagoas	R\$ 40,9 bilhões
Piauí	R\$ 37,7 bilhões
Sergipe	R\$ 37,4 bilhões
Rondônia	R\$ 34 bilhões
Tocantins	R\$ 26,1 bilhões
Acre	R\$ 13,4 bilhões
Amapá	R\$ 13,4 bilhões
Roraima	R\$ 9,7 bilhões

Fonte: IBGE (2014).

Metrópole é cidade ou aglomeração, com elevado grau de urbanização de espaços, o que representa a ideia de hierarquia e exerce influência e poder de comando sobre outras e gera campo de dependência e subordinação econômica, política e social, em lugares e regiões, afirma Pena (2015).

Fresca (2011) considera o conceito de metrópole polissêmico, com diferentes interpretações, discutido pelos diferentes autores, desde o final do século XIX. Segundo a autora, em distintas interpretações, identifica-se que estas reúnem ideias semelhantes e diferentes entre si. De modo geral, há dois enfoques predominantes: análise da funcionalidade metropolitana, ou seja, atividades econômicas em diversas escalas de atuação; e análise de distintos aspectos da complexa produção do espaço urbano metropolitano.

A partir dos anos de 1990, o debate sobre metrópoles volta a ter evidência, com destaque de terminologias e diferentes enfoques, graças ao entendimento de Davidovich (2004) e aos direcionamentos de políticas do Banco Mundial que passa a focalizá-las como motor do crescimento econômico, privilegiando metrópoles na etapa em que a globalização se expande, com novos campos de investimentos, no enfrentamento de sucessivos momentos de crises econômicas.

Fresca (2011), ao abordar funcionalidade da metrópole, afirma que a sua classificação envolve critérios, cujo foco principal é a funcionalidade. A área de influência da metrópole estabelece-se pelo sistema de transporte, comunicação, comércio e migrações pendulares, enquanto a especialização funcional é

determinada pela produção, circulação e mercado de trabalho. Do ponto de vista econômico, agências e órgãos estatais, com as competências, são elementos de análise da metrópole.

Segundo o IBGE (2008), Fortaleza exerce influência para além do Ceará, nos Estados do Piauí, Maranhão e Rio Grande do Norte, o que a faz consolidar-se como metrópole regional. De acordo com Lima (2014), as populações de estados vizinhos leem jornais cearenses e procuram a metrópole para aquisição de produtos e serviços, realização de tratamento de saúde e cursos superiores e utilização do aeroporto internacional. Também, destino turístico dos mais desejados do país, Fortaleza atrai turistas de estados vizinhos, fortalecendo o setor de serviços na economia.

Afirma Fresca (2011) que as metrópoles são espaços financeiros privilegiados que concentram sedes sociais de bancos e, de modo hierárquico, estabelecem controle sobre vastos territórios e países. O poder econômico é exercido em diferentes manifestações, sendo o poder de comando a principal característica da metrópole. A autora mostra que o poder de comando realiza-se

Pelo fato: de ser a sede do poder oficial, exercido através da administração burocrática; pela densidade e importância dos equipamentos coletivos; pelos recursos da população mediante impostos e taxas; ser sede do poder de informações no sentido lato; ter domínio da organização funcional de vastos espaços urbanos e rurais; ser sede do poder econômico mediante consumo, salários, disponibilidade de capital para investimentos, sejam eles endógenos ou exógenos à metrópole; pelos fluxos de trocas; dentre outros [...] Desta forma, o destaque é a transmissão da ação do poder central em relação ao qual a metrópole tem papel privilegiado (BEAUJEAU-GARNIER, 1980, p.37).

Considerando as funcionalidades da metrópole, ou seja, atividades econômicas, em diversas escalas de atuação, Fortaleza consolida-se cidade turística pela economia dos serviços. De acordo com dados do IPECE, referentes a 2010, 79% do PIB e 79% do emprego formal gerado provinham do setor.

As metrópoles tornam-se pontos de convergência de redes da economia mundial, o que é facilitado pelo comando de modernas tecnologias de informação, que desempenham, cada vez mais, funções ligadas aos serviços superiores, em detrimento da produção industrial. Assim, Castells (1999) afirma que a economia vive a revolução das tecnologias de informação, processamento e comunicação. Trata-se, de economia informacional, entendida pela produtividade e competitividade ligada ao uso eficiente de informações. E Sassen (1998) mostra que as

transformações, nas últimas décadas do século XX, o desenvolvimento das telecomunicações, ampliação da indústria de informação, dispersão das atividades econômicas, criaram novas formas de centralização territorial, voltadas ao gerenciamento e controle das operações de mais alto nível das metrópoles em geral.

Fortaleza apresenta aspectos positivos e negativos, peculiaridades inerentes à realidade. Assim, a cidade, em décadas, aproveita-se da condição de capital, sede do poder oficial, e recebe benefícios e investimentos que a levam ao crescimento, transformações na estrutura física e à prestação de serviços. A produção territorial realiza-se com segregação espacial e desigualdade social, revelando território periférico e desigual.

O crescimento desordenado da cidade deve-se, em grande parte, à chegada de migrantes que fogem de secas do sertão, fazendo surgir inúmeras favelas, fenômeno denominado macrocefalia. A estruturação da rede urbana, leva a disparidades socioespaciais e concentração de investimentos públicos e privados, ao mesmo tempo, ao esvaziamento do interior do estado. Como se vê, a capital cresce desigualmente, na medida em que se transforma em imponente Metrópole.

O destaque conquistado, nos últimos anos, tenta recuperar o período em que a cidade fica estagnada, sem expressão econômica, limitada apenas a funções administrativas. Tendo em vista que a ocupação do Ceará deu-se pelo sertão, ignorando o litoral, houve expansão de fazendas de gado e da produção de algodão. Assim, as atividades do interior dão a Fortaleza função comercial e administrativa. Diz Dantas (2006) que:

Este quadro, completamente diferenciado das principais cidades da capitania, reduzia Fortaleza a uma função meramente burocrática e política e a uma fraca função comercial e cultural, tratando-se de uma cidade isolada e medíocre, construída sobre as areias e não disposta de porto (DANTAS, 2006, p. 35).

Entretanto, pela segunda metade do século XIX, a cidade Fortaleza firmase perante cidades do Ceará, em decorrência, sobretudo, da exportação do algodão, e passa pelo período de transformações, com enriquecimento e melhoria das condições urbanísticas que, por fim, conferem-lhe vida de cultura e ócio que representam a demanda da sociedade pelos espaços de recreação e lazer.

Nos anos de 1990, o turismo recebe tratamento diferenciado de governos estaduais, empreendedores e gestores municipais. A cidade entra em processo de modernização quando o *marketing* divulga, em veículos de comunicação, a imagem

turística de Fortaleza, terra do sol e do humor, evidenciando potencialidades de atrativos naturais tropicais, privilegiando o turismo de sol e praia, o ano inteiro, e atrativos culturais. Diz Coriolano (1998, p. 110) que “o turismo e a natureza têm uma íntima associação, pois os atrativos naturais são a motivação do turismo, e aos aspectos naturais somam-se fatores de ordem econômica, sociais e culturais”. Sobre o turismo no período, Theobald (2001) indica que, em 1992, torna-se maior vetor da economia, com o maior número de empregos nos países. Assim, contemporaneamente, o turismo é um dos produtos significativos do comércio mundial. E, nesse sentido, a importância da atividade turística para a cidade de Fortaleza é evidente, pois funciona como elemento propulsor do desenvolvimento socioeconômico, gera emprego e renda e possibilita à população oportunidades de melhores ganhos, em busca da qualidade de vida.

A Organização Mundial de Turismo (OMT, 2017) assim define turismo:

O turismo compreende as atividades realizadas pelas pessoas durante suas viagens e estadias em lugares diferentes de seu entorno habitual, por um período de tempo consecutivo inferior a um ano, tendo em vista lazer, negócios ou outros motivos (OMT, 2017).

A essência do turismo é o lazer e a viagem. Ressalta-se que nem todo lazer é turismo, assim como nem toda viagem é turística. A viagem, qualquer que seja o propósito, com a utilização de equipamentos turísticos e o uso de tempo livre para lazer, é caracterizada como turismo.

Cruz (2006) ressalta peculiaridades do turismo que o diferenciam de outras atividades:

Uma delas é o fato de o turismo ser, antes de qualquer coisa, uma prática social. A outra é o fato de ser o espaço seu principal objeto de consumo. [...] Considerando que a matéria-prima do turismo é o espaço, reconhecemos desde já um diferencial entre a atividade econômica do turismo e outras atividades econômicas, ou seja, teoricamente, todos os lugares são potencialmente turísticos já que a atratividade turística dos lugares é uma construção cultural e histórica (CRUZ, 2006, p.338-9).

O turismo é fenômeno social e espacial capaz de transformar e reorganizar o espaço geográfico. Ao se apropriar do espaço, valorizando paisagens, por exemplo, o turismo cria um território próprio para consumo do turista. Essa transformação não depende apenas do turismo, mas de um conjunto de relações que envolvem outros setores e outras atividades.

Desde a década de 1990, o turismo cresce e se consolida atividade econômica, tornando-se importante produto de exportação. A Metrópole, conhecido

polo do turismo nacional, é reestruturada para expansão e melhoria do atendimento nos serviços especializados. Coriolano (2012) ressalta o processo de revalorização do litoral para lazer, turismo e transformação do litoral, ao segregar e expropriar ocupações antigas para reordenamentos de lugares turísticos, em especial os tidos belos e atrativos.

O turismo desencadeia redes de serviços que, para implementação, consideram vantagens de localização, representadas pela dotação em riquezas naturais, sol, mar, serra, clima, e valor do patrimônio cultural e histórico, arquitetura e museus. Serviços turísticos compreendem processos de interação, entre quem os oferece e quem os procura, com prioridade de qualidade e informações sobre demanda. Entre eles: meio de hospedagem, restaurante, agência de viagem, transporte turístico, locação de veículos, eventos, entretenimento, informações turísticas, passeios e comércio. Serviços públicos, a começar pelos transportes e serviços bancários, de saúde, de segurança, de comunicação, servem de apoio ao turismo.

Quanto à infraestrutura do turismo, conta-se com aeroporto internacional, com disponíveis voos regulares e *charters* nacionais e internacionais, terminal de passageiros, no Porto do Mucuripe, apto a recebimento de turistas, em navios de cruzeiros, rodovias em boas condições, levando às praias do litoral leste e oeste e às cidades da Serra de Baturité. Para realização de eventos, oferece-se centro de feiras e eventos, além de espaços disponibilizados na rede hoteleira.

Quanto a meios de hospedagem, apresenta-se rede hoteleira equipada, com grande capacidade de leitos, na maioria, na Avenida Beira-Mar, bairros Aldeota e Meireles, em menor número, na Praia do Futuro e em bairros residenciais. No que se refere à alimentação, restaurantes com oferta gastronômica diversificada, desde pratos típicos da culinária aos internacionais. Para comércio turístico, indicam-se centros de consumo, nas proximidades da rede hoteleira, em destaque do artesanato, com produtos regionais e alimentos típicos, castanha, doce de caju, cachaça e pimenta.

A maioria das agências de turismo localiza-se em Fortaleza e estabelecem-se estratégias de turismo, com comercialização de passeios pela cidade e excursões às praias próximas. Tais agências mostram-se atuantes e colaboram para o desenvolvimento da atividade turística.

Existem estabelecimentos de demandas e peculiaridades. Apesar de a atividade concentrar-se no turismo de sol e praia, há opções culturais de lugares que compõem o patrimônio cultural voltados a turistas interessados em conhecer aspectos históricos e arquitetônicos. Muitos visitam o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, museus, praças, construções que resistem ao tempo, praças e teatro.

De acordo com Martins (2006, p. 40), “o que torna o lugar atraente é a cultura de sua gente, o jeito que esse povo encontrou de estar e ser em sua existência, em seu espaço, vivendo sua realidade”. O autor enfatiza que o que dá sentido ao lugar é o conjunto de significados, símbolos da cultura: é isso que leva o outro a sentir, partindo de valores, o lugar visitado. Nesse contexto, considera-se turismo cultural, segundo Abreu (2002), viagem em que o principal atrativo não seja a natureza, mas a cultura, no cotidiano, além do artesanato, entre manifestações culturais, que o conceito de cultura abrange. A autora acrescenta:

Reconhecer a importância dos atrativos naturais que o país possui é imprescindível; no entanto, conscientizar-se de que aspectos culturais podem ser ressaltados pelos empreendedores turísticos é fundamental para diversificar a oferta turística brasileira (ABREU, 2002, p. 22).

Martins (2006) explica que o que interessa ao fenômeno turismo são aspectos peculiares do lugar, caráter autêntico de sua gente e cotidiano original, representado por toda gama simbólica, ainda que pareça estranho à estética da globalização.

As motivações e intenções dos turistas variam, entre as quais, destaca-se a necessidade de conhecimento do patrimônio cultural do povo de determinado destino. Assim, viagens por motivos culturais, são pelo desejo de ver lugares, coisas e pessoas novas; observar peculiaridades e hábitos de povos; conhecer civilizações e culturas diferentes; participar de manifestações artísticas; acompanhar eventos religiosos e ampliar conhecimentos. Assim, festas, danças, costumes e histórias atraem a atenção e interesse de turistas. Isso se faz possível quando cidade, com planejamento, organização e parcerias, transforma manifestações culturais em atrativos turísticos, possibilitando oportunidades de negócios e empregos e valorização da arte, cultura e identidade.

De acordo com Santos (2006), o segmento de turismo de maior crescimento vincula-se à procura pelos bens culturais e estilos de vida, ou seja, turismo cultural. Isso se deve, segundo Lage e Milone (1991), ao crescente interesse

do turista na compreensão de cultura e história de lugares diferentes, assim como de hábitos e costumes. Sobre turismo cultural, Neves (2003) afirma:

O turismo, além de um importante instrumento de promoção social e de dinamização econômica, é também, e principalmente, uma atividade cultural. Conhecer lugares, assistir à apresentação de manifestações artísticas, degustar pratos peculiares de cada região, compartilhar com nativos a experiência de uma feira local, é conhecer elementos que dizem respeito a pessoas e suas sensibilidades, suas normas e valores, suas emoções (NEVES, 2003, p. 59).

De acordo com o Ministério do Turismo (2017), turismo cultural é um fenômeno social, produto da experiência humana cuja prática aproxima e fortalece as relações sociais e o processo de interação entre indivíduos e grupos sociais, ou de culturas diferentes. Dessa forma, compreendem-se as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e de eventos culturais, valorizando e promovendo bens materiais e imateriais da cultura. O patrimônio cultural constitui recurso primordial do desenvolvimento do turismo, por proporcionar a criação e desenvolvimento de roteiros turísticos culturais e valorizar ofertas existentes.

Silva (2010) afirma que só se conhece verdadeiramente o lugar ao contato com patrimônios históricos, o que pode ser feito por meio do turismo cultural, sem o que não se sabe sequer da formação da cidade. Fortaleza é possível conhecê-la inclusive saber até da evolução do povo, à vista de edificações no Centro, por meio de visitas, passeios, descobertas e entendimentos acerca de mudanças e curiosidades.

Principais pontos históricos do Centro: Forte de Nossa Senhora da Assunção, onde a líder revolucionária Bárbara de Alencar foi presa; Mercado Central; Passeio Público e Catedral Metropolitana, construída em estilo neogótico e iluminada por vitrais; Galeria Antônio Bandeira, com 40 anos de história, aberta ao público na década de 1960.

Museu do Ceará, com acervo de mais de sete mil peças, retrata a história e a cultura do estado, entre vestimentas, móveis, cordéis e fósseis, e guarda de preciosidades, objetos pessoais do Padre Cícero e punhal do cangaceiro Lampião. Cine São Luiz, inaugurado em 26 de março de 1958, com sala de projeção equipada com tela de 14 metros de comprimento, localizado na Praça do Ferreira; Teatro José de Alencar, datado de 1910, com fachada *art nouveau*, em combinação de vitrais coloridos e estrutura metálica importada da Escócia, referência artística e turística

nacional que oferece não só a mais seleta programação cênica do Estado, mas também mais ativa e diversificada pauta de atividades socioculturais e artísticas. Estação Ferroviária Professor João Felipe, construída em cima do antigo Cemitério de São Casimiro.

Próximos ao Centro, na Praia de Iracema, Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura e Estoril. O Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, objeto desta dissertação, caracteriza-se pela arquitetura moderna e espaços de lazer que oferecem a residentes e turistas ampla programação gratuita ou a preços simbólicos, sobre modo de vida cearense, importante oferta, por atender a desejos de visitantes. O Estoril constitui patrimônio afetivo, reformado e transformado em Centro Cultural da Praia, atualmente sede da Secretaria de Turismo de Fortaleza, com seminários, oficinas, cursos, exposições, *shows* e lançamentos literários.

O mercado turístico concentra esforços na atração de turistas e oferta do produto “sol e praia”, por meio da divulgação da imagem da cidade, com os recursos naturais e atributos tropicais. Entretanto não é o bastante para manutenção da demanda real ou chamamento do consumidor em potencial. Fazem-se necessárias iniciativas, de modo a despertar interesse em turistas que buscam contato com o diferente e patrimônio cultural. Assim, há que estabelecer infraestrutura de serviços necessários à permanência de turistas, somada à estrutura turística que atenda às necessidades básicas, para então ofertar o produto turístico cultural que, explorado de maneira planejada, contribui para a valorização da cultura e da história, preservação e manutenção do patrimônio cultural, com grandes benefícios ao turismo do Ceará.

2.3 CULTURA, PATRIMÔNIO CULTURAL E MANIFESTAÇÃO CULTURAL

Cultura apresenta conceito abrangente, complexo, por abranger campos do conhecimento, artes, crenças, leis, moral e costumes, hábitos e aptidões, adquiridos pelo indivíduo em família e na sociedade. Segundo Martins e Leite (2006), o conceito não é estático nem restrito a uma única tendência, mas dinâmico, sempre em desenvolvimento. Compreende o mecanismo adaptável e cumulativo, em que modificações passam de geração para outra, levando à cultura transformação, perda e incorporação de hábitos e costumes, de modo a facilitar a vivência de novas gerações. Assim, com o tempo e vivência de novas experiências,

o indivíduo altera hábitos e maneira de pensar, o que traz influência direta na cultura.

Segundo Neves (2003), para o senso comum, cultura é domínio de certos conhecimentos e habilidades que permitem compreensão e usufruto de bens superiores, obras de arte, literatura erudita, espetáculos teatrais. Diz Martins (2006, p. 44) que “a definição mais comum de cultura a identifica como saber privilegiado, refinamento de um conhecimento abrangente, só alcançado por uma elite.” Assim, por meio da cultura, é possível apreciar a arte barroca e desejar preservá-la.

Entretanto, com base na Antropologia, ciência que estuda o ser humano e a diversidade cultural, Neves (2003) afirma que a noção de cultura remete ao conjunto de ações desenvolvidas pelos seres humanos, na busca de sobrevivência, equiparando necessidades utilitárias e simbólicas que orientam o comportamento humano. Assim, na perspectiva antropológica, todo comportamento social que utiliza símbolos para construir, criar ou transmitir é cultura. A autora explica:

o conceito antropológico de cultura estende essa noção a todos os seres humanos, postulando que todos os homens são portadores de capacidades, sendo, portanto, capazes de desenvolver atividades complexas [...] os comportamentos humanos são artificialmente produzidos, há muito pouco de transmissão genética orientando esses comportamentos, que são apreendidos socialmente, a partir das vivências grupais. Partindo desse conceito antropológico de cultura, é possível inferir que os comportamentos humanos são informados por necessidades materiais, utilitárias e simbólicas (NEVES, 2003, p. 49-50).

Dessa forma, afirma-se que a cultura abrange sistema integrado de padrões de comportamento aprendido, por meio da comunicação e da aprendizagem, que caracterizam os membros de determinada sociedade, não apresentando relação com herança biológica. Explica Martins (2006):

Cultura é um conjunto de padrões de significação historicamente transmitidos e envolvidos em símbolos; um conjunto de concepções herdadas, traduzidas em forma simbólica, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seus conhecimentos e atitudes sobre a vida (MARTINS, 2006, p. 107).

Cultura considera-se forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, herança social e reaprendizado de relações profundas, entre indivíduo e ambiente, resultado do processo de vida, o que dá consciência de pertencimento a grupo. Acrescenta Martins (2003) que os estudos da cultura de grupos apresentam elementos fundamentais, identificadores étnicos, essenciais a processos de

identidade, território, história, cultura, comunicação e patrimônio produzido. Em reforço à importância da identidade, o autor mostra que:

Identidade seria em linhas gerais esse sentido de pertencer que as pessoas trazem enquanto seres simbólicos que são. Esse ser de algum lugar pertence a algum grupo, sente afinidade com algo que lhe resgata algo seu; isto tudo é chamado de identidade. [...] Todo grupo necessita de uma cultura que o sustente para poder existir, vivenciada no sentido comum e repassada através de comunicação, para manter o sentido de pertencer entre seus integrantes (MARTINS, 2003, p. 42-43).

Assim, o país define-se pela própria história, tem a própria cultura e identidade. É consequência de pertença a grupo ou comunidade culturalmente homogênea e socialmente definida. Nesse sentido, diz Martins (2003) que identidade relaciona-se com memória coletiva, exterior ao indivíduo, que envolve referências de ordem individual e preserva, de forma peculiar, fatos da sociedade que constituem o contexto do indivíduo.

De acordo com Honório e Barros (2003), na origem da identidade brasileira, encontra-se série de conjunções raciais, de interesses econômicos, ideológicos e colonialistas que deram em resultado nova cultura, distinta da do colonizador. O processo cultural brasileiro é resultado de múltiplas influências externas, desde o período da formação e gama de pluralidades internas. Há consenso de que o Brasil se constitui pelo povo novo culturalmente, resultado do processo autoritário de massacre de negros e índios que aqui se encontraram com europeus que, apesar da marginalização, da violência permanente, da exploração e da ideologização, contribuem fortemente para a construção da cultura. Enfatiza-se que, embora os meios de comunicação de massa reafirmem a existência de cultura homogênea, predominantemente branca, capitalista e cristã, permanecem vivas diferenças culturais, tendo em vista micro culturas singulares, em virtude da resistência de grupos populares que as reproduzem, de acordo com condições de vida e de trabalho.

Martins (2006) diz que a cultura apresenta elementos fundamentais: tempo e espaço. O tempo representa construção social, marcada pelos significados que estruturam e organizam a cultura, envolvido com lugares que resgatam a memória do vivido por meio de mitos e histórias. O espaço permite reconhecimento de lugares significativos para a maioria da população. Complementa Silva (2006) que a cultura é formada e formulada com o tempo e representa a combinação de produtos, materiais e espirituais, que determinada sociedade cria ao longo da

existência, o que abrange modo de vida, sistema alimentar, opções de lazer. A sociedade é representada pelo patrimônio que compreende ideologia, cultura, religião, instituições, organizações e território, resultados de forças ativas dos membros, ou seja, formada por tudo que é produzido.

De acordo com Martins (2006), o homem comum, quando quer dar valor a alguma coisa, diz que é patrimônio, que é algo de valor, que se transmite e do qual todos se utilizam, individual ou coletivamente. E a patrimonialização é tomada de consciência social de grupo, com referência a alguma ou a algumas manifestações culturais próprias. Diz Neves (2003) que o termo patrimônio faz remissão à propriedade de algo deixado de herança. Acrescenta à noção de cultura que é produto da cultura o que é herdado e transmitido de geração em geração. Assim como na noção de cultura, no conceito de patrimônio cultural, são indissociáveis as dimensões materiais e simbólicas. De forma sucinta, o patrimônio cultural é um conjunto de bens materiais e imateriais representativos da cultura do grupo ou da sociedade.

De acordo com Neves (2003), no conceito amplo de patrimônio cultural estão presentes esferas da natureza, ambiente natural que as pessoas habitam e transformam para sobrevivência e realização de necessidades materiais e simbólicas, conhecimento, habilidades. O saber fazer humano, necessário à construção da existência plenitude, apropria-se de bens culturais propriamente ditos, produtos resultantes da ação do homem na natureza.

Afirma Martins (2006) que, em relação à cultura, existe apenas um patrimônio, o cultural, do qual se apropriam, de forma diferente, a cultura dominante e a popular. Cada uma seleciona e potencializa, de acordo com suas identidades.

A ideia de patrimônio cultural, quando envolve todos os aspectos da atividade humana, conduz a uma revalorização do natural, do meio ambiente como algo relacionado ao homem e manipulado por ele. O homem em interação com natureza domina suas espécies, o meio geográfico e o ambiente. Controla, conscientemente ou inconscientemente, o habitat onde desenvolve sua vida, potencializando umas espécies em detrimento de outras. Nesse sentido, o meio ambiente está intimamente relacionado com o cultural e, portanto com as produções do homem (MARTINS, 2006, p. 42).

De acordo com Martins (2003), o estudo do patrimônio cultural implica a contextualização social, econômica, histórica, em resgate da identidade sob qualquer aspecto. A ideia de patrimônio cultural abarca todos os aspectos da atividade humana e conduz à revalorização do natural e do meio ambiente como

algo relacionado com o homem e manipulado por ele. Diz Rodrigues (2006) que o conceito de patrimônio cultural liga-se primordialmente aos bens materiais, móveis ou imóveis, com exclusão de bens imateriais, por ser restrito a edificações históricas, prédios, bairros, cidades e bens materiais, visando estabelecer movimento de proteção para impedimento de que estes fossem substituídos pelas novas formas arquitetônicas. Lembra Macena (2003) que, com o tempo, a concepção de patrimônio amplia-se e abrange o legado cultural do povo, lendas, festas, folguedos, costumes, crenças, manifestações artísticas, tudo o que existe como elemento essencial para registro da memória individual e coletiva, e que contribua com a formação do sentimento de pertença da comunidade.

Segundo Martins (2006), o conceito de patrimônio histórico e artístico, desde o século XIX, é paulatinamente substituído pelo conceito amplo de patrimônio cultural, responde a atualizações de estudos, com visão abrangente da área. Dessa forma, a divisão tradicional entre patrimônio histórico e artístico, com nova abordagem de patrimônio cultural, agrega o arqueológico, documental, bibliográfico e etnográfico, e cada possibilidade inclui metodologia própria.

Partindo de atualizações globais, a Constituição Brasileira de 1988, no Artigo 216, seção II – Da Cultura, estabelece o conceito de patrimônio cultural.

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1º O poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

§ 2º Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem.

§ 3º A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.

§ 4º Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

§ 5º Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos. (BRASIL, 1988).

O decreto presidencial nº 3.551, de 04 de agosto de 2000, apresenta mecanismos de registro do patrimônio imaterial, instituindo-se o registro de bens

culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, e se cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial. O registro é feito em livros: saberes, para conhecimento e modo de fazê-los enraizados no cotidiano de comunidades; celebrações, para rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de práticas da vida social; de formas de expressão, com que se inscrevem manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas; e de lugares, para mercados, feiras, santuários, praças e espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.

Inscrição, em livro de registro, tem como referência a continuidade histórica do bem e importância para a memória, identidade e formação da sociedade. O registro é fruto do trabalho de identificação e produção de conhecimento sobre bens, com profundo trabalho de pesquisa e documentação da história das manifestações.

O conceito de patrimônio cultural envolve feito humano atrelado ao contexto. Todo espaço ocupado pressupõe atuação que significa busca de sobrevivência e bem-estar. Espaço geográfico natural expressa o resultado da ação humana, levando-nos a inferir que tudo que representa impressão, em nível material ou simbólico, significa interferência humana, que diz de cultura que, por sua vez, é patrimônio cultural, afirma Martins (2006). De acordo com Ashton (2008):

O patrimônio cultural urbano é fruto de uma vivência social, desenvolve-se no âmbito do coletivo, diz respeito à identidade de um grupo de indivíduos que construiu saberes e fazeres formando a memória social daquele local. Assim, a memória é parte integrante do patrimônio, que, por sua vez, é portadora da historicidade daquele lugar e pode retratar a valorização que a sociedade dá ao passado (ASHTON, 2008, p. 18).

Parte do patrimônio cultural, as manifestações são expressões culturais e sociais que simbolizam lugares, transmitidas de geração a geração, pelos anos, décadas e séculos. Símbolos ricos e significantes, representados pelos costumes, saberes, lugares, ritmos, festejos, lendas e formas de expressão, perpetuam-se, por se haverem como fontes de identidade e por carregar a história do povo em toda diversidade.

Manifestações de cultura remetem à satisfação de necessidades básicas do ser humano e do bem-estar, segundo Martins e Leite (2006). No caso do Ceará, de acordo com Martins e Macena (2008), a diversidade de manifestações culturais advém da contribuição de europeus, índios e negros africanos. No processo de

formação, o branco europeu sobrepôs-se, determinando leis, formas de organização de instituições, estruturação familiar e linguística. A marca maior veio da influência indígena dos que viviam e vivem no Estado. Para os autores, a herança indígena dá ao povo grande habilidade e inventiva própria em que a arte do saber fazer e reinventar deixa como legado variedade de expressões e formas artesanais, observadas na louça de barro, no trançado de palha e cipós, no cultivo da mandioca e do milho, bem como em formas de caça e pesca. Quanto à influência negra, não predominante na cor da pele, na formação do povo cearense, há forte presença de marcas africanas. Nesse sentido, explica Araújo (2001):

Os negros, introduzidos no território cearense como escravos, foram aproveitados como mão de obra nos engenhos de cana e nos serviços domésticos, tendo ainda que realizar trabalho pesado, próprio aos animais. Como as demais culturas, a africana teve influência fundamental na formação do modo de ser cearense. Quando os negros chegaram em nosso território apresentavam um estágio civilizatório bem mais desenvolvido em relação aos ameríndios. Na agricultura, já utilizavam técnicas como a do arado e conheciam o uso dos metais. Do ponto de vista da organização familiar, já estavam situados em situação de patriarcado (ARAÚJO, 2001, p. 22).

Além das manifestações culturais, há cinco consideradas bens imateriais pela Secretaria de Cultura de Fortaleza (SECULTFOR) (Quadro 2). De cinco apresentadas, Festa de São Pedro e Maracatu de Fortaleza possuem o título oficial do Conselho Municipal de Patrimônio Histórico e Cultural (Comphic). As demais encontram-se em processo de registro. Ressalta-se que, com o registro do bem imaterial, atribui-se o título de “Patrimônio Cultural de Fortaleza”, que funciona como instrumento de reconhecimento e valorização, com o objetivo de produzir conhecimento e apoiar a ampla divulgação e promoção, contribuindo para o reconhecimento e envolvimento da sociedade na preservação.

Quadro 1 – Manifestações culturais de Fortaleza

Festa de São Pedro	evento centenário promovido pelas colônias de pescadores da orla marítima.
Maracatu de Fortaleza	manifestação herdada da tradição do ritmo afro-brasileiro.
Festa de Iemanjá	realizada todo dia 15 de agosto, na Praia de Iracema, com cortejos e rituais, em homenagem à Rainha das Águas.
Samba do Zé Bezerra	casa de samba tradicional, há mais de três décadas, no bairro Parque Araxá.
Espaço Cultural Maculelê	centro de artes do bairro Conjunto José Walter cujo nome se inspira na dança de origem indígena.

Fonte: Madeira (2014).

Gomes (2014) explica que uma das principais identidades do patrimônio imaterial fortalezense é a forma como representa a diversidade cultural da população, e destaca:

Muito dessa cultura local, desse patrimônio, é constituído a partir do encontro das diferentes culturas que participaram da formação histórica de Fortaleza, como os indígenas, os africanos, os imigrantes. Podemos ver como nossas práticas e costumes trazem vários elementos referenciais desses povos (GOMES, 2014)¹⁸.

A apropriação e a resignificação dos elementos pela população deram origem às manifestações na capital, representadas pelos diferentes grupos sociais, nas mais distintas formas de expressão, ofícios, celebrações, música, dança, afirma Gomes (2014). Há manifestações culturais expressivas que contam com grande mobilização popular, como o movimento junino, com apresentação de quadrilhas, em diversos bairros e municípios.

De acordo com Martins e Macena (2008), na Região Metropolitana, destacam-se manifestações culturais, Auto da Paixão de Cristo, em Pacatuba; festejos juninos de Caucaia, Eusébio, Horizonte e Maracanaú; vaquejada de Itapebussu; romaria de Santa Edwirges em Caucaia; festa, procissão e louvor ao Menino Jesus de Praga, em Chorozinho; e Grupo de Coco, composto por pescadores da praia do Iguape.

Além disso, há gastronomia, música e humor. Marques (2014) ressalta que a gastronomia revela a identidade do povo, mostra preferências, aversões e tradições, visto que o paladar se associa aos sentidos, operando fortemente no imaginário das pessoas. É tratada, técnica e cientificamente, pela culinária, bebidas, materiais utilizados na alimentação e todos os aspectos culturais associados. A gastronomia constitui patrimônio cultural imaterial, pois resulta da manifestação da vida social, como forma de comunhão, de partilha da comida e de revelação de costumes e crenças, contribuindo para fortalecimento da identidade cultural do lugar.

Pinheiro (2008) afirma que cultura, tradição e hábitos religiosos, bem como economia, topografia e localização da região definem o modelo gastronômico do núcleo receptor. A gastronomia é difusora da cultura e tradições da comunidade, além de servir de atrativo turístico e elemento importante para a economia. Segundo Catani (2008), o ser humano alimenta-se de acordo com a sociedade da qual faz

¹⁸ Entrevista publicada em 17 de agosto de 2014. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/manifestacoes-culturais-constituem-patrimonio-de-diversidade-na-capital-1.1080528>>. Acesso em: 08 ago. 2017.

parte, cada cultura possui diferentes alimentos e modos de preparo. A alimentação é uma atividade cultural. A cozinha cearense é mistura de marcas de manifestações da cultura regional popular e da influência herdada de colonizadores europeus, índios e negros.

De acordo com Marques (2014), a gastronomia do Ceará caracteriza-se pelos sabores marcantes de regiões. Alimentos típicos da fauna e da flora, do azedo ao doce, do salgado ao insosso, todos têm história na culinária do lugar. Litoral, sertão e serra, mistura de alimentos, hábitos, costumes e cultura fazem a gastronomia cearense, carregada de frutos do mar, principalmente por ser região litorânea, e de produtos extraídos da cana-de-açúcar, cachaça, mel, rapadura e caldo de cana. A autora destaca que alimentos exóticos de gosto forte, buchada, panelada ou cuscuz, não são apreciados pelos visitantes, são atrativos para residentes habituados a pratos exóticos, enquanto lagosta é prato relevante, agrada a turistas e visitantes, paladares exigentes, pois reflete traços marcantes de sabor e aroma. Tapioca está entre os produtos mais consumidos pelos turistas, tradicional ou recheada com carne de sol, queijo e camarão.

A gastronomia atrai turistas que desejam experimentar sabores da comida local e vivenciar culturas, vindo a ser difusora da cultura e tradições do povo. Por seu intermédio, restaurantes fazem-se polo de atração de fluxos turísticos, de modo a viabilizar e universalizar trocas humanas, convívios culturais, identificação de costumes e hábitos distintos.

A música representa o cotidiano, modo de viver e comportamento e se manifesta uma combinação de sons que se inserem em determinado tempo histórico, influenciados diretamente pelo meio social. Práticas musicais não se dissociam do contexto cultural, é que cultura tem os próprios tipos, com diferentes estilos, abordagens e concepções do que é música e do papel que exerce na sociedade.

Por intermédio de expressões folclóricas, a música nordestina é enaltecida, com versos poéticos transformados em canções que se refletem no emocional das pessoas, pois trazem lembranças da primeira infância e, até mesmo, recordações da cidade natal. De acordo com Barbosa e Silva (2013), forró é a denominação de gêneros musicais do Nordeste, expressão popular de manifestações culturais que valorizam o tradicional, preservando a cultura, propagando as origens e mantendo vivas as características principais. Barbosa e

Silva (2013, p. 68) afirmam que o forró “é um ritmo que empolga com o gingado e o dançar agarradinho ao som de instrumentos tradicionais, sanfona, zabumba, triângulo e pandeiro”.

Trotta (2014) enfatiza a importância do forró como marco identitário, símbolo de pertencimento, chave de compartilhamento de ideias, ambiente de interação festiva e eixo de negociações culturais.

No ambiente do forró, é possível afirmar que todas as referências ao sofrimento advindo na natureza hostil do sertão ou da saudade da terra natal, assim como as narrativas míticas de coragem, bravura e força são entoadas em melodias e letras que recebem um determinado acompanhamento sonoro que participa fundamentalmente do processo de construção, identificação, reconhecimento e valorização do forró (TROTТА, 2014, p. 55).

O autor considera que o forró é, ao mesmo tempo, evento social fortíssimo, repertório de imagens, sons e narrativas, espaço de circulação mercantil, produto comercial, alvo de disputas, ponte para hierarquizações geográficas, sociais e políticas.

Nesse sentido, forró é o ritmo que mais se destaca no Ceará. Em todo o Estado, está presente na maioria das festas, principalmente em cidades do sertão. Em Fortaleza, desde 1986, o forró é tocado semanalmente na casa de festa Pirata, na Praia de Iracema, que promove, em todas as segundas-feiras, Forró do Pirata, em ambiente animado e familiar e atrai turistas. A festa atinge fama internacional, “A Segunda-Feira Mais Louca do Mundo”, em reportagem do jornal *New York Times*.

O humor é também considerado uma das manifestações culturais marcantes. Para Batista (2015), a essência do humor é a liberdade para se opor, de maneira criativa, cômica e irreverente, ao que está posto. Forma e motivos do humor e do riso dependem da cultura, do espaço e agentes envolvidos, e, nesse sentido acrescenta:

O humor é considerado um elemento chave para se compreender e desvendar várias culturas, assim como também suas relações sociais, aspectos religiosos, comportamentos coletivos, grupos políticos, grupos profissionais e suas referências individuais nas civilizações e movimentos culturais (BATISTA, 2015, p. 15).

Para o autor, humor não é privilégio, identidade cultural inata do povo cearense, no entanto existe veia cômica, habilidade diferenciada na construção de piadas e contos engraçados. O humor cearense é representação artística e cultural nascida, nutrida e desenvolvida principalmente em ruas, praças, bares, mercados e

espaços comuns, entre camadas sociais. Faz parte da diversidade cultural composta de fatos, ideias, concepções, saberes e fazeres construídos ao longo do tempo.

O humor cearense compõe a oferta turística como atrativo cultural oferecido a quem visita Fortaleza. O riso proporcionado garante lazer e prazer. Nesse sentido, no turismo, humor, manifestação cultural, é produto de entretenimento e *shows* são elos entre cultura e turista, possibilitando integração cultural, com aceitação de ambos os lados do processo turístico. Apesar da importância da integração, Coriolano (2012) adverte que, para comunidades de significativas manifestações culturais, o turismo precisa ser controlado para evitar descaracterizações ou impactos, devendo ter menor alcance e cuidados específicos, no sentido de assegurar bem-estar da comunidade.

3 CENTRO DRAGÃO DO MAR DE ARTE E CULTURA COMO ESPAÇO DE LAZER E TURISMO

O Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, inaugurado em 28 de abril de 1999, é centro cultural imponente e abrange espaços de lazer, convivência entre pessoas, difusão da arte e da cultura e fortalecimento de expressões e manifestações culturais. Patrimônio cultural do povo cearense, situa-se na antiga área portuária da Praia de Iracema, bairro boêmio, em área de trinta mil metros quadrados, dos quais quatorze mil e quinhentos de área construída. Segundo dados constantes no *site* do equipamento¹⁹, é um dos mais relevantes do País, ponto turístico do Ceará, que recebe mais de 1,5 milhão de visitantes ao ano.

O Dragão do Mar é a primeira experiência inclusiva de arquitetura pública no Brasil. Pela adoção de política de cultura popular, com acesso gratuito ou a preços simbólicos em cerca de 90% da programação, constitui centro cultural popular, marcado pela inclusão, com público majoritariamente de classes C, D e E (informação verbal)²⁰.

Na pesquisa institucional, o assessor administrativo do IDM, Demétrio Magalhães, informou que, em 2016, o número de visitantes chegou a 1.833.080, entre residentes e turistas. Esse número total global é obtido a partir do dobro da soma de visitantes dos espaços. O assessor informou ainda que os espaços Praça Almirante Saldanha, Arena do Dragão do Mar, Varanda do Dragão, Biblioteca de Artes Visuais Leonilson e Espaço Rogaciano Leite são contabilizados em um único item, “Outros Espaços”, que no ano de 2016 teve público circulante de 429.071 visitantes. De acordo com a assessora de comunicação e *marketing* Luciana Vasconcelos, a contabilização do número de visitantes do Dragão do Mar é feita por meio de contadores da equipe de recepcionistas.

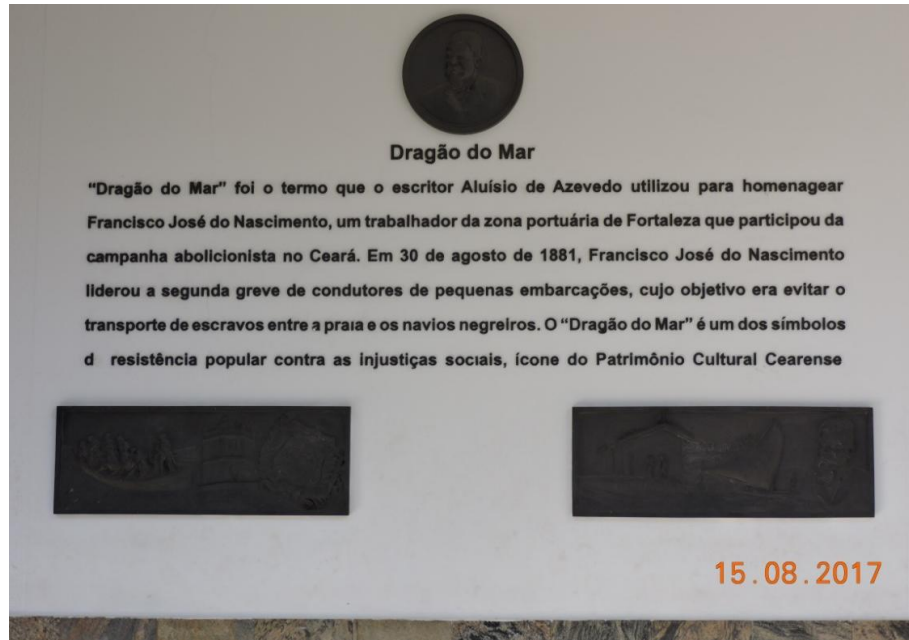
A denominação Dragão do Mar deve-se à homenagem ao líder dos jangadeiros Francisco José do Nascimento, Chico da Matilde ou Dragão do Mar que, em atitude ousada e coragem de luta e resistência à escravidão, deflagra greve dos jangadeiros, paralisando o mercado escravista, no porto de Fortaleza, nos dias 27, 30 e 31 de janeiro de 1881. A criação do termo “Dragão do Mar” é de autoria do

¹⁹ <www.dragaodomar.org.br>.

²⁰ Informação fornecida pelo arquiteto e urbanista Fausto Nilo Costa Jr. no Fórum Dragão do Mar, no Auditório do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, em agosto de 2017.

escritor Aluísio de Azevedo, informada em painel na área externa da Multigaleria (Figura 27).

Figura 27 – Origem do cognome Dragão do Mar



Fonte: Pinheiro (2017).

Nas proximidades da Arena do Centro Cultural, há estátua de bronze do Dragão do Mar, obra do escultor Murilo Sá Toledo, com placa de homenagem do então Governador Cid Ferreira Gomes e do povo cearense, datada de 20 de novembro de 2009 (Figura 28).

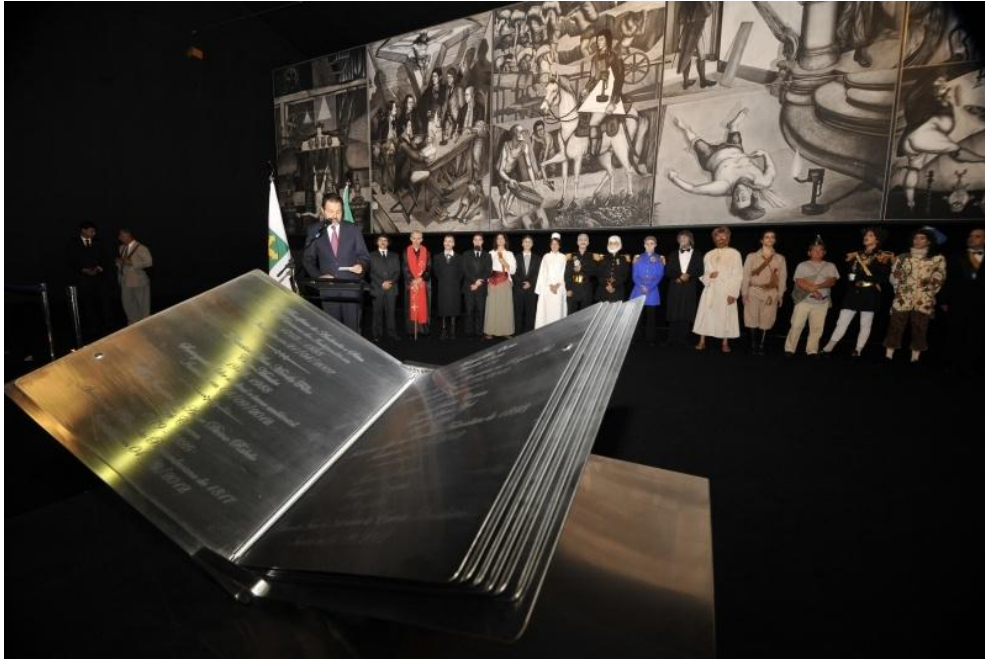
Figura 28 – Francisco José do Nascimento, o Dragão do Mar



Fonte: Pinheiro (2017).

Pelo relevante comprometimento na luta contra a escravidão, o pescador Dragão do Mar recebe o reconhecimento por meio de menção honrosa, ao ser incluído no Livro dos Heróis da Pátria²¹ (Figura 29).

Figura 29 – Livro dos Heróis da Pátria



Fonte: Bazuca (2017)²².

O reconhecimento decorre do Projeto de Lei nº 4.626/2016, de autoria do Senador José Pimentel (PT-CE), aprovado em maio de 2017 pelo relator na Comissão de Constituição e Justiça, Deputado Federal Danilo Forte (PSB-CE), sancionado, no dia 18 de julho de 2017, pelo Presidente Michel Temer, feito Lei nº 13.468/2017. Segundo o Senador, trata-se de justo reconhecimento da luta contra práticas escravistas na época, e, nesse sentido, acrescenta:

A inclusão do Dragão do Mar no Livro dos Heróis da Pátria é uma questão de justiça. Francisco José do Nascimento teve a coragem de impedir o tráfico negreiro em nossas terras, por meio de uma ação apoiada pelos intelectuais e a população. Esse processo permitiu que o Estado do Ceará fosse o primeiro da federação a libertar o negro escravo, em 1884, quatro anos antes da abolição da escravatura no Brasil. Precisamos valorizar os heróis da luta popular (PIMENTEL, 2017).

O Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura é gerenciado pelo Instituto Dragão do Mar, anteriormente conhecido Instituto de Arte e Cultura do Ceará

²¹ O Livro dos Heróis da Pátria é um livro de aço exposto permanentemente no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, em Brasília, no qual estão mencionados oficialmente brasileiros que lutaram e transformaram a realidade no Brasil.

²² Disponível em: <<https://cursandohistoria.wordpress.com/2017/07/20/dragao-do-mar-entra-no-livro-dos-herois-da-patria/>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

(IACC), primeira Organização Social (OS), na área da cultura no Brasil, segundo informações constantes no *site* do Dragão do Mar. Segundo Martins (2013), a opção pela gestão da organização social teve a finalidade de possibilitar melhor controle dos custos de manutenção da qualidade dos serviços a serem ofertados ao público. O Instituto Dragão do Mar vincula-se à Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (SECULT) responsável por gerenciar oito equipamentos culturais: Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, Escola Porto Iracema das Artes, Centro Cultural Bom Jardim, Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho, Cineteatro São Luiz e Teatro José de Alencar, em Fortaleza; Memorial Cego Aderaldo, em Quixadá; e Vila da Música, no Crato.

O surgimento dos centros culturais, em partes do país, deve-se à criação de leis de incentivo, como ponto fundamental. Há termos para o tipo de equipamento, além de centro cultural, centro de arte, casa de cultura, espaço cultural, shopping cultural. Tabosa (2012) explica que equipamentos culturais contribuem para reduzir lacunas no campo de políticas públicas culturais, pois funcionam como agentes de promoção da cultura, embora de maneira paliativa ou com pequeno alcance, tendo em vista que não têm a força de política cultural macro, aplicada no país.

De acordo com Dabul (2008), a cada ano, é maior o número de pessoas em centros culturais, o que se deve ao fato de agregarem múltiplos produtos culturais, em único espaço físico, para a heterogeneidade de público. Destaca que o público é cada vez mais diversificado, pela multiplicidade de produtos; ou por estar instalados em locais estratégicos e centrais; ou por estar associados a atividades escolares; ou pelas atrações terem recebido atenção especial da mídia; ou ainda por oferecerem opções diferentes de lazer.

Ohtake (2000) observa que, no âmbito governamental, os centros culturais têm se mostrado forma concreta de instrumento de ação de políticas culturais, principalmente a partir da década de 1980, o que torna metrópoles atrativos para grandes eventos. Dessa forma, quanto mais desenvolvida a região que o abriga, mais e maiores centros culturais, por se haverem sido feitos termômetro do desenvolvimento regional. O autor acrescenta:

Nesse sentido, principalmente dos anos 80 em diante, tem início um período em que não se fala mais na cultura como prioridade, mas da cultura como grande vitrine do desenvolvimento e da riqueza das nações mais poderosas (OHTAKE, 2000, p. 113).

O autor defende a ideia de que a multidisciplinaridade é característica de centros culturais eficientes, o que significa que quanto maior o espectro de atuação do centro, mais forte o efeito “culturalizante” no público-alvo.

Diferentemente dos anos de 1980, décadas seguintes mostram que a cultura tem servido de instrumento e alavanca ao desenvolvimento social e econômico de comunidades, em períodos anteriores, não havia a devida valorização. E assim, para melhor compreensão do Dragão do Mar, faz-se necessário conhecer o contexto de criação da política cultural que lhe deu ensejo.

3.1 CENTRO DRAGÃO DO MAR DE ARTE E CULTURA NO GOVERNO DAS MUDANÇAS

Nos anos de 1960, a política cearense foi comandada por grupos políticos, liderados pelos coronéis Aduino Bezerra, César Cals e Virgílio Távora. Em 1966, houve a criação da Secretaria da Cultura do Ceará, a princípio desprestigiada e bastante criticada, pois não contava com poder político, nem recurso para atendimento às reivindicações da comunidade, afirma Martins (2013). Além disso, havia interferência política de caráter clientelista, o que deixava a área da cultura vulnerável à concessão de benefícios sem critérios universalistas, devido à dependência dos artistas ao poder público, sobretudo no Estado com fraca tradição de produção e consumo de bens culturais. Nesse contexto, Barbalho (1998), ao analisar a atuação dos governos estaduais na área da cultura, no período entre 1966 e 1978, constata que apenas determinados setores da elite eram beneficiados, criando círculos em torno do poder que se utilizavam de práticas paternalistas e assistencialistas, implementadas nas esferas federal e estadual.

No final da década de 1970, houve mobilização contra a ditadura militar, nas maiores cidades do país, envolvendo movimentos populares, greves de trabalhadores e manifestações de setores do empresariado pelo retorno ao Estado de Direito. Com isso, a política cearense começa a passar por mudanças, com destaque da atuação de grupo de empresários jovens, à frente do Centro Industrial Cearense (CIC), Benedito Veras, Amarílio Macêdo, Tasso Jereissati, Sérgio Machado e Assis Machado Neto, filhos de industriais e comerciantes tradicionais nos mercados regional e nacional, tinham formação acadêmica e idade inferior a quarenta anos, afirma Martin (1993).

O grupo ganha visibilidade devido à organização de eventos que criticavam o governo militar e à formação de projeto político para o governo estadual, e, ao exercer significativa influência, contribuiu fortemente para a consolidação da cidade de Fortaleza como metrópole moderna. Ressalta Gondim (2007) que o grupo do CIC emerge na fase de industrialização do Nordeste, promovida com recursos do Fundo de Investimentos do Nordeste – FINOR, criado em 1974, com prioridade à indústria tradicional de médio porte, competitiva e dinâmica, o que incentiva o nascimento de nova burguesia independente de elites políticas tradicionais e da estrutura econômica do Estado autoritário.

De acordo com Gondim (2007), nas eleições de 1982, a articulação dos coronéis leva vitória a Luis Gonzaga Mota, que conduziu a gestão utilizando-se do clientelismo, o que provocou rejeição popular, confirmando, nas eleições de 1985, a vitória de Maria Luíza Fontenele, candidata do Partido dos Trabalhadores – PT, para a prefeitura da capital. Entretanto, com sucessivas greves de funcionários municipais, que afetaram o funcionamento de serviços públicos essenciais, a popularidade da prefeita é desgastada, o que favoreceu em 1986, a candidatura de Tasso Jereissati ao governo estadual pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB).

Com a eleição de Tasso Jereissati em 1986 e início de gestão em 1987, inicia o “governo das mudanças”, que abrange os governos de Tasso Jereissati (1987-1990), Ciro Gomes (1991-1994) e novamente de Tasso Jereissati (1995-1998 e 1999-2002). O “governo das mudanças” inaugura novo modelo de gestão, marcado pela modernização administrativa, na busca de eficiência, equilíbrio das finanças públicas e probidade no trato com a coisa pública. O período é marcado pelas transformações políticas e modificações do modelo de desenvolvimento da Região Metropolitana, o que fortalece o papel da capital como centro de serviços, com destaque do turismo. Nesse contexto, realizaram-se reformas fiscal, financeira e administrativa, e, entre as medidas adotadas, destacam-se saneamento das finanças estaduais; a implantação do Sistema Integrado de Contabilidade (SIC), para acompanhamento da execução orçamentária, financeira e contábil de todos os órgãos da administração estadual direta e indireta, incluindo os do Poder Legislativo, do Poder Judiciário e do Ministério Público; a reforma da fazenda pública e medidas para fortalecimento das finanças públicas. Nesse sentido, Gondim (1995) enfatiza a marca relevante do “governo das mudanças”:

Um dos traços distintivos do 'governo das mudanças' parece ter sido a estreita articulação entre o projeto de governança – entendida como o exercício do poder na administração dos recursos sociais e econômicos – e a governabilidade, isto é, as condições sistêmicas de exercício da autoridade política em um sistema político. Em outras palavras, a eficiência e a modernidade do modelo de gestão são apresentadas como bases da legitimidade do poder (GONDIM, 1995, p. 7).

No modelo de desenvolvimento adotado pelo “governo das mudanças”, há políticas culturais inovadoras, com reconhecimento de potencialidades turísticas, adotadas estratégias que geram crescimento econômico. O potencial turístico do território é insuficientemente explorado, entretanto, com reconhecimento, o turismo foi considerado atividade prioritária, inserido na política industrial, como forma de apressar o desenvolvimento econômico, em programa de longo prazo que contou com financiamento externo, passando a compor a política econômica prioritária. Desse modo, logo no início do período, é produzida a imagem positiva do Ceará, estado ensolarado, acolhedor e propício ao turismo. Posteriormente, viabilizou-se a transformação da Secretaria da Cultura em órgão prestigiado pela contribuição do *marketing* político e do projeto de desenvolvimento vigente.

Gondim (2007) enfatiza que na proposta de valorização da cultura, no início da primeira gestão de Tasso Jereissati, tendo em vista o comprometimento de superação de práticas políticas clientelistas, grupos de trabalho ligados ao então governador elaboraram o programa, com expectativas de mudanças significativas, no que se refere à política cultural, inclusive com priorização da cultura, ao contrário de gestões passadas que destinavam escassos recursos à área. É escolhido para ocupar a Secretaria da Cultura o poeta e deputado pelo PMDB José Maria de Barros Pinho, ligado à área da política mais do que à das artes cuja gestão enfatiza a interiorização de ações culturais e a valorização da cultura popular. Em julho de 1988, Violeta Arraes assume a pasta, substituindo Barros Pinho, e são destaques da gestão restauração do Teatro José de Alencar e início dos projetos do Mapa Cultural do Estado e criação do polo de cinema, o qual apontava para a estratégia de fomento da indústria cultural para inserir o Ceará nos circuitos nacional e internacional de consumo e produção de bens simbólicos, com continuidade no governo seguinte.

Sousa (2000) destaca, nesse período, a proposta de criação de centro cultural com âncora de corredor cultural, articulando equipamentos públicos e privados, inclusive Estação João Felipe e galpões anexos da Rede Ferroviária

Federal Sociedade Anônima (RFFSA), no centro histórico de Fortaleza. Apesar de não implantada, a proposta serve de estratégia para dotar a cidade de espaço cultural capaz de contribuir para a requalificação do Centro.

Segundo Gondim (2007), no governo de Ciro Gomes (1991-1994), com a saída de Violeta Arraes, assume como Secretário da Cultura o publicitário Augusto Pontes cuja gestão dura até fevereiro de 1993, com ênfase à criação da Escola de Comunicação, Ofícios e Artes (ECOAs), com formação de mão de obra para o setor cultural, e à constituição de centro para refletir sobre o fazer cultural. No início de fevereiro de 1993, Augusto Pontes foi substituído pelo publicitário Paulo Linhares, intelectual ligado à esquerda e cuja atuação estendeu-se até o governo seguinte, a segunda gestão de Tasso Jereissati.

Paulo Linhares impulsionou a gestão cultural com o propósito de colocar o Ceará no circuito nacional da arte e da cultura. Assim, na busca de democratização de acesso à cultura e ao lazer, com geração de novos empregos e movimentação do mercado turístico, em 1993, idealizou juntamente com o governador Ciro Gomes a construção do conjunto de edificações, incluindo a reforma da Ponte dos Ingleses e construção de centro cultural como eixo da nova política cultural do governo. O centro cultural apresentaria traços de modernidade que viesse a atrair residentes e turistas, e representaria referencial da cultura cearense. Gondim (2007) afirma que a concepção do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura foi orientada por dois grandes objetivos: para servir de “âncora” à política cultural articulada à promoção do turismo, tendo em vista inserir Fortaleza na economia globalizada, e para criar “espaço memorável”, capaz de atuar como catalisador da requalificação de antiga área portuária e, simultaneamente, contribuir para a recuperação do espaço público da cidade.

De acordo com Martins (2013), a previsão inicial do centro cultural era de construção rápida, para que fosse concluída ainda no governo de Ciro Gomes, no entanto demorou quatro anos, finalizada somente na segunda gestão de Tasso Jereissati, em 1998. Vários problemas acarretaram o atraso, problemas com a construtora vencedora da licitação, empresa ligada ao Banco Econômico da Bahia, que faliu e teve que ser substituída, bem como o fluxo de recursos prejudicado pela descontinuidade administrativa, tendo em vista que o governador Ciro Gomes foi chamado a ocupar o Ministério da Fazenda do governo Itamar Franco, em substituição a Rubens Ricúpero, no segundo semestre de 1994, sucedido pelo então

presidente da Assembleia Legislativa, Francisco Aguiar, depois, pelo presidente do Tribunal de Justiça do Estado, considerando que o então vice-governador, Lúcio Alcântara, havia se licenciado para concorrer ao Senado Federal. O Dragão do Mar sofria o risco de não prosperar, pois o total de recursos para a conclusão do projeto não estava assegurado, e, nesse momento, não havia garantia de que Paulo Linhares continuaria no cargo.

No final do ano de 1994, Paulo Linhares foi convidado pelo recém-eleito governador Tasso Jereissati a permanecer no cargo de Secretário da Cultura, que elaborou um Plano de Desenvolvimento Cultural, com ações culturais, em que defendia investimento em políticas culturais, com capacitação de recursos humanos e criação de indústria cultural para inserir o Ceará na economia globalizada. Gondim (2007) enfatiza que, nesse Plano, especificamente no anexo “Proposição para a criação do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura”, previa-se que o Dragão do Mar seria espaço de invenção artística e social e não de apaziguamento e ajustamento. Pretendia-se fomentar a indústria cultural com democratização não apenas do consumo, mas também da criação cultural. Assim, a concepção do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura indicava a importância da esfera simbólica como propulsora de transformações no espaço urbano e na imagem da cidade, em articulação com o projeto político.

De acordo com Gondim (2007), o Dragão do Mar foi concebido como um novo espaço público que deveria também estimular a sociabilidade entre as classes sociais e as várias gerações. No Memorial do projeto o centro cultural seria lugar atrativo e acolhedor à maior diversidade possível de pessoas quanto à renda, raça, idade, e reconhece que o projeto foi superestimado na expectativa da presença permanente de todas as classes (informação verbal)²³.

Sousa (2000) destaca que entre as ações prioritárias do Plano, destacava-se a implantação de rede estadual de cultura, encabeçada pelo Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, articulando Casas de Cultura no interior do Estado; criação de escola para formação de profissionais capazes de atuar na área da cultura; Instituto Dragão do Mar; política de incentivo à criação cultural cujo instrumento seria a Lei estadual nº 12.464, de 29 de junho de 1995, conhecida Lei Jereissati de Incentivo à Cultura; e criação de um polo audiovisual em Fortaleza.

²³ Informação fornecida pelo arquiteto e urbanista Fausto Nilo Costa Jr. no Fórum Dragão do Mar, no Auditório do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, em agosto de 2017.

Nesse contexto, o projeto do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura foi apresentado ao então governador como elemento da política cultural inserida na nova compreensão do desenvolvimento. Gondim (1995) acrescenta que nesse período o turismo, ao lado do lazer e da cultura, faria do Dragão do Mar porta de entrada do Ceará no mundo globalizado e na indústria de bens culturais. Sobre o tema, Coriolano (2006) destaca:

[...] os técnicos e estudiosos do assunto mostravam as ricas potencialidades da cultura cearense e a necessidade de atuar mais intensivamente no lazer e no entretenimento, entendendo que o mundo moderno desenvolvia a chamada “indústria cultural” sedimentada em uma infraestrutura de qualidade e na capacitação da população para o novo mercado de bens simbólicos (CORIOLANO, 2006, p. 98).

O centro cultural é inaugurado oficialmente em 28 de abril de 1999, com início de funcionamento, em caráter experimental, em 28 de agosto do ano anterior. Observou-se que, nos primeiros meses, o Dragão do Mar atraiu um público considerável, apesar de contar com instalações incompletas. Barbalho (1999) observa:

Um passeio ao longo das passarelas e equipamentos do Dragão, especialmente no domingo, revela a sua efetiva ocupação, bem como de seu entorno. Centenas de pessoas, de todas as idades, flinando de um ponto ao outro. Consomem filmes, peças teatrais, exposições de artes plásticas, *shows* musicais. De fato, está bem distante qualquer avaliação sombria sobre o papel positivo que o equipamento desempenha hoje no imaginário dos habitantes da cidade (BARBALHO, 1999, p. 6-8).

O Dragão do Mar foi projetado pelos arquitetos Delberg Ponce de Leon e Fausto Nilo, caracterizado pelas linhas arrojadas que contrastavam com casarões do início do século XX, afirma Gondim (2007). Destaca que o projeto arquitetônico tem como elemento ordenador “rua aérea” que interliga quatro blocos de edifícios (Figura 30), conectados à cota do chão a cada vinte e cinco metros, por meio de escadas, rampas e elevador panorâmico. Enfatiza-se o hibridismo, como característica marcante, pois as fronteiras com a rua não são rigidamente demarcadas, além de não haver rígida separação entre atividades oferecidas, interna e externamente. O hibridismo é também evidenciado pela mistura de usos do centro cultural, quando nele se encontram cultura, lazer e consumo; espaços abertos, onde circulam grupos de pessoas idosas, jovens casais ou famílias inteiras; lugares cujo acesso depende da compra de ingresso e passarela metálica onde se cruzam residentes e turistas.

Figura 30 – Vista aérea do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura



Fonte: Site Viagem e Turismo (2017)²⁴.

De acordo com Gondim (2009), escala monumental e arquitetura arrojada do novo edifício atenderiam à necessidade de marcos identitários para a paisagem urbana da cidade, tendo em vista que Fortaleza, por ter adquirido expressão econômica somente a partir de meados do século XIX, não tem patrimônio histórico-arquitetônico comparável ao de capitais da época colonial, Recife, Salvador, São Luis ou Rio de Janeiro. Dessa forma, a ideia era criar marcos não somente materiais como simbólicos. Diz Coriolano (2006) que o Ceará, especialmente Fortaleza, tem razoável patrimônio histórico, com acervo arquitetônico predominantemente eclético, traços marcantes do estilo *art-nouveau*, clássico, neoclássico e *art-déco*. Isso se explica pelo fato de Fortaleza ter passado por intensa transformação somente na segunda metade do século XX, ao assumir a função de centro coletor e exportador do algodão produzido no sertão. A grande procura pelo algodão decorreu da suspensão temporária da demanda do algodão norte-americano para a Europa, causada pela eclosão da Guerra de Secessão nos EUA, entre 1861 e 1865. Explica Coriolano (2006):

A história cearense não permitiu, assim como ocorreu nos Estados da Bahia, Pernambuco e Minas Gerais, a construção de monumentos arquitetônicos ligados ao barroco colonial, dos séculos XVII e XVIII, exatamente em decorrência da sua expansão econômica tardia e ligada

²⁴ Disponível em: <<http://viagemeturismo.abril.com.br/atracao/centro-dragao-do-mar-de-arte-e-cultura/>>. Acesso em: 08 ago. 2017.

mais especialmente ao gado e não ao açúcar e à mineração. O estilo barroco está, sobretudo, nos lugares ligados ao ciclo do açúcar e à mineração. Não se conseguiu mostrar as especificidades da identidade do sertão e da pecuária que são as identificações dos sertanejos cearenses, existindo uma relação de menor valor com tais identificações. Vem se negando parte da história dos cearenses, e a grande maioria desconhece esta história, sendo incapaz de narrar, contar ou explicá-la aos visitantes; o que não acontece, por exemplo em cidades como Recife e Salvador, onde adultos, jovens e crianças sabem contar as histórias da terra (CORIOLANO, 2006, p. 54).

Assim, na busca de compensação da deficiência do Ceará, em especial para Fortaleza, no que se refere ao patrimônio cultural, devido à tardia expansão econômica e à realização de atividades que não envolviam grandes riquezas, no caso a pecuária e cultivo do algodão, ao contrário do cultivo da cana de açúcar e da exploração do ouro, fazia-se necessário produzir, como referências no território cearense, algo que resgatasse o patrimônio ou que inovasse, como foi feito com o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, que se propõe a ser marco da cultura cearense, ao passo que também se caracteriza pelos traços de modernidade na estrutura. Linhares (2000), um dos idealizadores do centro cultural, manifestou-se sobre o assunto da seguinte forma:

Percebi que tinha esse problema de criar alguma coisa que arquitetonicamente fosse representativa da gente e tivesse um aspecto memorável, do ponto de vista de espaço público. O nosso *déficit* também tinha uma característica: as pessoas gostariam de ter um espaço público que fosse lembrado, memorável. E tinha muito pouco: o Passeio Público, o teatro, ali aqueles prédios em torno da Secretaria da Fazenda, e vai rareando (LINHARES, 2000, *apud* GONDIM, 2007, p.177-178).

Com relação ao projeto arquitetônico, Gondim (2009) diz que se tem visão de arquitetos posicionados de forma contrária. Para uns, com a demolição de edifícios que compunham o conjunto urbano do quarteirão para dar lugar a apoio e à passarela do Dragão do Mar, haveria quebra de perspectiva da Rua Dragão do Mar e desvalorização de elegantes edifícios. Não haveria, pois, integração visual entre os edifícios históricos, Casa Boris e Alfândega, e a “grande massa edificada” do centro cultural. Para outros arquitetos, prédios existentes à época, mesmo descaracterizados, compunham o conjunto histórico, harmonizando-se com a escala do Dragão do Mar. Entretanto, o edifício do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, pela dimensão e formas arquitetônicas “pós-modernas” se impôs ao entorno.

Representaria novo espaço público, apropriado a encontros e apresentações culturais, simultaneamente, para atrair turistas pela oferta de opção

diferente do binômio praia/forró, sendo o principal equipamento do turismo urbano-cultural de Fortaleza. Desse modo, apresenta-se como atrativo, pelo grande potencial de agregar em único espaço cultura, arte, lazer e beleza arquitetônica, consolidado com o tempo como lugar de cultura e turismo.

Gondim (2007) afirma que o Dragão do Mar, desde o início do funcionamento, superou o risco de transformação em “elefante branco”, risco sempre presente em equipamentos culturais criados. Assim, com espaços de lazer e acesso gratuito ou preços simbólicos em cerca de 90% da programação, o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura representa, além de lugar atrativo para residentes, importante oferta turística para a cidade de Fortaleza, atendendo aos desejos de turistas que buscam não apenas o turismo de sol e praia, mas conhecimento da cultura do povo e patrimônio cultural.

3.2 CENTRO DRAGÃO DO MAR DE ARTE E CULTURA NO CONTEXTO DA REQUALIFICAÇÃO DA PRAIA DE IRACEMA

Praia de Iracema é um bairro conhecido de Fortaleza, situado na orla marítima, entre bairros Centro e Meireles. É considerado "Bem de Relevante Interesse Cultural", título instituído pelo Patrimônio Histórico e Cultural da Secretaria da Cultura de Fortaleza (SECULTFOR), em virtude da significativa memória coletiva, prédios históricos e importância para o desenvolvimento de intelectuais e artistas. O bairro tem passado pela reestruturação espacial e de reordenação de usos, efetivado como espaço ideal para lazer, mesmo com espaços abandonados. Há proposta de requalificação por parte do poder público em parceria com empresas privadas em processo.

O resgate histórico da Praia de Iracema leva à observação de que, nas últimas décadas, o bairro tem passado por transformações, desde o período de desvalorização, passando pela época marcada pela urbanização e supervalorização, até o período posterior caracterizado pelo descaso, reurbanização e abandono.

Até início do século XX, a Praia de Iracema era chamada de Prainha, depois, no período até a década de 1930, passou a ser conhecida por Praia do Peixe. A denominação coincide com a época em que a faixa litorânea era considerada espaço para atividades laborais de pesca e moradia de pescadores, quando se realizava, em jangadas, venda diária de peixes frescos, afirma Porto Neto

(2012). Para a classe rica, estava reservado o espaço central da cidade, ocupado pelas residências pomposas, ao redor de edificações destinadas às atividades privadas comerciais, públicas, administrativas, praças, igreja e ambientes culturais e de lazer.

Souza (2013) destaca que, com descobertas científicas sobre propriedades terapêuticas de atividades físicas ao ar livre e do banho de mar, incentivou-se a prática de caminhadas à beira-mar, banhos e estadia mais prolongada aos mais doentes no ambiente litorâneo. Assim, com a disseminação de prática saudável, no final do século XIX, houve interesse das classes abastadas em ocupar o espaço litorâneo, em busca de saúde e bem-estar. Nessa época, teve início o processo de urbanização, quando as famílias ricas construíram casas de veraneio e a iniciativa privada realizou investimentos em edificações dos clubes Ideal, Diários e Comercial para prática de esporte e lazer, porém mantendo o centro referencial de moradia.

A partir da década de 1920, a ocupação da faixa litorânea pelas famílias abastadas, com casarões, bares e restaurantes, trouxe nova dinâmica ao lugar e novo cenário arquitetônico, cultural e social, tornando o espaço lugar bucólico e agradável. De acordo com Dantas (2011), a identificação do espaço natural pelas elites foi um dos primeiros impactos, na Praia de Iracema, pois inicialmente a elite ocupou o espaço para atividades de veraneio, esporte e lazer, depois, para moradia, gradativamente modificando o cenário físico e simbólico, levando antigos moradores, pescadores, a se afastarem do mesmo modo, gradativamente, do espaço físico em decorrência da pressão social imposta pelas elites.

De acordo com Souza (2013), o impacto da chegada da elite provocou impactos sociais simbólicos, considerando que a construção material das edificações, novos costumes, valores, maneiras de vestir, de comer e pensar, eram diferenciados da construção simbólica existente. O espaço ocupado pela nova classe social ocasionou a mudança de identidade, de Praia do Peixe para Praia de Iracema, pelo movimento apoiado pelos meios de comunicação. Forte influência ao nome escolhido foi o monumento em homenagem à Iracema, personagem do romance de José de Alencar.

De acordo com Gondim (2007), nas décadas de 1930 e 1940 foram construídas no bairro sedes de clubes como o Ideal, os Diários e o Comercial, em decorrência da difusão do hábito do banho de mar entre os residentes, o que

estimulou a instalação de balneários, que ofereciam serviço de bar e lugar para troca de roupa e guarda de pertences.

Na década de 1940, situava-se na Praia de Iracema a área portuária, posteriormente restaurada, revitalizada e transformada no Centro Dragão de Mar de Arte e Cultura, e iniciou-se a formação da favela Poço da Draga, com mudança de pescadores e famílias para o lugar. Na época, é construído edifício moderno para abrigar o Hotel Iracema Plaza e o bairro Praia de Iracema passa a reduto boêmio, atraindo para bares e restaurantes músicos, poetas e intelectuais, que efetivamente constroem a identidade do lugar, afirma Gondim (2007).

Na década de 1950, houve a construção do Porto do Mucuripe, que acarreta o avanço do mar e desmoronamento de edificações, modificando a paisagem. Destaca Gondim (2007) que o novo porto também teve efeitos negativos para a economia do bairro, pois acarretou a transferência de parte dos depósitos, armazéns e escritórios que funcionavam na área. Ressalta que o banho de mar foi reduzido pelos diques de pedra colocados para deter o avanço das marés.

Segundo Schramm (2001, p. 50), na década de 1960, a Praia de Iracema caracteriza-se como pequeno bairro residencial, marginalizado espacialmente, habitado, sobretudo, pela população de classe média baixa, com inclusão de setores pobres. A autora acrescenta:

Além dos frequentadores de uns poucos bares e restaurantes que abrigava, o bairro era visitado pelos banhistas que procuravam a estreita faixa de praia que restara: a “piscininha” e a Praia do Lido. “Era uma comunidade pacata, visitada noturnamente”, como definiu um frequentador do bairro (SCHRAMM, 2001, p. 50).

De acordo com Gondim (2007), na década de 1970, a instalação de estaleiro em parte remanescente de praia impediu o acesso público, levando moradores da favela Poço da Draga a se mudar para outros bairros. Na época, geração de intelectuais juntou-se aos boêmios tradicionais, com frequência ao Estoril e Ponte Velha, que se fizeram ponto de encontro da juventude contestadora, pertencente à classe média, de estudantes universitários ou profissionais liberais. Ressalta Gondim (2007) que, na década, Fortaleza era palco de movimentos de criatividade artística, tendo a Praia de Iracema como tema de obras de alguns artistas. Entre os movimentos, destaca-se no teatro grupo amador que criou o Gruta (Grupo Universitário de Teatro e Arte), com proposta de teatro popular; na música, o “Pessoal do Ceará”, formado por compositores, letristas e intérpretes que se

projetaram no cenário nacional, Belchior, Ednardo, Fagner e Fausto Nilo; nas artes plásticas, o Centro de Artes Visuais Casa de Raimundo Cela, reunindo artistas consagrados e novos.

De acordo com Souza (2013), na década de 1980, o foco principal de investimentos e retomada do ambiente na Praia de Iracema mantinha-se na preservação das características típicas do bairro, tanto no seu aspecto físico quanto cultural e turístico. Gondim (2007) enfatiza que aprovou-se lei que considerou a área da Praia de Iracema Zona de Renovação Urbanística (ZE-2), com o propósito de barrar processo de verticalização e compatibilizar o uso de lazer com o residencial. No entanto, com promessas não cumpridas ou, parcialmente, realizadas, e falta de regulamentação da lei, edifícios foram construídos e não se impediu a degradação do bairro e descaracterização como área residencial, acarretada pela intensificação do uso turístico e de lazer, com a abertura de bares, casas de *show* e de forró.

Segundo Gondim (2007), na década de 1990, houve a reurbanização da Praia de Iracema, que a transformou em lugar turístico, com construção de calçadão, reforma da Ponte dos Ingleses, reconstrução do prédio do Estoril. Alguns artistas instalaram ateliês em galpões localizados nas Ruas Dragão do Mar e José Avelino, na área antiga do bairro, chamada Prainha, próxima ao Centro da cidade, que permanecia com aspecto decadente, problemas de saneamento, pavimentação deficiente, casarões em ruínas ou ocupados por armazéns, firmas atacadistas e de transporte, repartições públicas, prostíbulos e bares.

No final da década de 1990, com a construção do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, houve resgate de parte do caráter simbólico da boemia e do contexto poético, com a incorporação da área antiga à Praia de Iracema, ocorrida pela política cultural do Governo das Mudanças, voltada à criação de espaços turísticos e de lazer, afirma Gondim (2007). De acordo com Souza (2013), a proposta da criação do centro cultural foi realizar ligação entre o espaço comercial da Avenida Monsenhor Tabosa, o elo cultural histórico do bairro e o Centro.

Dessa forma, a criação do Dragão do Mar representa elemento de reorganização de territórios no entorno, levando o bairro da Praia de Iracema a uma série de transformações, com modificação da dinâmica socioespacial, geração de fluxos de residentes e turistas e movimentação da economia dos bairros próximos e da própria capital. Entretanto, os investimentos no bairro atraíram especulação imobiliária, com a chegada de empreendimentos modernos, e degradação, com

construção de prédios no lugar de prédios históricos, o que acarretou modificação dos ambientes visual e social da Praia de Iracema.

3.3 ESPAÇOS DE LAZER E CULTURA DO DRAGÃO DO MAR

O Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC) é espaço público construído pelo governo do Estado, por meio de licitação da Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente (SDU), mediante envio de carta-convite, de 20 de outubro de 1993, na qual se definiu como objeto a elaboração de projeto urbanístico para reordenação física e revitalização de parte do setor urbano compreendido entre a Avenida Leste Oeste (Praça Cristo Redentor), Rua Boris, Rua Almirante Jaceguai e Avenida Almirante Barroso, tendo como foco de irradiação programática o Centro de Cultura do Estado do Ceará e, como consequência contextual, o uso de áreas livre com atividade de lazer.

Segundo Gondim (2007), na concepção inicial, apresentada na carta-convite, o Dragão do Mar era bem mais modesto do que o equipamento construído, pois estavam previstos apenas auditório para *shows* e conferências, salão de exposições com áreas de administração e montagem, livraria e *souvenires*, sala de vídeo, cafeteria, salão de cinema e oficinas de arte. Não se incluíam espaços, hoje existentes, planetário, nem anfiteatro.

O centro cultural concebe-se com escala monumental, ocupando o equivalente a quatro quadras, entre a Avenida Presidente Castelo Branco, ao sul; Avenida Pessoa Anta, ao norte; Rua Boris, a oeste; e Avenida Almirante Jaceguai, a leste (Figura 31). Com espaços de lazer e programação variada, o centro cultural representa importante oferta à cidade, atendendo a desejos de residentes e visitantes que buscam não apenas o turismo de sol e praia, mas conhecimento da cultura do povo cearense e patrimônio cultural.

Figura 31 – Planta do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura



- | | |
|---|-----------------------------------|
| 1 Memorial da Cultura Cearense - MCC
Exposição Vaqueiros | 16 Estátua do Patativa do Assaré |
| 2 Entrada Principal
Lojinha Dragão do Mar ▲ | 17 Planetário Rubens de Azevedo ▲ |
| 3 Livraria | 18 Espaço Mix ▲ |
| 5 Ateliê de Artes ▼ | 19 Diretoria de Ação Cultural ▲ |
| 6 Espaço ao lado da livraria ▲ | 20 Administração do Planetário ▲ |
| 7 Biblioteca Menezes Pimentel | 21 Teatro Dragão do Mar ▼ |
| 8 Diretoria de Museus | 22 Cinemas ▼ |
| 9 Praça Verde | 23 Auditório ▲ |
| 10 Museu de Arte Contemporânea - MAC | 24 Anfiteatro ▲ |
| 11 Doca - Carga e Descarga - MAC | 25 Arena do Dragão do Mar ▼ |
| 12 Ouvidoria/Informação | 26 Espaço Multiuso |
| 13 Espaço Rogaciano Leite Filho | 27 Praça Almirante Saldanha |
| 14 Torre do Café | |
| 15 Loja Ceart | |
- Escadas
Indicação de Andares ▲ Superior ▼ Inferior
A, B, C, D, E, F, Acessos ao CDMAC
X Biblioteca de Artes Visuais Leonilson

Fonte: Site do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (2017)²⁵.

²⁵ Disponível em: <<http://www.dragaodomar.org.br/espacos.php?pg=mapa>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

A área construída do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura apresenta espaços e atividades desenvolvidas contribuem para a concretização de finalidade. Assim, o centro cultural contém:

- Museu da Cultura Cearense, espaço inclusivo para promoção de difusão, fruição e apropriação do patrimônio cultural do Estado do Ceará, de livre acesso;
- Museu de Arte Contemporânea, que recebe obras de grandes artistas locais, nacionais e internacionais e tem livre acesso;
- Teatro Dragão do Mar, para eventos de dança, música, cinema, debates e conferências, com capacidade para produções nacionais e internacionais e acesso pago;
- Salas de cinema, sob a responsabilidade da Fundação Joaquim Nabuco, com acesso pago;
- Anfiteatro Sérgio Motta, destinado a apresentações de artistas nacionais e locais, com acesso pago;
- Auditório, voltado à realização de conferências, palestras, congressos, apresentações, aulas e seminários, de livre acesso;
- Multigaleria, que recebe exposições com diferentes técnicas relacionadas à pintura, escultura e fotografia, com acesso gratuito;
- Planetário Rubens de Azevedo, com sessões ao público e escolas, com acesso pago;
- Praça Verde Historiador Raimundo Girão que conta com amplo espaço voltado a *shows* de grande porte, com acesso pago, e eventos infantis, Brincando e Pintando no Dragão que atraem milhares de crianças e pais, de livre acesso;
- Ateliê de Artes, espaço para realização de cursos, oficinas, debates e atividades artísticas e culturais, de livre acesso;
- Arena do Dragão do Mar, com programação musical, de livre acesso;
- Espaço Rogaciano Leite Filho, ao ar livre, com livre acesso, onde são realizados *shows* de música, recitais de poesias, desfiles de maracatus, espetáculos de teatro e manifestações artísticas diversas, além dos projetos Recital e Feira Cordel com Corda Toda e Bloco Chão da Praça;
- Biblioteca de Artes Visuais Leonilson, com publicações em áreas de Fotografia, *Design*, Museologia, História da Arte, Arquitetura e Urbanismo, Moda e Arte Contemporânea, entre linguagens, de livre acesso;

- Café Santa Clara, com acesso livre, devendo ser pago apenas o consumo de comidas e bebidas;
- Bares, com livre acesso, que cobram apenas consumo de comidas e bebidas.

Quanto à acessibilidade, o Dragão do Mar conta com três rampas e dois elevadores. Há rampa na entrada principal do Dragão do Mar, com acesso pela Avenida Castelo Branco; outra com acesso pela Avenida Pessoa Anta, via Praça Almirante Saldanha, com acesso anexo ao Anfiteatro e rampa para acesso à Praça Verde pela Rua José Avelino, ao Atelier das Artes e ao elevador panorâmico do MAC. Um dos elevadores é destinado a pessoas portadoras de necessidades especiais, fica próximo ao Planetário e dá acesso ao Auditório, Espaço Mix, Administrativo e banheiros, enquanto o outro é o elevador panorâmico na Praça Verde com acesso pela Rua José Avelino, o qual permite acesso à passarela superior, com entrada/saída em frente à portaria do MAC.

Relatos de usuários indicam que nem sempre os elevadores estão funcionando, seja por estarem com defeito ou em manutenção, o que dificulta bastante o deslocamento de pessoas com necessidades especiais e idosos.

Outra dificuldade apresentada por usuários refere-se a estacionamento no Dragão do Mar, tendo em vista que o estacionamento próprio, localizado na Praça Almirante Rufino, dispõe de poucas vagas, levando o usuário a utilizar vaga paga por hora em estacionamentos ou nas ruas do entorno do centro cultural. Com o problema da insegurança no bairro da Praia de Iracema, há diversos relatos de usuários que sofreram constrangimento e até extorsão por pessoas que vigiam os carros.

Na definição de Costa Jr (1998, *apud* GONDIM, 2007), o Dragão do Mar é o edifício urbano, comparado a uma rua, onde se passa por um bloco e sai e entra no outro e desce por outro para o espaço público, podendo voltar e entrar de novo, passando de uma rua a outra. O espaço tem sentido psicológico que às vezes parece desperdício, porém cheio de gente, dá sentido ao centro cultural.

O acesso ao pórtico de entrada principal é feito pela Avenida Leste Oeste (Figura 32). À direita da entrada principal, Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel conectada com o centro cultural, em abril de 2002, posteriormente com ampliação da área de conexão entre os dois equipamentos.

Figura 32 – Entrada principal do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura



Fonte: Pinheiro (2017).

Após entrada principal, há o primeiro bloco, com *hall*, bilheterias, salas de exposições e para administração e Museu da Cultura Cearense (MCC) (Figura 33).

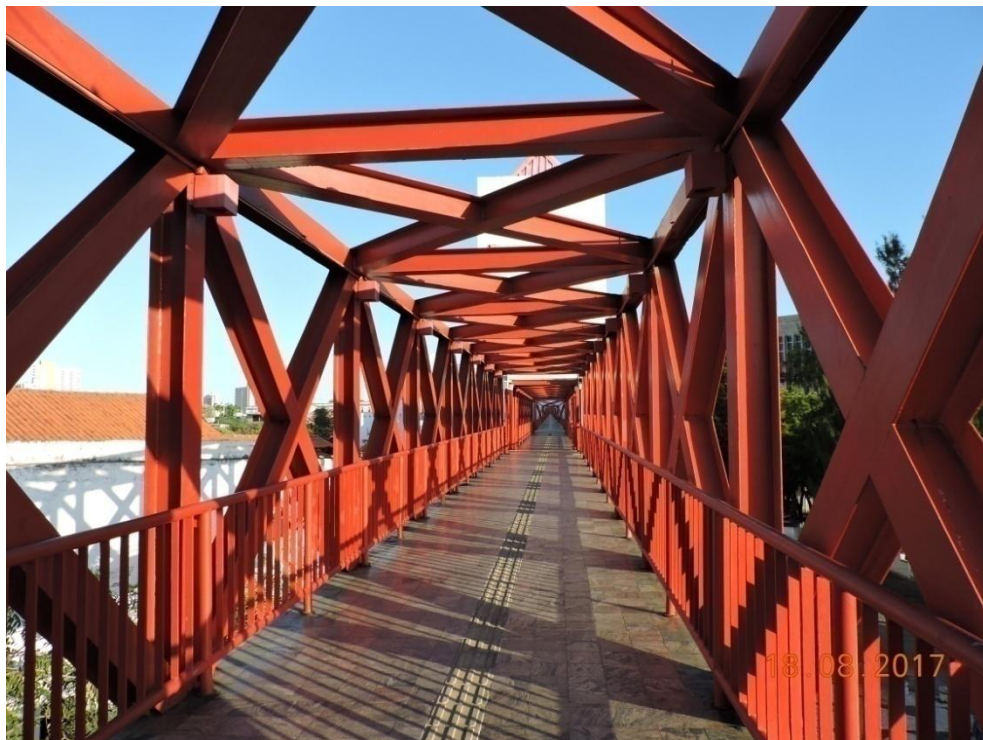
Figura 33 – Hall de entrada do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura



Fonte: Pinheiro (2017).

À frente, segundo bloco que abriga, no piso superior, o Museu de Arte Contemporânea do Ceará (MAC), e no térreo, espaço destinado a oficinas de arte. Há espaço aberto, Praça Verde ou Ágora, onde se realizam grandes *shows*. O acesso interno aos espaços é feito pela rampa ou elevador panorâmico, também pela Rua José Avelino, com estacionamentos abertos ao público. Pelo segundo bloco, inicia a passarela com estrutura de aço, “rua aérea” do projeto arquitetônico (Figura 34).

Figura 34 – Passarela com estrutura de aço que compõe a “rua aérea” do projeto arquitetônico



Fonte: Pinheiro (2017).

A passarela passa sobre a Rua José Avelino, interligando blocos, e tem acesso ao piso térreo pelas escadas conectadas ao chão (Figura 35). Leva ao terceiro bloco, onde se tem o Café Santa Clara, e em seguida, ao quarto bloco, com salas de aula, Auditório, salão polivalente com espaço para lanchonete, acesso ao anfiteatro e planetário. No térreo, com acesso pela praça Almirante Saldanha, localizam-se cineteatro e duas salas de cinema, de um lado, e Multigaleria, de outro.

Figura 35 – Passarela com estrutura de aço sobre a Rua José Avelino



Fonte: Pinheiro (2017).

O Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura foi inaugurado para democratizar o acesso à cultura e ao lazer, gerar empregos e movimentar o mercado turístico. Sobre democratização do acesso, a assessora de comunicação e *marketing* do IDM Luciana Vasconcelos informou que se adota política de preço com valores acessíveis ou de gratuidade em quase toda a programação, de modo a atender todas as faixas etárias e classes sociais, promovendo inclusão cultural. Segundo a assessora, são realizadas pesquisas sobre perfil de usuários e cerca de 80% do público é composto de universitários da classe C. A programação realizada por produtoras externas representa exceção, tendo em vista que estas locam o espaço e definem preços elevados. São apontados como entrave ao acesso os problemas do entorno do Dragão de Mar, e em especial a insegurança, que afastam parte do público. A superintendente da Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho, Diana Pinheiro, ressaltou que a feira da Rua José Avelino, embora possa ter gerado insegurança na área pela desorganização, atraiu para o centro cultural turistas de menor poder aquisitivo.

Quanto à movimentação do mercado turístico, a assessora também informou que o centro cultural busca sempre trazer produtos culturais de destaque no cenário nacional e mostrar aos turistas a diversa produção cultural cearense. Nos

períodos de maior visitação, busca-se oferecer programação do panorama da produção cearense. Entretanto, é apontada dificuldade de falta de investimentos em programação densa, em qualquer época do ano.

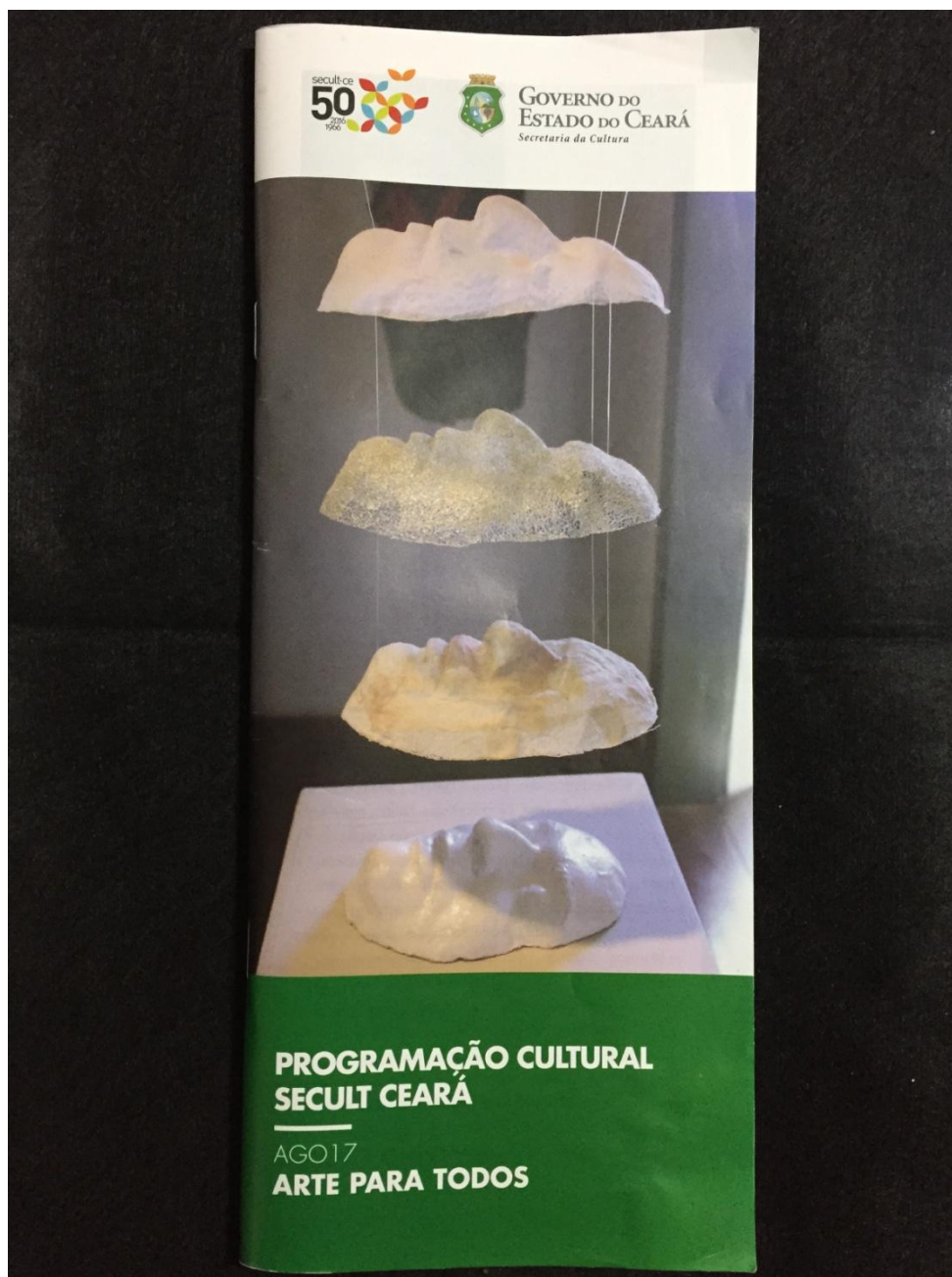
Para se ter opiniões de funcionários do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura sobre programação, divulgação, utilização de espaços e relação entre cultura e turismo, elaborou-se roteiro de perguntas (Apêndice B), encaminhado por mensagem eletrônica. As perguntas foram respondidas e informações repassadas, na dissertação.

Com relação à programação do Dragão do Mar, a assessora de comunicação e *marketing* Luciana Vasconcelos informou que cerca de 80% compõe-se de projetos artísticos selecionados por meio de editais culturais, que formam a Temporada de Arte Cearense (TAC). A TAC reúne projetos selecionados pelos editais e apresenta ao público, residentes e turistas, panorama das melhores produções artísticas realizadas em linguagens teatro, dança, música, artes visuais, cinema, literatura, fotografia, circo, *performance* e na categoria Pontos de Cultura. O restante da programação é formado pelos projetos que solicitam pauta ou produção/concepção do próprio Dragão do Mar. A Diretoria de Ação Cultural está sempre convidando *experts* em cada linguagem, de forma a construir, de forma colaborativa com artistas da área, programação de qualidade.

A respeito da programação cultural, Fausto Nilo afirmou no Fórum Dragão do Mar que o centro cultural não recebe tudo que poderia durante o dia devido ao contexto, e em especial à insegurança. Segundo Diana Pinheiro, superintendente da Escola de Artes e Ofícios, com o destaque do turismo de sol e praia em Fortaleza, torna-se difícil estabelecer uma programação para manhã, tarde e noite no Dragão do Mar que pudesse competir com o lazer no espaço da praia.

Sobre divulgação da programação do Dragão do Mar e política de *marketing*, a assessora informou que a Diretoria de Conteúdo e Mídias tem como foco a divulgação da programação para a imprensa e público, especialmente por meio da assessoria de imprensa e redes sociais, que têm apresentado bom alcance, são o principal canal de comunicação com o público. Quanto à forma de divulgação entre residentes, são distribuídos livretos mensais com programação de todos os equipamentos geridos pelo IDM (Figura 36), cartazes, *folders* e totens, além do *site* (www.dragaodomar.com.br).

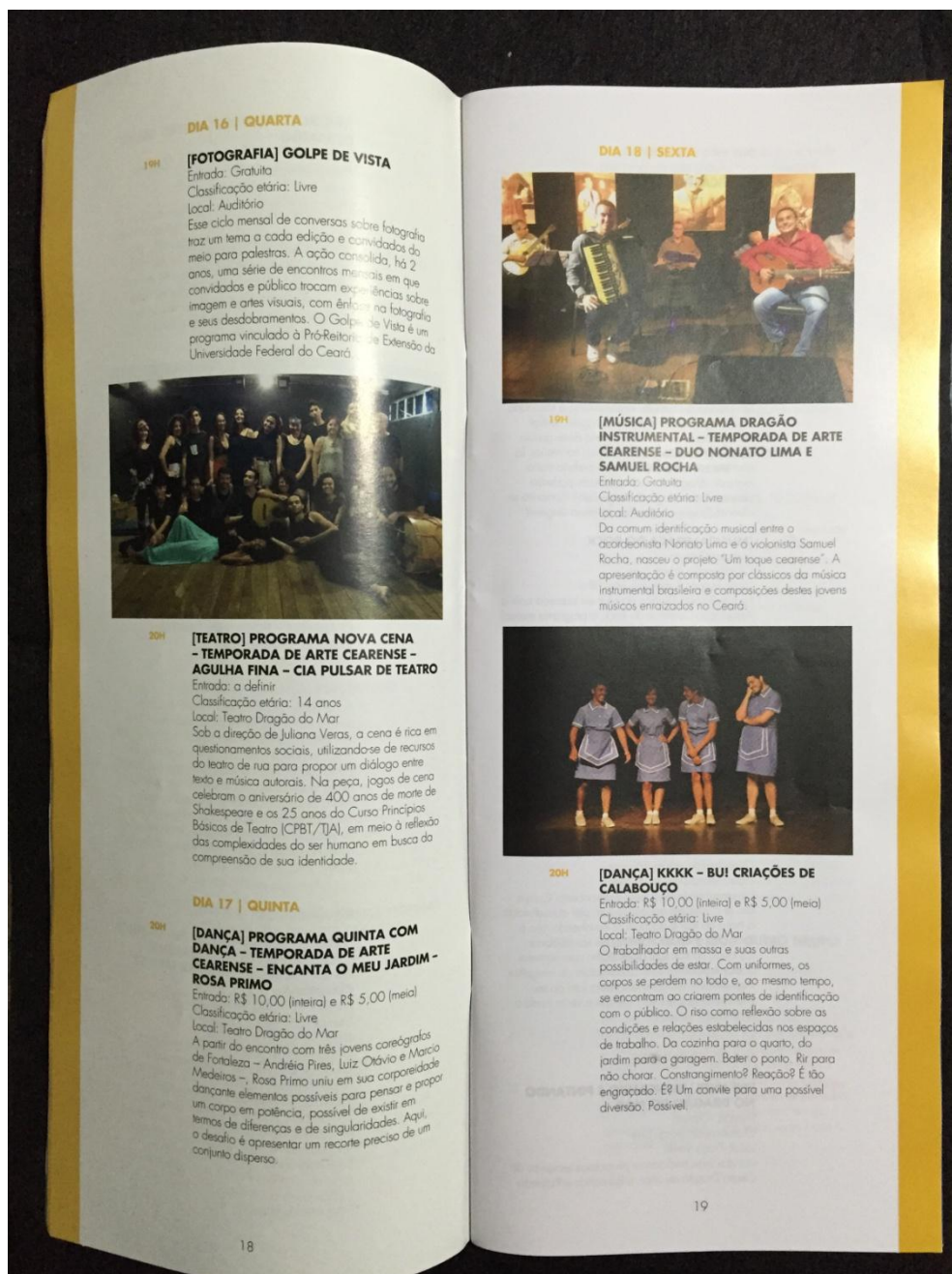
Figura 36 – Livreto contendo a programação cultural de agosto de 2017 de todos os equipamentos geridos pelo IDM



Fonte: Pinheiro (2017).

Para o Dragão do Mar, o livreto apresenta programação cultural do Auditório nos dias 16 e 18 de agosto de 2017, nas linguagens fotografia e música, respectivamente, ambas com entrada gratuita e classificação etária livre. Programação do Teatro nos dias 17 e 18 de agosto de 2017, na linguagem dança, indica entrada por preço acessível e classificação etária livre (Figura 37).

Figura 37 – Livreto contendo a programação do Dragão do Mar de 16 a 18 de agosto de 2017



Fonte: Pinheiro (2017).

O livreto contém informações sobre o horário de funcionamento dos equipamentos culturais e programação detalhada do mês a que se refere. No caso do Dragão do Mar, em cada dia do mês, a programação consta organizada por horário, com detalhes resumidos da linguagem a ser apresentada, espaço, classificação etária e tipo de acesso, gratuito ou pago. Entretanto, segundo a superintendente da Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho, Diana

Pinheiro, a distribuição dos livretos ocorre intempestivamente, muitas vezes quase no meio do mês, quando deveria ocorrer antes do início.

De acordo com a assessora de comunicação e *marketing* Luciana Vasconcelos, não há divulgação específica para turistas, mas há necessidade de materiais impressos em outros idiomas. O conhecimento do Dragão do Mar é dado aos turistas pelos guias turísticos e revistas, mídia, hotéis e campanhas dos órgãos oficiais de turismo. Entretanto, há dificuldades quanto a recursos para comunicação incisiva e massificada.

O aproveitamento dos espaços é adequado, eficiente e eficaz, em horário de funcionamento facilitado, porém os problemas do entorno do Dragão do Mar afastam parte do público, causando prejuízo na utilização e aproveitamento dos espaços, afirma a assessora. Assim, apesar de a estrutura atender às expectativas da maioria de proponentes, com horário adequado, são necessárias melhorias e reformas. Museus, totalmente gratuitos, por exemplo, poderiam ter mais acessos, no entanto há carência de recursos para exposições com maior apelo ao público e falta de hábito dos residentes, em especial, de visita de museus.

No que tange à relação entre cultura e turismo, a assessora informou que, eventualmente, as Secretarias de Turismo estadual e municipal produzem materiais audiovisuais e publicitários que enaltecem a riqueza do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, contudo reconhece-se que essa relação poderia ser mais bem explorada, com ações conjuntas das secretarias estaduais e municipais de cultura e turismo para a promoção do Dragão do Mar. A assessora sugere que deve haver plano comum e permanente para superação da dificuldade, e afirma que esse é o objetivo da criação do Fórum Dragão do Mar.

3.3.1 Espaços museológicos de difusão da cultura cearense

Os museus são responsáveis por grande parte da atratividade que um lugar possui. Por serem equipamentos culturais, atraem público que busca educação, lazer e turismo. Nesse sentido, complementa Montaner (2003) que os museus e coleções convertem-se em polos de atração turística, ao mesmo tempo em se consolidam por conseguirem que os cidadãos se sintam membros da cidade que dispõe de cultura e capacidade recreativa.

O Conselho Internacional de Museus (ICOM) da UNESCO define museu como

Instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e seu desenvolvimento, aberto ao público, que adquire, conserva, pesquisa, comunica e exhibe o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu ambiente, para fins de educação, estudo e prazer (ICOM *Statutes*, 2017, p. 3, tradução nossa).

Na definição do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) (2012) museus são

Casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes. Os museus são conceitos e práticas em metamorfose (IBRAM, 2012, p. 1).

Montaner (2003) explica que museus são equipamentos culturais e urbanos, públicos ou privados, agrupados na categoria cultura e lazer, destinados à prática cultural. São de utilidade pública, pois se destinam à prestação de serviços necessários ao funcionamento das cidades.

A importância dos museus é avaliada pela função de lugar privilegiado da memória coletiva, garantindo à comunidade e ao mundo a guarda de objetos considerados necessários à identificação da cultura e história, de forma a revitalizar elos temporais com o passado. Diz Amaral (2006) que museus funcionam como instrumentos eficientes de fixação de identidades coletivas e guardam possibilidade de reflexão, constituindo interlocutor social entre a sociedade e o passado. Desse modo, fortalecem e afirmam identidades, nacional ou específica, de determinados grupos ou comunidades.

Amaral (2006) declara que, há décadas, os museus fazem parte da atração principal do turismo cultural, principalmente em países com cultura de visita a museus. No caso do Brasil, ressalta o autor que, apesar do número considerável de museus, de todas as especializações possíveis, não existe frequência de público, levando-os a enfrentar crises financeiras, resultado de descaso e falta de diálogo com a sociedade.

Sales (2010) enfatiza que museus têm também função educacional e social, por representar patrimônio. Amaral (2006) diz que a finalidade educativa é expressa no diálogo com áreas do saber, por exemplo, no urbanismo, podendo gerar intensa revitalização de cidades, pela atração de empresas e bens culturais e

consolidação de novos polos turísticos. O autor menciona o caso do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura que revitaliza a área da Praia de Iracema, degradada pelo descaso público. Assim, ao considerar o contexto urbano, o museu mostra-se relevante por gerar fluxos, podendo modificar e revitalizar o espaço.

Os museus do Dragão do Mar, que têm a finalidade de democratizar o acesso e difundir a cultura, apresentaram, em 2016, fluxo de usuários considerável. Assim, de acordo com informações consolidadas enviadas pelo assessor administrativo do IDM, Demétrio Magalhães, o Museu da Cultura Cearense (MCC) recebeu 56.502 visitantes, e o Museu de Arte Contemporânea (MAC), recebeu 41.535, entre residentes e turistas.

➤ **Museu da Cultura Cearense (MCC)**

O Museu da Cultura Cearense (MCC) é etnográfico, com proposta de difusão, fruição e apropriação do Patrimônio Cultural do Estado do Ceará, mediante ações de pesquisa, preservação e comunicação, visando à inclusão e desenvolvimento sociocultural. Torna-se espaço inclusivo de produção de conhecimento por meio da relação entre educação formal, não formal e informal; de expressão da cultura, de forma contextual e reflexiva. Conflitos, contradições e temporalidades valorizam a produção cultural, criatividade e diferentes formas de ser, estar no mundo, relacionar-se com o meio ambiente e com sujeitos sociais (SECULT, 2017).

O acesso é feito pela entrada principal do Dragão do Mar, na Avenida Castelo Branco. O MCC é climatizado e tem iluminação e equipamentos de segurança, dentro dos padrões técnicos da moderna museologia. Dispõe de 800m², assim distribuídos: dois salões de exposições de longa duração e dois para exposições temporárias de curta duração. Há miniauditório equipado com telão, projetor de vídeo e instalações apropriadas a concertos de música erudita e popular. Proferem-se palestras, pequenas apresentações, debates, vídeos, tudo em função da exposição presente (SECULT, 2017).

Exposições de longa duração têm foco em manifestações e valores culturais e têm promovido a revalorização do artista popular, em especial do setor de artesanato, reconhecendo criatividade, iniciativas e elevação da autoestima reconhecida nas mostras. A concepção de exposições parte da investigação e

análise de tema específico e posterior coleta de acervo de imagem e de entrevistas orais (SECULT, 2017).

Durante a pesquisa, houve duas exposições gratuitas, uma de curta duração, “Miolo de Pote: a cerâmica cearense primitiva e atual”; outra, de longa duração, “Vaqueiros”. A primeira (Figura 38), no piso intermediário do MCC, com visita de terça a sexta-feira, das 9h às 19h, aos sábados, domingos e feriados, das 14h às 21h, reúne peças feitas de barro, apresentando dinamismo e vivacidade da arte ancestral e milenar, no Ceará, além de trazer a contribuição de artistas plásticos e visuais, Bosco Lisboa, Gentil Barreira e Tiago Santana. São curadoras Dodora Guimarães e Valéria Laena.

A exposição “Vaqueiros” encontra-se no piso inferior do MCC, com mostra aberta somente a visitas agendadas, exposição lúdica, de caráter didático, que transita pelo ambiente natural do vaqueiro, com recursos cenográficos, fotos e objetos de uso cotidiano, do personagem símbolo do sertão. À vista das instalações, o visitante aprende um pouco da história do sertão, na ocupação do território, pela pecuária, até a atualidade. Entretanto, essa exposição está fechada há cerca de quatro meses devido a problemas com iluminação, sem previsão para reabertura.

Figura 38 – Exposição “Miolo de Pote”



Fonte: Pinheiro (2017).

De acordo com informações prestadas pelo assessor administrativo do IDM, Demétrio Magalhães, o número de usuários do Museu da Cultura Cearense, em 2016, foi de 56.502, entre residentes e turistas.

➤ **Museu de Arte Contemporânea (MAC)**

O Museu de Arte Contemporânea do Ceará (MAC) é de importância nacional, contribui na difusão da cultura e da arte e recebe obras de artistas locais, nacionais e internacionais, destacado pela exposição de Rodin, no final do ano 2000, com mais de 70 mil visitantes. O acesso ao MAC é pela entrada principal do Dragão do Mar (Avenida Castelo Branco), pela passarela vermelha ou pelo elevador panorâmico.

Dispõe de 700 m² e de trezes salas, em dois pavimentos, climatizadas, com termostato para controle de temperatura e umidade relativa do ar, de acordo com padrões internacionais exigidos pela nova museologia. Além disso, equipadas com sistemas de iluminação, som e câmeras de segurança. O sistema de iluminação, projetado pelo *designer* Peter Gasper, foi elaborado com equipamentos e padrões técnicos atualizados, segundo normas luminotécnicas. Algumas exposições podem ser visualizadas na parte de fora do museu, como viabiliza o projeto Painel Giratório, que convida artistas para delinear peças na rampa giratória do Dragão do Mar (SECULT, 2017).

Intensifica-se a campanha de ampliação do acervo, com doações e aquisição de peças significativas. Atualmente, conta com mais de mil obras de autoria de artistas plásticos brasileiros e estrangeiros, no acervo, permitindo além de pesquisas, a realização de exposições temáticas. Também estão sob guarda do MAC peças da Pinacoteca do Estado e do acervo do pintor Antônio Bandeira. O MAC tem profissionais especializados que realizam trabalho de acondicionamento, manutenção preventiva e curativa, embalagem e desembalagem de obras em trânsito e documentação da peça (SECULT, 2017).

O museu apresenta setor educativo, em que se desenvolvem estratégias de comunicação entre museu, público e arte contemporânea, pelos conteúdos das exposições. Atende a grupos de escolas, projetos, universidades, organizações não governamentais (ONG) e instituições interessadas em visitá-lo e conhecer a arte contemporânea. O setor orienta a visita do público às salas, com ajuda de monitores

multidisciplinares estudantes de Arte, Filosofia, Ciências Sociais e Letras. Convidam o espectador a desafiar o próprio olhar, estimulando a interpretação e auxiliando na formação de novo olhar sobre a arte (SECULT, 2017).

A visita é agendada, de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h. Na visita mediada de grupos agendados, educadores propõem atividades e informações sobre produção em arte contemporânea e diálogo entre obras da mostra. As visitas de orientação do público espontâneo ocorrem todos os finais de semana, às 17h, com ações de mediação com educadores, tendo como ponto de partida a recepção.

A equipe é formada por Arte Educadores - universitários multidisciplinares – que desenvolvem ações de mediação com Escolas, Projetos, Universidades, ONGs e instituições interessadas em visitar o Museu e conhecer arte contemporânea.

Durante a pesquisa, havia exposição de fotografias, em comemoração aos 100 anos do cearense Chico Albuquerque, considerado um dos mais completos fotógrafos brasileiros, do ponto de vista de domínio da técnica fotográfica. Observou-se presença de grupos de jovens em visita à exposição (Figura 39).

Figura 39 – Jovens em visita à exposição de fotografias de Chico Albuquerque



Fonte: Pinheiro (2017).

De acordo com informações do assessor administrativo do IDM, Demétrio Magalhães, o número de usuários do Museu de Arte Contemporânea, em 2016, foi de 41.535, entre residentes e turistas.

3.3.2 Espaços de difusão da arte

➤ Biblioteca de Artes Visuais Leonilson

A Biblioteca Leonilson é única especializada em artes visuais (Figura 40) (SECULT, 2017). O espaço homenageia o artista plástico cearense José Leonilson Bezerra Dias, um dos principais nomes da arte contemporânea. Falecido aos trinta e seis anos de idade, Leonilson teve carreira curta e intensa e deixou mais de 3.800 trabalhos espalhados pelos museus do Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Brasília, Londres e Nova York, afirma Albuquerque (2017).

Figura 40 – Entrada da Biblioteca de Artes Visuais Leonilson



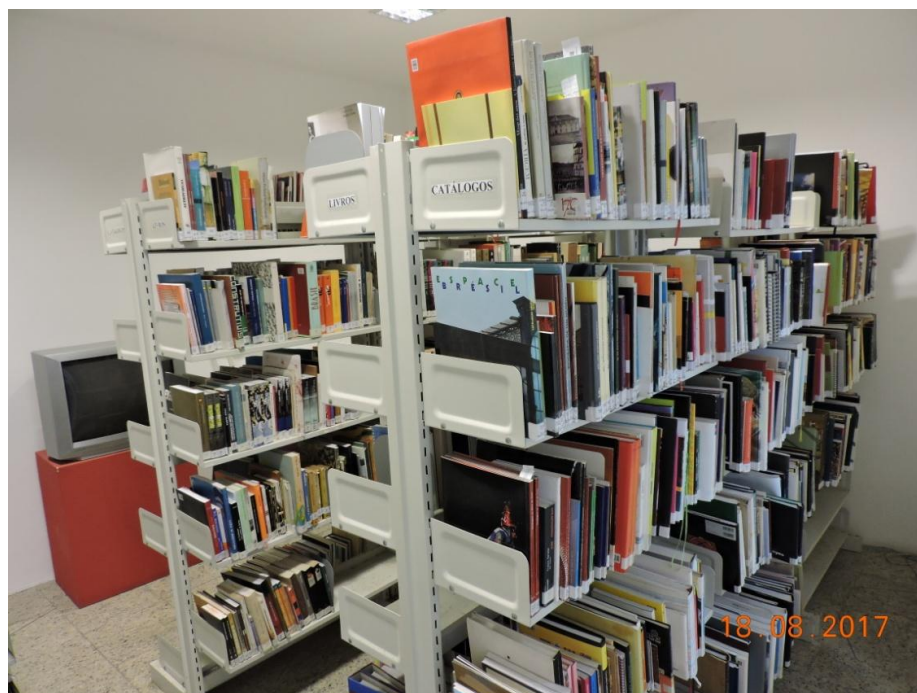
Fonte: Pinheiro (2017).

Situada no piso inferior do MAC, tem livre acesso e funciona de terças às quintas-feiras, das 9h às 12h e das 13h15 às 18h e nas sextas-feiras, das 14h às 18h. Os serviços oferecidos incluem consulta local, sem opção de empréstimo,

exibição do material multimídia, levantamento bibliográfico e pesquisa na *internet* (SECULT, 2017).

A Biblioteca possui acervo com mais de duas mil publicações, entre livros, catálogos e periódicos, inclusive obras de fotografia, *design*, museologia, arquitetura e urbanismo, história da arte, moda e arte contemporânea (Figura 41).

Figura 41 – Parte do acervo da Biblioteca Leonilson



Fonte: Pinheiro (2017).

De acordo com Moura (2005), a biblioteca, na inauguração, em 22 de junho de 2005, possuía apenas quinhentos livros, foi projetada para conservação de livros convencionais e digitais, tendo à disposição dos usuários computadores conectados à *internet*, para possibilitar acesso a bibliotecas virtuais, centros de pesquisa de diversos países, circulação de textos livres na rede e interação entre estudantes e artistas. A proposta da biblioteca é desenvolver atividades socioculturais tornando-se centro de referência para pesquisa em artes visuais.

Costa (2017) afirma que o público é formado principalmente pelos artistas que visitam ou expõem nos museus do Dragão do Mar, pesquisadores de faculdades, educadores e estudantes de arte. No trabalho de campo, em agosto de 2017, a média de visitantes por mês é de 85 visitantes em baixa estação, cerca de 50 usuários internos (funcionários) e 34 usuários externos, e a média no período de alta estação chega a 140 visitantes, cerca de 95 usuários internos e 45 usuários externos, entre residentes e turistas.

➤ Multigaleria

A Multigaleria localiza-se no térreo, sob o Anfiteatro Sérgio Motta, no espaço em frente ao Cinema do Dragão - Fundação Joaquim Nabuco, e recebe exposições com diferentes técnicas relacionadas à pintura, escultura e fotografia. O acesso é gratuito e a visitação ocorre de terças-feiras aos domingos, das 14h às 21h.

Por ocasião do trabalho de campo, no mês de agosto de 2017, a Multigaleria recebia a segunda edição da Mostra Videografias Performativas, com mais de 35 horas de obras inéditas de videodança, distribuídas ao longo de 408 horas pelas cinco telas dos espaços de exibição do festival, com destaque da produção cearense (Figura 42). Sob curadoria de Júnior Pimenta, a Mostra traz exuberância prática e reflexiva sobre campos da *performance* e exhibe "Bela, recatada e do lar", do Comedores de Abacaxi S/A; "Centauro", de Marina de Botas; "O batedor de bolsa", de Dalton Paula; "Café Colonial", de Naiana Magalhães; "Zeitgeist", de Paul Setúbal; "Malacon", de Marcos Martins; "Performance magia política e ativismo psíquico", de Marcelo Gandhi; "marcha das cem tetas", de Marie Carangi; "Mamilo proibidão", de Raoni Shaira e "Desaba", da Inquieta Cia (SECULT, 2017).

Figura 42 – Usuários na Multigaleria



Fonte: Pinheiro (2017).

A Mostra Videografias Performativas é realizada em parceria com Dança em Foco – 15º Festival Internacional de Vídeo & Dança, no Rio de Janeiro e, pela primeira vez, em Fortaleza, em 2017. O Dança em Foco foi criado em 2003, no Rio de Janeiro, e serve para difusão, experimentação, formação e produção de diferentes possibilidades de relação entre vídeo e dança. É o primeiro evento brasileiro dedicado à interface vídeo/dança (SECULT, 2017).

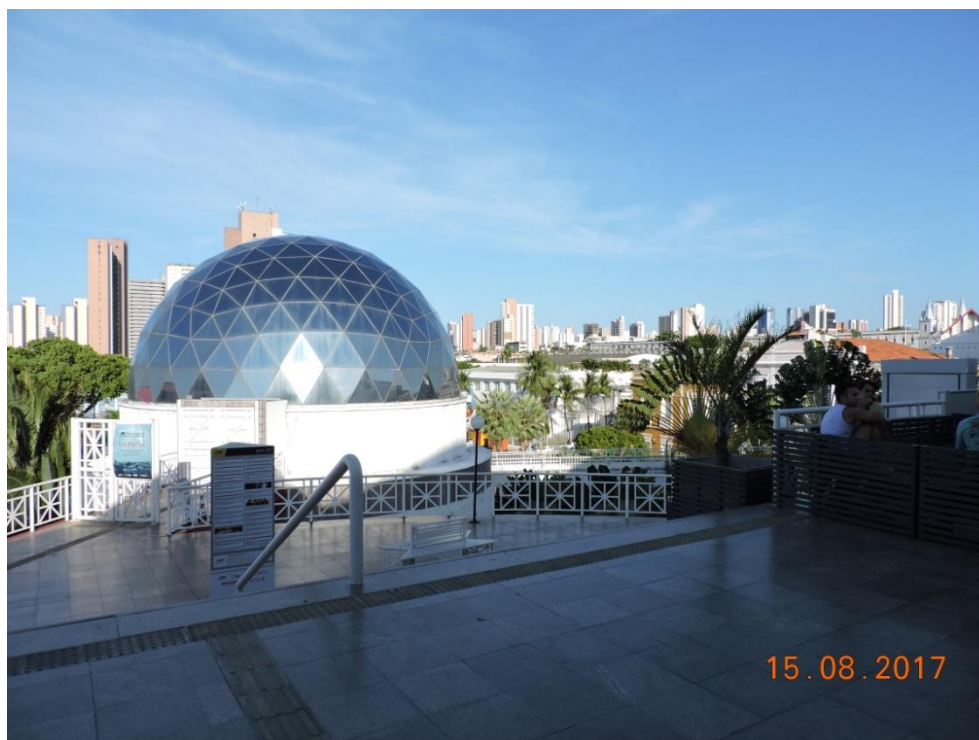
No projeto Dança em Foco, as mostras apresentam as recentes montagens do gênero, selecionadas por meio de editais culturais, editais de ocupação do Dragão do Mar, além de trazer produções de estados brasileiros e países. Neste ano de 2017, o Dança em Foco exhibe a Mostra Internacional de Videodança, Masterclasses e Palestras (MIV), reconhecida uma das maiores do mundo no gênero e principal eixo do festival que traz obras selecionadas pela convocatória internacional anual e programas *on tour* oriundos de parcerias com festivais internacionais, incluindo os que fazem parte da REDIV – Rede Ibero-Americana de Festivais Internacionais de Videodança (SECULT, 2017).

Em complementação à Mostra, há vídeos de alunos dos cursos de dança da UFC, e vídeos produzidos no Curso de Vídeo-Dança da Vila das Artes, exibidos em janela dedicada à produção universitária. Também há retrospectiva do convidado internacional, o suíço Gilles Jobin, com exibição de importantes filmes da carreira, em tela exclusiva, no Dragão do Mar e em encontro com o artista no Porto Iracema (SECULT, 2017).

Não foi informado o número de usuários em visita à Multigaleria em 2016.

➤ **Planetário Rubens de Azevedo**

O Planetário é espaço de entretenimento e formação pedagógica em Astronomia, valoriza ciência, arte e cultura, pelo fortalecimento de atividades educacionais e turísticas. Situa-se no piso superior do Dragão do Mar, ao lado do Anfiteatro Sérgio Motta (Figura 43).

Figura 43 – Planetário Rubens de Azevedo

Fonte: Pinheiro (2017).

Bem cultural da cidade, com marca da inovação no ensino e difusão da ciência e tecnologia, o planetário Rubens de Azevedo é um dos mais modernos e confortáveis do Brasil. Coberto por cúpula de onze metros de diâmetro, abrange área total de 78m² e obedece a rigorosos critérios de segurança e conforto, com capacidade de 80 lugares sentados, em ambiente refrigerado, com espaços reservados a pessoas portadoras de necessidades especiais (SECULT, 2017).

Conta com projetores marca Carl Zeiss modelo *Skymaster ZKP4*, com *Space Gate Quinto* e Sistema *PowerDome*, fabricados pela empresa alemã Carl Zeiss Jena GmbH, inventora do planetário, e há mais de oitenta anos, detentora da tecnologia dos melhores planetários do mundo. A projeção de estrelas pelo ZKP4 é feita por tecnologia de fibras ópticas, que reproduz, com bastante fidelidade, o céu estrelado. O sistema de som é digital, *surround sound* com seis canais, mesa de som digital, com vinte e quatro canais e caixas acústicas que direcionam o som pela cúpula hemisférica. Os equipamentos são controlados pelo conjunto de oito computadores de última geração que permitem exibição de imagens tridimensionais de alta qualidade em projeção *full dome* (em toda a cúpula - 360° x 180°), reproduzindo o céu com fidelidade e trazendo visão dos astros e simulação dos mais variados fenômenos astronômicos (SECULT, 2017).

O nome do planetário homenageia Rubens de Azevedo, astrônomo e escritor cearense e precursor na luta pela implantação de planetário no Ceará. Rubens de Azevedo teve o pioneirismo como marca na carreira profissional, pois, em 1947, cria a primeira Sociedade Brasileira dos Amigos da Astronomia (SBAA) e, em 1948 fundou o primeiro observatório popular brasileiro, Observatório Popular Flammarion, e Sociedade Brasileira de Selenografia, em São Paulo. Além disso, desenha o Primeiro Mapa Lunar Brasileiro, com 80 cm, exposto no Museu Nacional de Astronomia; descobre vale lunar durante eclipse lunar, confirmado posteriormente pelos observatórios chilenos que, na época, sugeriram à União Astronômica Nacional a atribuição do nome "Vale Azevedo" e descobridor do fenômeno lunar transitório na Cratera Aristarco, confirmado posteriormente pelo astronauta Edwin Aldrin quando em órbita lunar. Na carreira acadêmica, Rubens de Azevedo foi professor de Selenografia na Escola Municipal de Astrofísica em São Paulo, professor assistente de Astronomia e Astronáutica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba e professor de Geografia Astronômica na Universidade Estadual do Ceará (SECULT, 2017).

O planetário atende o público em geral e às escolas em horários previamente agendados e funciona das quintas-feiras aos domingos. Na programação, exibem-se sessões: O ABC do Sistema Solar, A Conquista do Espaço, Explorando o Universo, Origens da Vida e Noite das Estrelas.

O ABC do Sistema Solar tem duração de trinta minutos, das quintas-feiras aos domingos e feriados, voltado ao público infantil. As crianças são levadas a fazerem viagem pelo sistema solar em nave imaginária, para aprendizagem da mitologia das constelações e lendas astronômicas. A Conquista do Espaço dura quarenta minutos, aos sábados, domingos e feriados. Mostra o início da corrida espacial com o soviético Yuri Gagarin, e, tempos depois, a conquista da chegada do homem à lua com o pouso da missão Apollo 11. O programa Explorando o Universo dura também quarenta minutos, das quintas-feiras aos domingos. Apresenta viagem pelo universo com Galileu, em conhecimento de segredos do céu e descobertas científicas para o progresso da ciência. O programa Origens da Vida dura trinta minutos, das quintas-feiras aos domingos, às 20h, sobre as origens da vida, nas profundezas do oceano, pelo tempo e espaço, até o nascimento das primeiras estrelas. O Noite das Estrelas tem acesso livre, há 12 anos, tendo recebido milhares de pessoas entre residentes e turistas, mensalmente, a partir das 19h, sempre nas

noites de quarto crescente lunar, exceto em noites nubladas. O Planetário disponibiliza ao público telescópio para observação de crateras lunares, planetas, fenômenos astronômicos e objetos celestes (SECULT, 2017).

Da área localizada sob o planetário, não havia previsão de uso, inclusive Costa Jr. (1998), em entrevista, falou: “[...] embaixo do Planetário não é nada; feito pra não ser nada, é para você passar [...]”. No entanto, tem sido utilizada para finalidades variadas, encontro de namorados e grupos de jovens (Figura 44), assim como brincadeiras infantis e palco para exposições de *rap* e tango.

Figura 44 – Usuários na área sob o Planetário



Fonte: Pinheiro (2017).

O uso imprevisto da área, sob o planetário, para fins lúdicos, foi estimulado pelo eco descoberto durante a construção e mantido, que faz ressoar passadas das pessoas. Verificado o eco, Costa Jr. (1998) declara:

[...] qual foi a primeira sugestão? “Vamos chamar o cara da acústica para acabar com o eco”. Aí eu fui com aquilo para casa, pensando. No outro dia, eu disse: “Puxa vida, os edifícios públicos, principalmente um centro cultural, têm que ser mais bem humorados, não é?” [...] Então, o que acontece? Um eco é nosso amigo. Criança adora eco. Eles vão descobrir, sem que ninguém venha dizer: “aqui tem eco”. Deixa lá. Está começando a acontecer. Os namorados ficam namorando ali embaixo, esperando o *show* terminar. E outras pessoas podem propor acontecimentos ali embaixo. (Entrevista com Fausto Nilo Costa Jr., em 07 de dezembro de 1998).

Na ocasião do trabalho de campo, no mês de agosto de 2017, o Planetário encontrava-se fechado ao público, em decorrência de problema técnico de um dos equipamentos, o que impossibilitou registros fotográficos do espaço.

De acordo com informações do Instituto Dragão do Mar, o número de usuários, em 2016, foi de 26.825, entre residentes e turistas.

➤ **Cinema do Dragão – Fundação Joaquim Nabuco**

O Cinema do Dragão localiza-se no piso térreo e inclui duas salas, sala 1 com capacidade para 80 pessoas e a sala 2, para 120 (Figura 45). As salas passaram por reforma, ampliação e adaptação à acessibilidade de portadores de necessidades especiais, e foram reinauguradas em setembro de 2013, em parceria firmada com a Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ). A FUNDAJ é uma fundação pública, em regime de direito privado, criada em 1949, vinculada ao Ministério da Educação, com o propósito de preservar o legado histórico-cultural de Joaquim Nabuco, com ênfase em regiões Norte e Nordeste. Sediada em Recife, a FUNDAJ, segundo informações do *site*²⁶, tem a missão de gerar conhecimento no campo das humanidades, com a finalidade de atender a demandas e necessidades relacionadas à educação e cultura, compreendidas de forma interdependente, com vistas ao desenvolvimento justo e sustentável da sociedade brasileira (MEC, 2017).

²⁶ <http://www.fundaj.gov.br/index.php>

Figura 45 – Área externa com a entrada das salas 1 e 2 do Cinema do Dragão



Fonte: Pinheiro (2017).

Com reinauguração, as salas, com carpetes novos, poltronas de couro e assentos especiais confortáveis, passaram a contar com equipamentos modernos de som e projeção digital e projetores digitais de dois tipos: 2K, equipamento convencional, e 4K, que oferece resolução de imagem quatro vezes superior aos televisores tradicionais (Figura 46). Uma sala possui projetor analógico Cinemeccanica 35 mm para oferecer suporte a maior número possível de mídias. Com diferentes sistemas, é possível contemplar formatos, óptico e digital, incluindo DOREMI DCP (Digital Cinema Package). O novo sistema de som Dolby Digital reproduz filmes em formatos mono, estéreo, 5.1 e 7.1 (SECULT, 2017).

Figura 46 – Área interna da sala 1 do Cinema do Dragão



Fonte: Pinheiro (2013).

Antes das sessões, os usuários podem saborear o café do espaço Café Santa Clara Orgânico, no *hall* de cada sala (Figura 47).

Figura 47 – Café Santa Clara situado no *hall* da sala 2 do Cinema do Dragão



Fonte: Pinheiro (2017).

Sob curadoria de Pedro Azevedo, a programação é pensada toda semana, de acordo com a realidade a fim de suprir demandas do público e surpreendê-lo (SECULT, 2017). No trabalho de campo, nos dias 15 e 16 de agosto de 2017, a programação da sala 1 incluía filmes “Rifle”, “Perdidos em Paris”, “De Canção em Canção” e “O Dia Mais Feliz da Vida de Olli Mäki”, e na sala 2, exibiam-se, em vários horários, somente “O Filme da Minha Vida” (Figura 48).

Figura 48 – Cartaz de “O Filme da Minha Vida” exibido na sala 2



Fonte: Pinheiro (2017).

No trabalho de campo de 18 de agosto de 2017, a programação incluía a Mostra de Cinema Nórdico, sala 1, com acesso gratuito e exibição dos filmes “O Hotel”, “Eu sou sua”, “Parentes São Eternos” e “Mergulho profundo”. Na sala 2, em cartaz “O Dia Mais Feliz da Vida de Olli Mäki”, “O Filme da Minha Vida” e “Corpo Elétrico”.

De acordo com informações do assessor administrativo do IDM, Demétrio Magalhães, o número de usuários do Cinema do Dragão, no ano de 2016, foi de 41.163, residentes e turistas.

➤ Teatro Dragão do Mar

O Teatro é espaço voltado às artes cênicas, com promoção da pluralidade artística, para discussão de ideias de políticas sociais e culturais. Localizado no piso térreo do Dragão do Mar (Figura 49), entre duas salas de cinema, ocupa área de 564 m², com capacidade para 269 lugares e acessibilidade para cadeirantes (SECULT, 2017).

Figura 49 – Entrada de acesso ao *hall* do Teatro Dragão do Mar



Fonte: Pinheiro (2017).

O teatro conta com sistemas audiovisual e de iluminação cênica, equipamentos, acessórios e estrutura física que abrange *hall* de entrada com 40m²,

banheiros masculino e feminino, acesso às poltronas com porta de isolamento acústico e cortinas, palco à italiana, ar condicionado separado para área da plateia e palco, saídas de emergência sinalizadas, hidrantes na área da plateia e no palco e extintores de incêndio (SECULT, 2017). O *hall* do teatro recebeu o velório do cantor e compositor cearense Belchior, falecido em maio de 2017, durante a noite e madrugada inteira. O velório esteve aberto ao público para que os fãs prestassem as últimas homenagens.

Em sintonia com a produção contemporânea de artes cênicas e com demandas, pautas do Teatro são definidas pelo curador Rogério Mesquita, ator, produtor e responsável pela análise dos projetos e pela proposição de ações de ocupação. A curadoria estimula a produção artística cearense em áreas de teatro, dança e circo, e forma plateias pela programação destinada prioritariamente a artistas da cidade e do interior. Entre critérios de ocupação, está o diálogo do projeto com a cena contemporânea, concepção da proposta, com destaque do caráter de experimentação e pesquisa de linguagem, consistência do projeto, viabilidade técnica e orçamentária, currículo dos integrantes, importância do projeto no contexto local e regional e disponibilidade de pauta no período solicitado. O teatro estimula a produção e recebe produções nacionais e internacionais (SECULT, 2017).

Por ocasião do trabalho de campo, dia 15 de agosto, estava em cartaz o espetáculo “Os Cavaleiros”, com apresentação no Teatro da Terça. O espetáculo, sob direção de Socorro Machado, é apresentado pelo grupo Alumiar Cenas e Cirandas que dá vida aos personagens e tem o sertão como pano de fundo. Assim, no cenário do sertão, nasce Ciranda, comunidade de vaqueiros rodeada pela essência da cultura popular tradicional, com características da vida sofrida do sertanejo. O espetáculo trata de tentação dos pecados capitais, da luta pela justiça social e da religiosidade do povo, em visão sagrada e profana. O folguedo do bumba meu boi e os sete pecados capitais são usados como arquétipos da essência humana, brinquedos cantados e religiosidade se entrelaçam como fios nas mãos dos personagens que apresentam texto em torno do grande universo que é a cultura popular (SECULT, 2017).

Em 16 de agosto, o espetáculo “Agulha Fina” da Cia. Pulsar de Teatro estava em cartaz, com acesso gratuito, sob a direção da professora Juliana Veras. A cena tem questionamentos sociais, utilizando-se de recursos do teatro de rua para propor diálogo entre texto e música autorais. Na peça, jogos de cena

celebram o aniversário de quatrocentos anos de morte de Shakespeare e vinte e cinco anos do Curso Princípios Básicos de Teatro (CPBT/TJA), em meio à reflexão das complexidades do ser humano, em busca da compreensão da identidade (SECULT, 2017).

De acordo com informações do assessor administrativo do IDM, Demétrio Magalhães, o número de usuários do Teatro Dragão do Mar, durante o ano de 2016 foi de 41.156, entre residentes e turistas.

➤ Espaço Rogaciano Leite Filho

O Espaço Rogaciano Leite Filho está localizado abaixo da passarela vermelha do Dragão do Mar, ao ar livre, equipado com palco, som, luz e cadeiras (Figura 50). Realizam-se eventos gratuitos e de classificação etária livre, como *shows* de música, recitais de poesias, desfiles de maracatus, espetáculos de teatro e manifestações artísticas diversas. Recebe projetos, Recital e Feira Cordel com Corda Toda e Bloco Chão da Praça (SECULT, 2017).

O espaço recebe nome em homenagem a Rogaciano Leite Filho, poeta, escritor, jornalista e boêmio frequentador dos espaços culturais da cidade e noites da Praia de Iracema. Rogaciano Leite Filho deixa marca pelo dom da palavra verbal e escrita e jornalismo opinativo e firme (SECULT, 2017).

Figura 50 – Espaço Rogaciano Leite Filho



Fonte: Pinheiro (2017).

Por ocasião do trabalho de campo, em agosto de 2017, estavam previstos programas musicais: Novo Som, Praça do *Rock* e Dragão *Blues*; espetáculos de dança: “Dançando no Dragão” e “Brasil em Festa”; e eventos de literatura: Cordel com a Corda Toda e Leituras no Dragão.

O Programa Novo Som, com o objetivo de mostrar a diversidade da cena musical cearense, destaca bandas novas e grupos contemporâneos. O Programa Praça do Rock apresenta, a cada edição, matizes do *rock* cearense. O Programa Dragão Blues, em parceria com a Casa do Blues, apresenta *shows* temáticos (SECULT, 2017).

O espetáculo “Brasil em Festa”, com o Balé Folclórico Arte Popular de Fortaleza, demonstra a beleza de manifestações populares pela dança e música típicas de estados, Boi de Parintins (Amazonas), Lundu e Carimbó (Pará), Boi do Maranhão (Maranhão), Coco, Baião, Xote e Maracatu (Ceará), Frevo e Caboclinhos (Pernambuco), Xaxado (Paraíba), Axé (Bahia), Samba (Rio de Janeiro) e Danças Tradicionais Gaúchas (Rio Grande do Sul). O espetáculo “Dançando no Dragão”, da Associação Cultural Maria Bonita, apresenta danças folclóricas típicas da região, com característica do povo sertanejo na dança, indumentárias, música e fé. Estavam previstas para agosto de 2017 as danças: Xaxado, Maneiro Pau e Dança de São Gonçalo (SECULT, 2017).

O Cordel com a Corda Toda tem parceria com a Associação de Escritores Trovadores e Folheteiros do Estado do Ceará (AESTROFE) e apresenta os melhores poetas cordelistas, declamadores, cantadores repentistas e músicos tradicionais do Ceará e de estados, além de trazer cordéis na feira de clássicos e novos autores. O Programa Leituras no Dragão - Poesia de Quinta - Versos e Canções surgiu do desejo de espalhar cotidianamente arte pelas ruas da cidade, por meio da poesia e da música (SECULT, 2017).

Informação sobre o número de usuários no Espaço Rogaciano Leite Filho, em 2016, foi solicitada ao assessor administrativo do IDM, Demétrio Magalhães, que afirmou que os espaços Praça Almirante Saldanha, Arena do Dragão do Mar, Varanda do Dragão, Biblioteca de Artes Visuais Leonilson e Espaço Rogaciano Leite Filho são contabilizados no item “Outros Espaços”, cujo público circulante foi de 429.071 usuários, entre residentes e turistas.

3.3.3 Espaços culturais de *shows* musicais

➤ Praça Verde Historiador Raimundo Girão (Ágora)

A Praça Verde Historiador Raimundo Girão é espaço amplo do Dragão do Mar, com área total de 1.984 m², que recebe *shows* de grande porte e eventos infantis que atraem milhares de crianças e pais (Figura 51). A Praça Verde tem capacidade para acomodar quatro mil pessoas confortavelmente (SECULT, 2017).

Figura 51 – Praça Verde Historiador Raimundo Girão



Fonte: Pinheiro (2017).

A Praça Verde recebe, todos os domingos, das 16h às 19h, o projeto Brincando e Pintando, voltado ao público infantil, com acesso gratuito (Figura 52). Sob orientação de monitores, crianças divertem-se com atividades lúdicas e brincadeiras diversas. Pulam amarelinha, brincam de pega-pega, aprendem a confeccionar brinquedos tradicionais, peão, carrinho, pipa e bambolê, visitam exposições e fazem pinturas com tinta guache. Anexo à Praça Verde está o Ateliê de Artes, espaço para realização de cursos, oficinas, debates e atividades artísticas e culturais (SECULT, 2017).

Figura 52 – Crianças no projeto Brincando e Pintando



Fonte: Pinheiro (2017).

Na pesquisa de campo, em agosto de 2017, a programação incluía, para o dia 12, *show* dos Novos Baianos, com Moraes Moreira, Baby do Brasil, Pepeu Gomes, Paulinho Boca de Cantor e Luiz Galvão, da turnê “Acabou Chorare, os Novos Baianos se encontram”. O público teve oportunidade de conferir *show* inédito, na voz de Baby do Brasil, solos de guitarra de Pepeu Gomes, batida do pandeiro de Paulinho Boca de Cantor, toque do violão de Moraes Moreira e poemas do letrista Luiz Galvão. Para o dia 27, estava previsto *show* do *rapper* Criolo, com a turnê “Espiral de Ilusão”.

Segundo informações do assessor administrativo do IDM, Demétrio Magalhães, o número de usuários da Praça Verde, no ano de 2016, foi de 227.222, entre residentes e turistas.

➤ **Anfiteatro Sérgio Motta**

O Anfiteatro é espaço no piso superior do quarto bloco do Dragão do Mar, sobre a Multigaleria, cujo acesso é feito pelas escadas, rampas e elevador. O espaço promove *shows* de artistas locais e nacionais, contribuindo para a divulgação da produção artística, principalmente musical (SECULT, 2017). O Anfiteatro pode

ser utilizado para outras finalidades, como para missa de corpo presente do cantor e compositor cearense Belchior, falecido em maio de 2017.

A estrutura física do espaço abrange área total de 860 m², com 320 m² ocupados pela plateia, com capacidade para 658 lugares sentados (Figura 53). Além disso, o espaço conta com bilheteria, banheiros, camarins climatizados e saídas de emergência, com portões basculantes nas laterais inferiores (SECULT, 2017).

Figura 53 – Área da plateia do Anfiteatro Sérgio Motta



Fonte: Pinheiro (2017).

O Anfiteatro recebeu o nome de Sérgio Motta, em homenagem ao engenheiro e político brasileiro Sérgio Roberto Vieira da Motta, falecido em 1998 (SECULT, 2017).

Na pesquisa de campo, em agosto de 2017, a programação incluía, para o dia 12, com acesso gratuito, o Programa Polifonias da Temporada de Arte Cearense (TAC), com Caio Castelo e Pedro Frota. Caio Castelo apresenta o *show* “Dois Olhos”, concebido na Escola Porto Iracema das Artes, combinando *rock* e Música Popular Brasileira (MPB), e Pedro Frota, compositor, cantor e violonista, apresenta o *show* Influência explorando o sincretismo da MPB, em linguagem jazzística. O Programa Polifonias promove a circulação de artistas da cena cearense, com apresentações autorais por noite, nos diversos gêneros musicais (SECULT, 2017).

O número de usuários do Anfiteatro Sérgio Motta, no ano de 2016, foi de 45.613, entre residentes e turistas, segundo o assessor administrativo do IDM, Demétrio Magalhães.

➤ **Arena do Dragão do Mar**

A Arena do Dragão do Mar é espaço de livre acesso, em frente à sala de cinema 1, onde está fixada a estátua de bronze do Dragão do Mar (Figura 54).

Figura 54 – Espaço da Arena do Dragão do Mar



Fonte: Pinheiro (2017).

Em agosto de 2017, a programação incluía, para os dias 5, 12, 19 e 26, eventos *Pôr do Som* e *Planeta Hip Hop*. O *Pôr do Som* é programa semanal de grupo de instrumentalistas que, em formações diversas, mostram repertório variado de compositores cearenses, brasileiros ou de outras nacionalidades. O *Planeta Hip Hop* também é evento semanal e torna noites de sábado animadas. Para o dia 12, estava programada a *Feira da Fotografia*, que inclui venda, palestras, exposição e oficinas sobre fotografia. Para os dias 13, 20 e 27, estava previsto o *Fuxico no Dragão* que inclui feirinha que reúne, a cada edição, vinte expositores de produtos criativos em *design*, moda e gastronomia (SECULT, 2017).

A informação sobre o número de usuários, na Arena do Dragão do Mar, em 2016, foi solicitada ao assessor administrativo do IDM, Demétrio Magalhães, que respondeu que os espaços Praça Almirante Saldanha, Arena do Dragão do Mar, Varanda do Dragão, Biblioteca de Artes Visuais Leonilson e Espaço Rogaciano Leite Filho são contabilizados no item “Outros Espaços”, cujo público circulante foi de 429.071 usuários, entre residentes e turistas.

3.3.4 Espaço de conferências, fóruns, palestras, congressos, apresentações, aulas e seminários

➤ Auditório

O Auditório do Dragão do Mar localiza-se no piso superior do quarto bloco, com área total de 860 m² e capacidade de acomodação a 108 pessoas sentadas. Oferece conforto e qualidade técnica para realização de conferências, fóruns, palestras, congressos, apresentações, aulas e seminários e comporta *shows* e eventos artísticos. Há climatização e modernos sistemas de multimídia, com equipamentos e suportes que possibilitam transmissões via *internet*, de imagens e sons em alta definição, além de recursos audiovisuais (SECULT, 2017).

No trabalho de campo, houve participação da pesquisadora no Fórum Dragão do Mar - Por um novo contexto urbano da Praia de Iracema, evento aberto ao público, em 30 de agosto de 2017 (Figura 55), com a presença de Paulo Linhares, um dos idealizadores do centro cultural, de Fausto Nilo, arquiteto do projeto do Dragão do Mar e coordenador geral da equipe de urbanismo e mobilidade do projeto Fortaleza 2040 e de Eudoro Santana, superintendente do Instituto de Planejamento de Fortaleza (IPLANFOR).

Figura 55 – Auditório durante a realização do Fórum Dragão do Mar



Fonte: Pinheiro (2017).

Segundo informações do assessor administrativo do IDM, Demétrio Magalhães, o número de usuários do Auditório, em 2016, foi de 7.453, entre residentes e turistas.

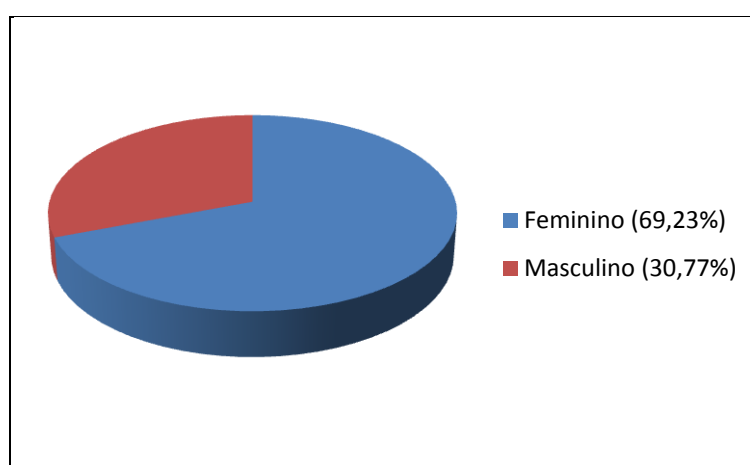
3.4 OPINIÕES DOS USUÁRIOS SOBRE O CENTRO DRAGÃO DO MAR DE ARTE E CULTURA

Na pesquisa de campo, no período de 15 a 18 de agosto de 2017, aplicaram-se, de forma aleatória, 52 formulários contendo questionário com doze perguntas, sendo duas objetivas, com opções de respostas, e as demais subjetivas (Apêndice A). Detalhando o instrumento de coleta de dados, as primeiras perguntas abordam sexo, idade, se o entrevistado mora em Fortaleza, e em caso negativo, pede-se indicar a cidade. Em seguida, pergunta-se como tomou conhecimento do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura e o que o motivou ir ao Dragão do Mar, nesse dia. Procura-se também saber quais espaços do centro cultural visitou entre Anfiteatro Sérgio Motta, Arena do Dragão do Mar, Auditório, Biblioteca de Artes Visuais Leonilson, Café Santa Clara, Cinema do Dragão, Espaço Rogaciano Leite Filho, Multigaleria, Museu da Cultura Cearense, Museu de Arte Contemporânea,

Planetário Rubens de Azevedo, Praça Verde e Teatro Dragão do Mar. Pergunta-se qual espaço de que mais gostou e por quê. Em seguida, busca-se saber o que achou do lazer no Dragão do Mar, se deseja voltar ao centro cultural e por quê. Finaliza-se com a pergunta sobre o que sugere para melhorar o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Após tabulação dos resultados da amostra de 52 formulários, constata-se:

- Predomínio de usuários do sexo feminino nos espaços do Dragão do Mar (Gráfico 1):

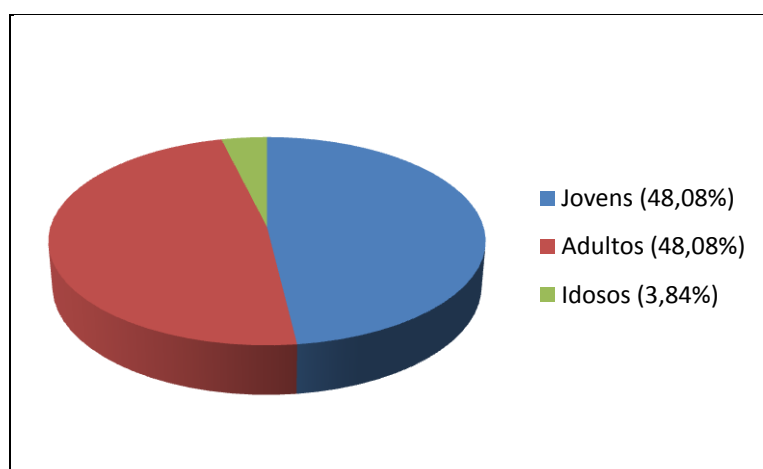
Gráfico 1 – Predomínio de usuários do sexo feminino



Fonte: Elaborado pela autora.

- Semelhança entre o número de jovens²⁷ (15 a 29 anos) e adultos (30 a 60 anos), com minoria de usuários idosos²⁸ (a partir de 60 anos) (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Semelhança entre número de jovens e adultos



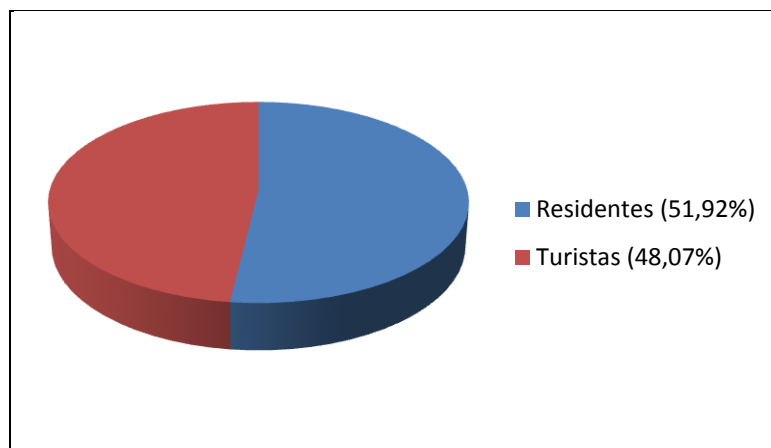
Fonte: Elaborado pela autora.

²⁷ De acordo com o Art. 1º, § 1º, do Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852/2013).

²⁸ De acordo com o Art. 1º do Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741/2003).

- Prevalência do número de residentes sobre o de turistas (Gráfico 3).

Gráfico 3 – Prevalência de residentes sobre turistas

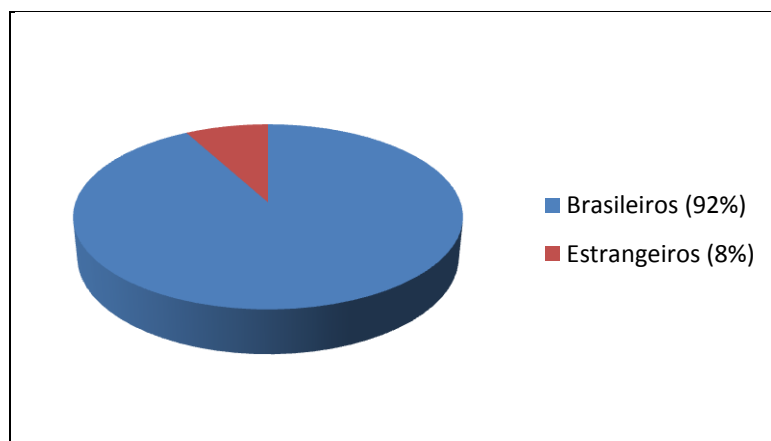


Fonte: Elaborado pela autora.

Em que pese a quantidade de residentes ter superado a de turistas, observou-se número de turistas expressivo, considerando o período de baixa estação quando se realizou a aplicação de formulários na pesquisa de campo, que no segundo semestre do ano corresponde ao período de agosto a novembro.

- Predomínio de turistas brasileiros sobre estrangeiros (Gráfico 4).

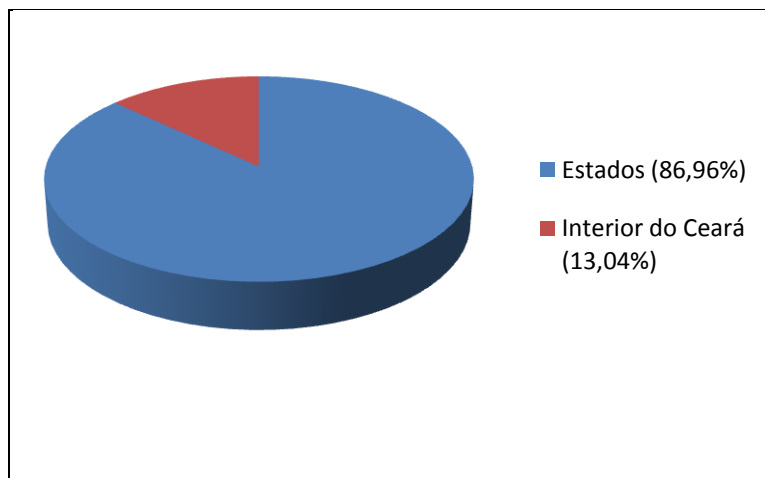
Gráfico 4 – Predomínio de turistas brasileiros sobre estrangeiros



Fonte: Elaborado pela autora.

- Predomínio de turistas dos estados brasileiros sobre os do interior do Ceará (Gráfico 5).

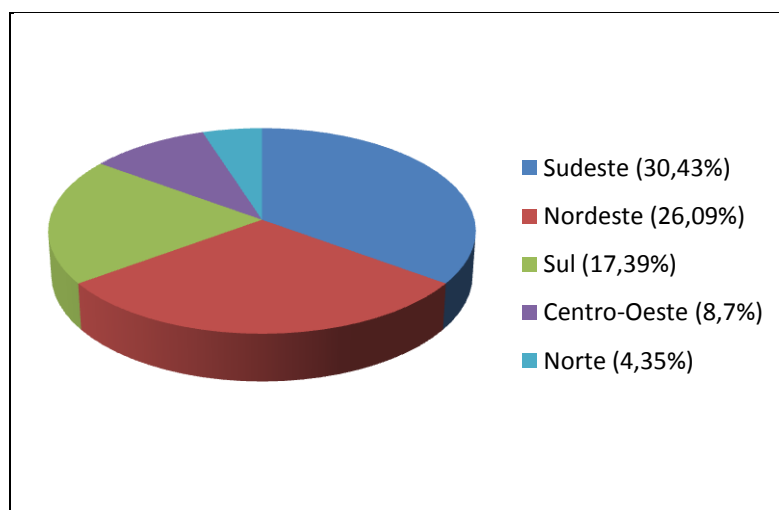
Gráfico 5 – Predomínio de turistas dos estados sobre os do interior do Ceará



Fonte: Elaborado pela autora.

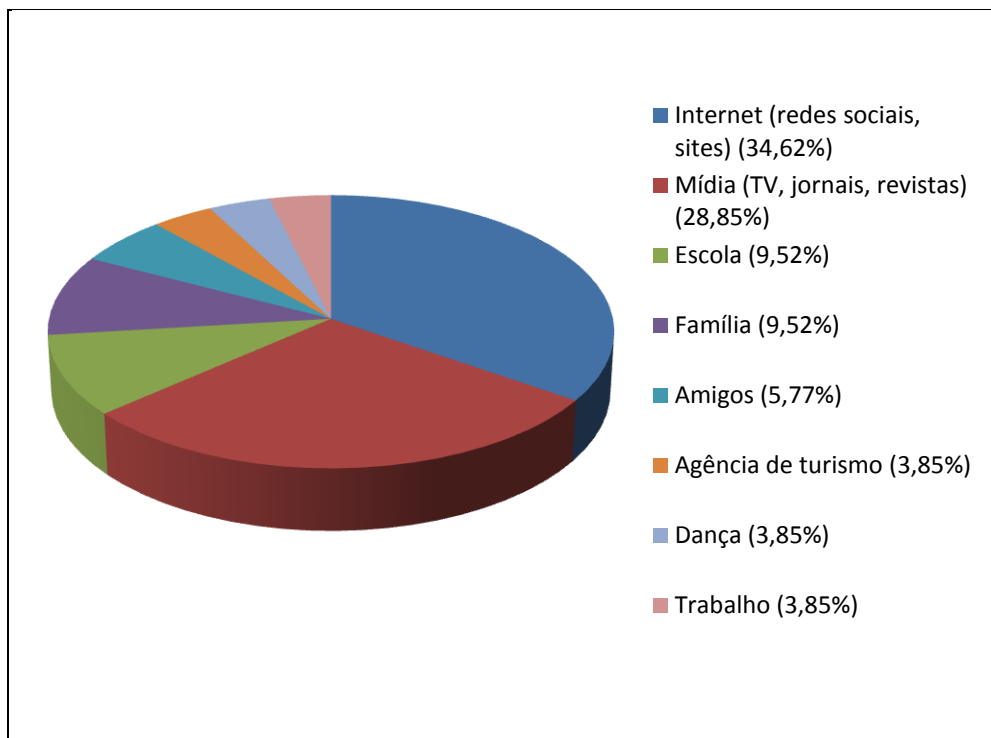
- Maior número de turistas da Região Sudeste, seguida pela Nordeste, Sul, Centro-Oeste e Norte (Gráfico 6).

Gráfico 6 – Turistas por regiões



Fonte: Elaborado pela autora.

- Predomínio de divulgação pela *internet* (redes sociais, *site* do Dragão do Mar e *sites* de turismo) e mídia (TV, jornais e revistas), com menor número por outros meios (Gráfico 7).

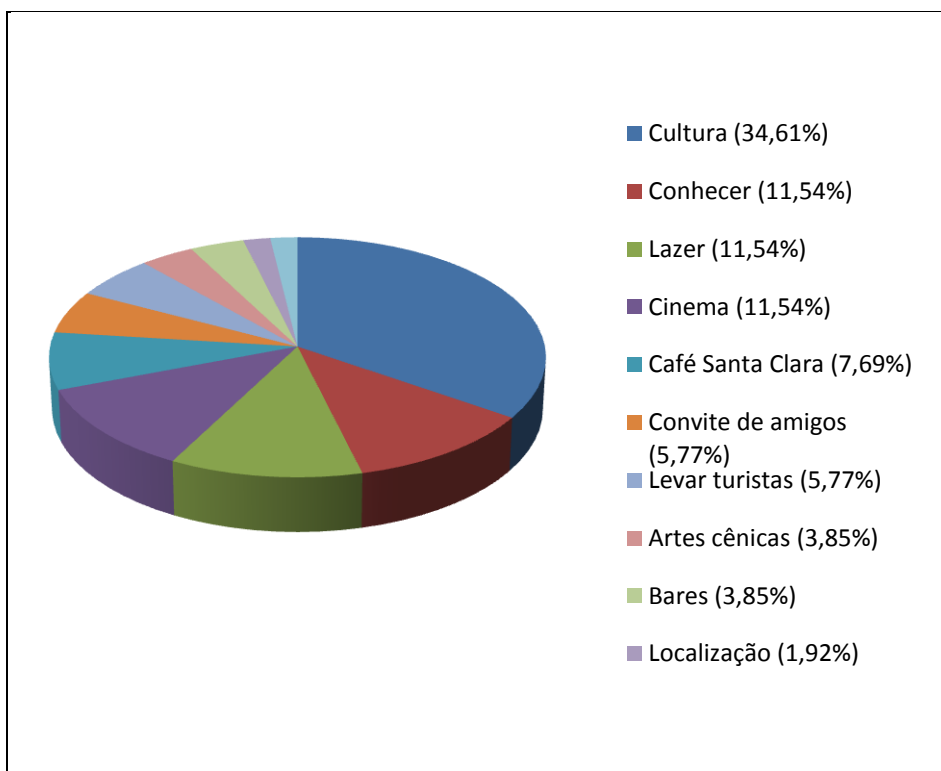
Gráfico 7 – Divulgação do Dragão do Mar

Fonte: Elaborado pela autora.

Entre as respostas apresentadas, a dança foi considerada válida, por ter sido resposta específica, não se enquadrando nas demais. Registra-se que os usuários foram enfáticos ao informar que tomaram conhecimento do centro cultural por meio de apresentação de dança que fizeram no Teatro Dragão do Mar, o que não corresponde a trabalho nem atividade escolar. Assim, a pesquisadora optou por garantir a fidedignidade das respostas.

A baixa representatividade das agências de turismo na divulgação do centro cultural deve-se à maior valorização do turismo de sol e praia, o principal segmento turístico do estado.

- Prevalência do interesse pela cultura sobre outras motivações (Gráfico 8).

Gráfico 8 – Motivação para ir ao Dragão do Mar

Fonte: Elaborado pela autora.

Apesar de respostas como 'cinema' e 'artes cênicas' poderem estar incluídas em 'cultura', a pesquisadora optou por garantir a fidedignidade das respostas dos usuários e referenciá-las separadamente.

Registra-se que a resposta 'levar turistas' refere-se à motivação de residentes, não estando incluídos profissionais ligados à cadeia do turismo.

- Entre os cinco espaços mais visitados, o Café Santa Clara foi o mais indicado e o Anfiteatro Sérgio Motta o menos (Tabela 2).

Tabela 2 – Espaços mais visitados no Dragão do Mar

ESPAÇOS DO DRAGÃO DO MAR MAIS VISITADOS	
Café Santa Clara	39
Praça Verde	37
Arena do Dragão do Mar	36
Museu de Arte Contemporânea	34
Anfiteatro Sérgio Motta	31

Fonte: Elaborado pela autora.

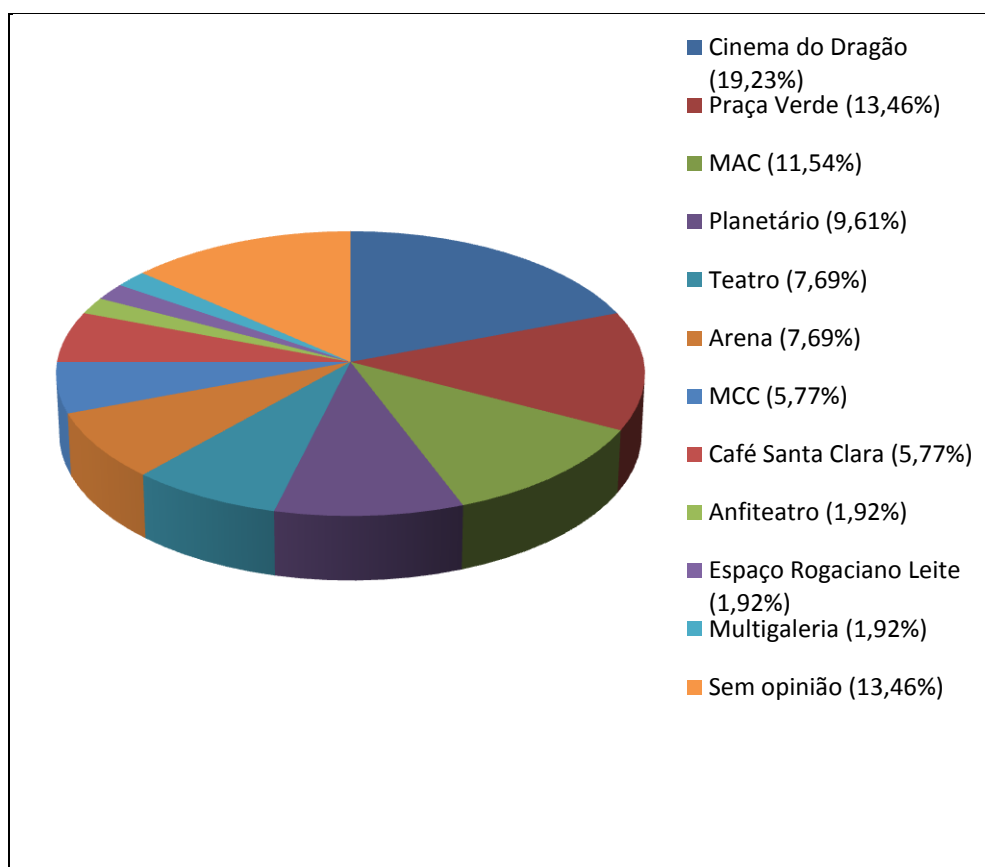
- Entre os cinco espaços menos visitados, destacam-se o Auditório e a Biblioteca de Artes Visuais Leonilson (Tabela 3).

Tabela 3 – Espaços menos visitados no Dragão do Mar

ESPAÇOS DO DRAGÃO DO MAR MENOS VISITADOS	
Auditório	14
Biblioteca Leonilson	14
Planetário	23
Multigaleria	24
Teatro	25

Fonte: Elaborado pela autora.

- Entre os espaços preferidos, o Cinema do Dragão foi o mais indicado e a Multigaleria a menos apontada (Gráfico 9).

Gráfico 9 – Espaço preferido

Fonte: Elaborado pela autora.

A resposta 'sem opinião' refere-se a turistas recém-chegados ao centro cultural, que preferiram não opinar por ainda não conhecerem os espaços.

- Destaque da programação como justificativa para indicação do espaço preferido (Quadro 2).

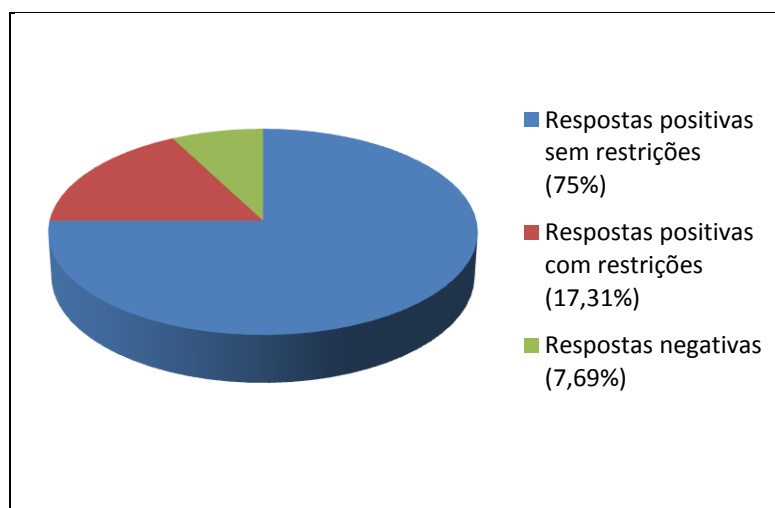
Quadro 2 – Justificativa da indicação do espaço preferido

JUSTIFICATIVA DA INDICAÇÃO DO ESPAÇO PREFERIDO	
Cinema do Dragão	Preferência por filme de arte
Praça Verde	<i>Shows</i>
Museu de Arte Contemporânea	Gosto pela fotografia
Planetário	Tipo de programação

Fonte: Elaborado pela autora.

- Predomínio de respostas positivas sem restrições em relação a respostas negativas e respostas positivas com restrições na opinião sobre o lazer no Dragão do Mar (Gráfico 10).

Gráfico 10 – Opinião sobre o lazer no Dragão do Mar

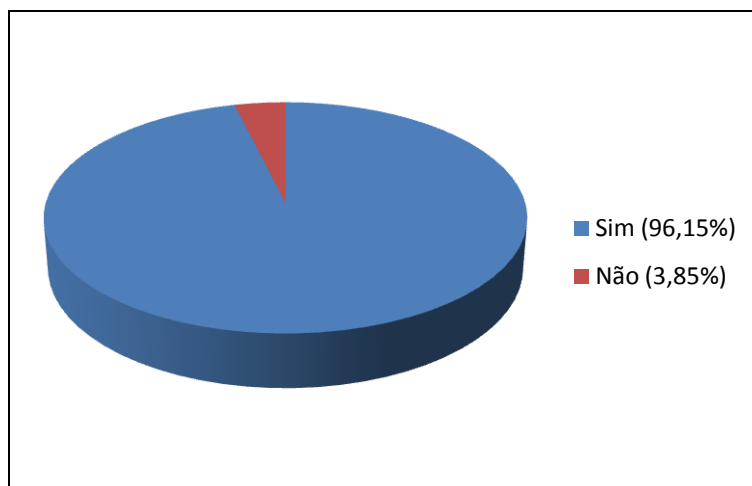


Fonte: Elaborado pela autora.

Ressalta-se que se procurou identificar a avaliação dos usuários sem lhes apresentar opções de respostas padronizadas. Assim, como positivas, houve respostas genéricas, como ‘bom’, ‘muito bom’, ‘legal’, ‘ótimo’, ‘maravilhoso’, ‘gostei’ ou ‘adorei’, com maioria das justificativas indicando ‘diversidade de opções e atrações’ e ‘boa programação’. Entretanto, algumas respostas positivas foram acrescidas de restrições, ou observações, como ‘pouca divulgação’, ‘subaproveitamento dos espaços’, ‘poucas opções para o dia’ e ‘aspecto de abandono’, as quais merecem atenção e análise para realização de melhorias. Respostas negativas, como ‘aquém das expectativas’, ‘abandono do centro cultural’, ‘poucas opções durante o dia’ e ‘não havia nada aberto’, representaram minoria, mas também merecem atenção por sinalizarem para realização de melhorias.

- Prevalência de desejo de voltar ao Dragão do Mar (Gráfico 11).

Gráfico 11 – Desejo de voltar ao Dragão do Mar

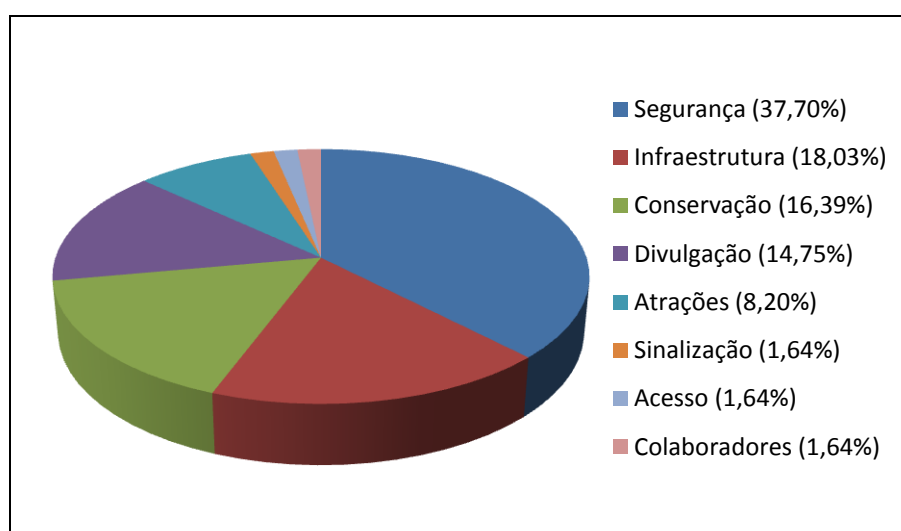


Fonte: Elaborado pela autora.

Para a pergunta sobre o motivo para voltar ao Dragão do Mar, destacam-se os motivos 'conhecer outros espaços' e 'levar a família' entre os turistas. Quanto aos residentes, o motivo mais apontado foi 'programação agradável', seguido de 'ambiente agradável' e 'cultura'.

- Entre as sugestões de melhoria para os residentes, destaque da segurança (Gráfico 12).

Gráfico 12 – Sugestão de melhoria pelos residentes

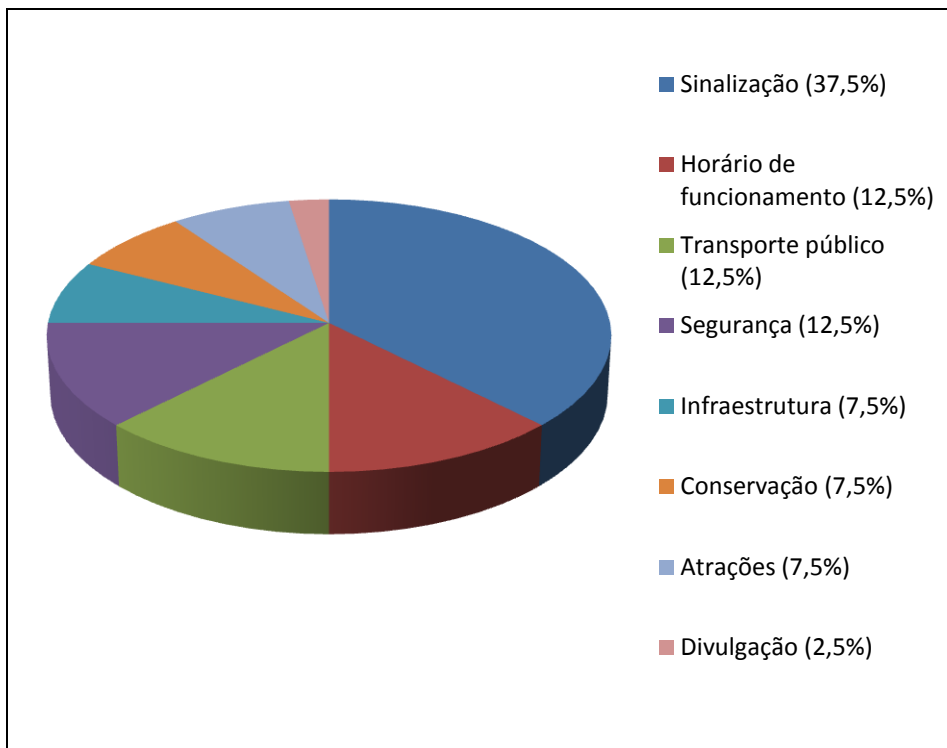


Fonte: Elaborado pela autora.

Ressalta-se que na infraestrutura estão incluídos banheiros e estacionamento, enquanto na conservação incluem-se limpeza e manutenção.

- Entre as sugestões de melhoria para os turistas, destaque da sinalização (Gráfico 13).

Gráfico 13 – Sugestão de melhoria pelos turistas



Fonte: Elaborado pela autora.

Pelas informações de usuários constata-se a importância do Dragão do Mar para o lazer de residentes e turistas em Fortaleza. Percentual significativo de entrevistados respondeu positivamente a respeito do lazer e da intenção de voltar ao centro cultural. Entretanto, observou-se pequeno percentual de idosos no Dragão do Mar, comprometendo a finalidade de democratização do acesso à cultura ao lazer quanto às faixas etárias.

4 CONCLUSÃO

Depois de estudos e pesquisas sobre o tema, conclui-se que o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura tem significado importante para a cidade de Fortaleza, pois constitui patrimônio cultural cearense e possui relevante potencial turístico. O potencial é garantido pelo lazer oferecido nos espaços, pela proximidade à área hoteleira e pelas informações divulgadas na *internet*. Contudo, admite-se que existem fatores que dificultam o acesso dos usuários ao centro cultural, como presença de feirantes, ambulantes e moradores de rua no entorno, falta de segurança, problemas na infraestrutura do equipamento, falta de valorização da própria cultura pelos residentes e restrita divulgação da programação do Dragão do Mar. A supervalorização do turismo de sol e praia e a insatisfatória atuação das políticas públicas de turismo também concorrem como obstáculos ao maior uso dos espaços de lazer.

Conheceu-se a história de implantação do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, que tem como finalidades a democratização do acesso à cultura e ao lazer e a movimentação do mercado turístico, em decorrência das políticas culturais inovadoras adotadas no Governo das Mudanças, que priorizavam a cultura e reconheciam as potencialidades turísticas, com vistas à geração de crescimento econômico no Estado. O Governo das Mudanças representa um “divisor de águas” para o Ceará e abrange período em que ocorreu a saída dos coronéis e a chegada do grupo liderado por Tasso Jereissati ao comando da política cearense. No governo de Tasso Jereissati, adotou-se modelo de gestão eficiente, com reformas fiscal, financeira e administrativa, para o alcance do equilíbrio das finanças públicas.

Com o reconhecimento do potencial do estado, o turismo foi considerado atividade prioritária e então se produziu a imagem positiva do Ceará, como estado ensolarado, acolhedor e propício ao turismo. As transformações políticas e administrativas contribuíram fortemente para a consolidação da cidade de Fortaleza como Metrópole moderna e de destaque para o turismo. No início dos anos de 1990, o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura foi idealizado pelo então Secretário da Cultura, Paulo Linhares, que impulsionou a gestão cultural, e por Ciro Gomes, então governador do estado, para ser referencial da cultura cearense, exemplo inovador de proteção da herança cultura edificada, capaz de atrair residentes e turistas e acolher a maior diversidade possível de pessoas quanto à renda, idade,

escolaridade e raça. Entretanto, constatou-se que não há presença significativa de crianças e idosos e nem de usuários das classes A e B.

A estrutura do equipamento é de prédio incomum, não convencional, com teto alto e paredes e colunas grossas, de forma a se aproveitar a ventilação garantida pelo clima da cidade e ter mínimo consumo de energia. Observou-se uso de ar condicionado em poucos espaços, como museus, salas de cinema, auditório e planetário. A luminosidade, garantida pelo brilho do sol entre as colunas, tornando o lugar adequado para registros fotográficos. Quanto aos subespaços, verificou-se que o Dragão do Mar conta com espaços de difusão da cultura cearense e da arte, de *shows* musicais, de conferências, fóruns, palestras, congressos, apresentações, aulas e seminários, além de bares, cafés e da Praça Almirante Saldanha. Para acessibilidade de pessoas com necessidades especiais, há rampas e elevadores, que nem sempre estão em funcionamento. O centro cultural conta com bilheterias e estacionamento próprio com poucas vagas gratuitas. No entorno, há estacionamentos com vagas pagas por hora e mensais.

A articulação das manifestações culturais com o turismo no Dragão do Mar é fortalecida com a valorização do turismo cultural na Metrópole. Para se alcançar a valorização, é preciso, antes e permanentemente, buscar fortalecer o vínculo dos residentes com a própria cultura e, paralelamente, adotar políticas públicas culturais e de turismo atuantes. Na determinação da programação, o Dragão do Mar realiza pesquisas sobre o perfil de usuários e considera as demandas sociais e turísticas, de forma a atender todas as faixas etárias e classes sociais. Nos períodos de maior visitação é oferecida programação que apresenta a diversidade da produção cultural cearense e são trazidos produtos culturais de destaque no cenário nacional. Com o fortalecimento da articulação, haverá maior uso dos espaços do Dragão do Mar tanto por residentes como turistas.

Na identificação dos usuários do Dragão do Mar, conclui-se que há predomínio de pessoas do sexo feminino; semelhança no número de jovens e adultos, com pequena quantidade de crianças e idosos e mais residentes do que turistas. Entre os turistas, há predomínio de brasileiros em relação a estrangeiros e entre os turistas brasileiros, os de outros estados prevalecem em relação aos do interior do Ceará, com destaque para os das Regiões Sudeste e Nordeste.

Na investigação sobre a forma de divulgação a residentes e turistas, concluiu-se que a *internet*, incluindo as redes sociais, e a mídia, incluindo TV, jornais

e revistas, foram as mais apontadas, o que leva a observar que nem os hotéis e nem as campanhas dos órgãos oficiais de Turismo colaboram de forma significativa na divulgação.

Na verificação da opinião dos usuários sobre o lazer no Dragão do Mar, conclui-se que o centro cultural é importante equipamento para o lazer de residentes e turistas em Fortaleza, tendo em vista que a maioria dos entrevistados o avaliam bem, enaltecendo principalmente a diversidade de opções e atrações e a boa programação como justificativas, e afirmam o desejo de voltar. Aspectos negativos indicados, como pouca divulgação, subaproveitamento dos espaços e aspecto de abandono, devem ser avaliados e corrigidos, de forma a trazer melhorias ao centro cultural.

Há vários aspectos referentes ao Dragão do Mar que precisam de atenção para serem devidamente solucionados. O problema da insegurança nos espaços e entorno do centro cultural necessita de rápida providência. A divulgação deve ser melhorada nos meios já utilizados e ampliada para outros meios, como rede hoteleira, *outdoors*, rádio e televisão, de forma a atingir o maior número de pessoas. A conservação e a sinalização indicando a localização dos subespaços merecem atenção e devem ser providenciadas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, C. B. **Turismo além do “sol e praia”**: uma análise na cidade de Fortaleza. Fortaleza, CE: Senac; Sebrae, 2002. 120 p.
- ALBUQUERQUE, N. Quem é Leonilson, artista cearense que terá sua obra reunida em catálogo de luxo em 2017. **Nexo**, São Paulo, 19 mar. 2017. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/03/19/Quem-%C3%A9-Leonilson-artista-cearense-que-ter%C3%A1-sua-obra-reunida-em-cat%C3%A1logo-de-luxo-em-2017>>. Acesso em: 10 out. 2017.
- AMARAL, E. L. G. Museu, memória e turismo: por uma relação de liberdade. In: MARTINS, C. (Org.). **Patrimônio cultural**: da memória ao sentido do lugar. São Paulo, SP: Roca, 2006. cap. 5, p. 51-63.
- ANDRADE, J. V. **Lazer**: princípios, tipos e formas na vida e no trabalho. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001. 199 p.
- AQUINO, C. A. B.; MARTINS, J. C. O. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 479-500, set. 2007.
- ARAÚJO, D. M. M. **Terapia ocupacional e artesanato popular**: o universo do fazer. 2001. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Terapia Ocupacional) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2001.
- ASHTON, M. S. G. Parque Floresta Imperial: espaço de turismo e lazer destinado a visitantes e residentes. In: CÂNDIDO, L. A.; ZOTTIS, A. M. (Orgs.). **Turismo**: múltiplas abordagens. Novo Hamburgo: Feevale, 2008. cap. 2, p. 16-29.
- BALULA, L. Planejamento urbano, espaço público e criatividade: estudos de caso: Lisboa, Barcelona, São Paulo. **Cad. Metrop.**, São Paulo, v. 13, n. 25, p. 93-122, jan./jun. 2011. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/viewFile/5983/4326>>. Acesso em: 18 mar. 2017.
- BARBALHO, A. **Relações entre Estado e cultura no Brasil**. Ijuí, RS: Unijuí, 1998. 224 p.
- BARBOSA, S. R. X.; SILVA, C. C. P. Forró - manifestação cultural. **Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais Facipe**, Recife, v. 1, n. 1, p. 65-73, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/facipehumanas/article/view/1053>>. Acesso em: 12 ago. 2017.
- BATISTA, F. E. A. **Ceará moleque: o humor como produto turístico em Fortaleza**. 2015. 148 f. Dissertação (Mestrado em Gestão de Negócios Turísticos) – Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: <<http://www.uece.br/mpgnt/dmdocuments/BATISTA,F.E.A.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

BRAMANTE, A. C. Lazer: concepções e significados. **Licere**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 9-17, 1998. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/licere/article/view/4226/3107>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 12 jul. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Estatuto da Fundação Joaquim Nabuco-FUNDAJ**. Brasília: Mec, 2017. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_wrapper&view=wrapper&Itemid=203>. Acesso em: 15 set. 2017.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Estudo de demanda turística nacional 2012**. Brasília: MTur, 2012. Disponível em: <<http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/2016-02-04-11-54-03/demanda-tur%C3%ADstica-nacional.html>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

_____. Ministério do Turismo. **Fortaleza inaugura novo Mercado dos Peixes**. Brasília: MTur, 2016. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/turismo/2016/03/fortaleza-inaugura-novo-mercado-dos-peixes>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

_____. Ministério do Turismo. **Brasileiro pretende viajar mais nos próximos seis meses**. Brasília: MTur, 2017. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/turismo/2017/03/brasileiro-pretende-viajar-mais-nos-proximos-seis-meses>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

CAMARGO, L. O. L. **O que é lazer**. São Paulo, SP: Brasiliense, 2006. 100p.

CARLOS, A. F. A. **A cidade**. 6. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2001. 104p.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1999. 618p.

CASTRO, J. L. As comemorações do 13 de abril. In: CHAVES, G.; VELOSO, P.; CAPELO, P. (Orgs.). **Ah, Fortaleza!**. Fortaleza, CE: Terra da Luz Editorial, 2006. cap. 1, p. 10-29.

CATANI, A. A gastronomia e o turismo. In: CORIOLANO, L. N. et al. (Orgs.). **Turismo: gestão da cadeia produtiva**. Fortaleza, CE: Fundação Demócrito Rocha, 2008. cap. 6, p. 97-112.

CEARÁ. Secretaria da Cultura. **Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura**. Fortaleza: Secult, 2017. Disponível em: <<http://www.secult.ce.gov.br/index.php/equipamentos-culturais/centro-dragao-do-mar-de-arte-e-cultura>>. Acesso em: 25 set. 2017.

COELHO NETTO, J. T. Um decálogo, dois teoremas e uma nova abordagem para o lazer. In: SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. **Lazer numa sociedade globalizada**. São Paulo, SP: SESC; WLRA, 2000. p. 141-164.

CORDEIRO, J. A. Praça Portugal. **Coisa de Cearense**, Fortaleza, 5 set. 2016. Disponível em: <<http://coisadecearense.com.br/praca-portugal/>>. Acesso em: 12 maio 2017.

CORIOLANO, L. N. M. T. **Do local ao global: o turismo litorâneo cearense**. Campinas, SP: Papirus, 1998. 160 p.

_____. Turismo e degradação ambiental no litoral do Ceará. In: LEMOS, A. I. G. (Org.). **Turismo: impactos socioambientais**. 3. ed. São Paulo, SP: Hucitec, 2001. p. 93-103.

_____. **O turismo nos discursos, nas políticas e no combate à pobreza**. São Paulo, SP: Annablume, 2006a. 238 p.

_____. Espaço, poder e exclusão: contexto econômico-social do patrimônio. In: MARTINS, C. (Org.). **Patrimônio cultural: da memória ao sentido do lugar**. São Paulo, SP: Roca, 2006b. cap. 3, p. 31-37.

_____. O turismo comunitário no nordeste brasileiro. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 5., 2008, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, MG: ANPTUR, 2008. p. 27-31.

_____. O turismo comunitário no nordeste brasileiro. In: CORIOLANO, L. N. M. T.; VASCONCELOS, F. P. (Orgs.). **Turismo, território e conflitos imobiliários**. Fortaleza, CE: EdUECE, 2012. cap. 7, p. 119-130.

_____. **Ócio, lazer e turismo: avanços e recuos das formas do entretenimento humano**. São Paulo, SP: SESC, 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Luzia_Neide_Coriolano>. Acesso em: 23 mar. 2017.

CORIOLANO, L. N. M. T.; LIMA, Ana C. G. A contribuição do turismo ao desenvolvimento na escala humana. In: CORIOLANO, L. N. M. T.; VASCONCELOS, F. P. (Orgs.). **Turismo, território e conflitos imobiliários**. Fortaleza, CE: EdUECE, 2012. cap. 6, p. 103-117.

CORIOLANO, L. N. M. T.; PARENTE, K. M. P. Espaços de reserva do capital na orla oeste de Fortaleza: demandas para lazer e turismo. In: CORIOLANO, L. N. M. T.; VASCONCELOS, F. P. (Orgs.). **Turismo, território e conflitos imobiliários**. Fortaleza, CE: EdUECE, 2012. cap. 14, p. 231-245.

CORIOLANO, L. N. M. T.; VASCONCELOS, F. P. Lazer e turismo: novas centralidades da sociedade contemporânea. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 3-22, ago. 2014.

CORREA, M. **Ceará: história e geografia para a construção da cidadania**. São Paulo, SP: FTD, 1998. 176p.

COSTA, C. L. Bairros: espaços de moradia, comércio, lazer e turismo. In: In: CORIOLANO, L. N. et al. (Orgs.). **Curso Turismo de inclusão**. Fortaleza, CE: Fundação Demócrito Rocha, 2006. cap. 4, p. 65-80.

COSTA, I. Biblioteca Leonilson oferece mais de 2 mil livros sobre artes visuais. **O Povo**, Fortaleza, 19 jun. 2017. Vida e Arte. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/jornal/vidaearte/2017/06/biblioteca-leonilson-oferece-mais-de-2-mil-livros-sobre-artes-visuais.html>>. Acesso em: 22 out. 2017.

CRUZ, R. C. A. Planejamento governamental do turismo: convergências e contradições na produção do espaço. In: LEMOS, A. I. G.; MONTEIRO, C. A. F.; SILVEIRA, M. L. (Orgs.). **América Latina: cidade, campo e turismo**. São Paulo: CLASCO, 2006. p.337-350.

DABUL, L. Museus de grandes novidades: centros culturais e seu público. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 14, n. 29, p.257-278, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v14n29/a11v14n29.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

DANTAS, E. W. C. Faces de Fortaleza: cidade moderna, turística e de desigualdades sociais. In: CORIOLANO, L. N. et al. (Orgs.). **Curso Turismo de inclusão**. Fortaleza, CE: Fundação Demócrito Rocha, 2006. cap. 2, p. 33-48.

_____. **Mar à vista: estudo da maritimidade em Fortaleza**. 2. ed. Fortaleza, CE: Edições UFC, 2011. 103 p.

DAVIDOVICH, F. R. A "volta da metrópole" no Brasil: referências para a gestão territorial. In: RIBEIRO, L. C. Q. (Org.). **Metrópoles: entre a coesão e a fragmentação, a cooperação e o conflito**. São Paulo, SP: Fundação Perseu Abramo; Rio de Janeiro, RJ: Fase, 2004. p. 197-230.

DE MASI, D. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro, RJ: Sextante, 2000a. 328 p.

_____. Perspectivas para o trabalho e o tempo livre. In: SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. **Lazer numa sociedade globalizada**. São Paulo, SP: SESC; WLRA, 2000b. p. 121-137.

DUMAZEDIER, J. **Valores e conteúdos culturais do lazer: planejamento de lazer no Brasil**. São Paulo, SP: SESC, 1980. 176 p.

FORTALEZA. Prefeitura Municipal. **Obras do novo espigão da Beira Mar seguem em ritmo acelerado**. Fortaleza, 2013. Disponível em: <<https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/obras-do-novo-espigao-da-beira-mar-seguem-em-ritmo-acelerado>>. Acesso em: 18 maio 2017.

_____. Prefeitura Municipal. **Prefeitura de Fortaleza inaugura Parque do Riacho Maceió nesta sexta-feira**. Fortaleza, 2014. Disponível em: <<https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/prefeitura-de-fortaleza-inaugura-parque-do-riacho-maceio-nesta-sexta-feira-0>>. Acesso em: 10 maio 2017.

FREIRE, D. F. **Lazer e turismo nas barracas da Praia do Futuro: usos e conflitos territoriais na Metrópole - Fortaleza- CE**. 2015. 180 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: <http://www.uece.br/mag/dmdocuments/debora_ferreira_freire.pdf>. Acesso em: 15 set. 2017.

FRESCA, T. M. Uma discussão sobre o conceito de metrópole. **Revista da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia - ANPEGE**, Dourados, v. 7, n. 8, p. 31-52, ago./dez. 2011.

GONDIM, L. M. P. Os “governos das mudanças” no Ceará: um populismo weberiano? In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 19., 1995, Caxambu, MG. **Anais...** Caxambu, MG: ANPOCS, 1995. p.1-16. Disponível em: <<http://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/19-encontro-anual-da-anpocs/gt-18/gt16-15/7654-lindagondim-modelo/file>>. Acesso em: 07 jun. 2017.

_____. **O Dragão do Mar e a Fortaleza pós-moderna**. São Paulo, SP: Annablume, 2007. 240 p.

_____. O dragão e a cidade: lendas do Ceará. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p.13-23, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/69/69>>. Acesso em: 18 maio 2017.

HONÓRIO, E.; BARROS, M. Turismo, cultura e identidade: o caso de Guassussê. In: MARTINS, C. (Org.). **Turismo, cultura e identidade**. São Paulo, SP: Roca, 2003. cap. 12, p. 153-158.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Regiões de influência das cidades**. Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 2008.

_____. **Produto Interno Bruto dos municípios 2010-2014**. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pibmunicipios/2014/default_xls.shtm>. Acesso em: 20 mar. 2017.

_____. **Estimativas da população residente no Brasil e Unidades da Federação com data de referência em 1º de julho de 2016**. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2016/estimativa_dou_2016_20160913.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2017.

JUCÁ, C. et al.(Orgs.). Planejando a cidade de Fortaleza. **Fortaleza 2040**, Fortaleza, v.1, n. 1, p. 22-37, 2014.

JUCÁ, G. N. M. **Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945-1960)**. 2. ed. São Paulo, SP: Annablume, 2003. 202p.

KONDER, L. **O que é a dialética**. São Paulo, SP: Brasiliense, 2008.

KURZ, R. A ditadura do tempo abstrato. In: SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. **Lazer numa sociedade globalizada**. São Paulo, SP: SESC; WLRA, 2000. p. 39-46.

LAFARGUE, P. **O direito à preguiça**. São Paulo, SP: Hucitec, 2000. 131 p.

LAGE, B. H. G; MILONE, P. C. **Economia do turismo**. Campinas, SP: Papyrus, 1991. 122p.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 5. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2002. 282p.

LENCIONI, S. Observações sobre o conceito de cidade e urbano. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 24, p. 109-123, 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74098/77740>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

LIMA, A. C. F. Fortaleza 2040: a visão socioeconômica. In: **Fortaleza 2040**. Fortaleza, CE: IPLANFOR, 2014. cap. 4, p. 18-21.

LIMA, E. Espigão cria “piscina” gigante na Beira Mar. **O Povo**, Fortaleza, 01 ago. 2013. Blog do Eliomar. Disponível em: <<http://blogdoeliomar.com.br/espigao-cria-piscina-gigante-na-beira-mar/>>. Acesso em: 22 maio 2017.

LINHARES, P. **A cidade de água e sal**: por uma antropologia do litoral Nordeste sem cana e sem açúcar. Fortaleza, CE: Fundação Demócrito Rocha, 1992. 364 p.

MACENA, L. Festas, danças e folguedos: elementos de identidade local, patrimônio imaterial do nosso povo. In: MARTINS, C. (Org.). **Turismo, cultura e identidade**. São Paulo, SP: Roca, 2003. cap. 7, p. 63-76.

MADEIRA, V. Manifestações culturais constituem patrimônio de diversidade na Capital. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 17 ago. 2014. Cidade. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/manifestacoes-culturais-constituem-patrimonio-de-diversidade-na-capital-1.1080528>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

MAIA, J. Turismo cultural é esquecido na capital cearense. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 19 jul. 2017. Cidade. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/turismo-cultural-e-esquecido-na-capital-cearense-1.364531>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

MANIFESTAÇÕES culturais constituem patrimônio de diversidade na capital. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 17 ago. 2014. Cidade. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/manifestacoes-culturais-constituem-patrimonio-de-diversidade-na-capital-1.1080528>>. Acesso em: 08 ago. 2017.

MARQUES, T. M. P. **A gastronomia do Ceará como atrativo turístico**. 2014. 126 f. Dissertação (Mestrado em Gestão de Negócios Turísticos) – Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014. Disponível em: <<http://www.uece.br/mpgnt/dmdocuments/MARQUES,T.M.P.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

MARTIN, I. **Os empresários no poder**: o projeto político do CIC (1978-1986). Fortaleza, CE: Secult, 1993. 124p.

MARTINS, C. Identidade: percepção e contexto. In: MARTINS, C. (Org.). **Turismo, cultura e identidade**. São Paulo, SP: Roca, 2003. cap. 5, p. 39-48.

MARTINS, C. Patrimônio cultural e identidade: significado e sentido do lugar turístico. In: MARTINS, C. (Org.). **Patrimônio cultural: da memória ao sentido do lugar**. São Paulo, SP: Roca, 2006. cap. 4, p. 39-50.

MARTINS, C.; LEITE, L. Cultura, religiosidade popular e romarias: expressões do patrimônio imaterial. In: MARTINS, C. (Org.). **Patrimônio cultural: da memória ao sentido do lugar**. São Paulo, SP: Roca, 2006. cap. 9, p. 105-120.

MARTINS, C.; MACENA, L. Patrimônio cultural, manifestações populares e turismo. In: CORIOLANO, L. N. et al. (Orgs.). **Turismo: gestão da cadeia produtiva**. Fortaleza, CE: Fundação Demócrito Rocha, 2008. cap. 13, p. 209-224.

MARTINS, L. O. F. **Parceria público-privada no setor cultural: o caso do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura – CDMAC**. 2013. 104 f. Dissertação (Mestrado em Direito Constitucional) – Centro de Ciências Jurídicas, Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2013. Disponível em: <<http://uolp.unifor.br/oul/conteudosite/F1066348569/Dissertacao.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

MAX-NEEF, M. A. **Desenvolvimento à escala humana: concepção, aplicação, reflexos posteriores**. Blumenau, SC: Edifurb, 2012. 108 p.

MELO, V. A.; ALVES JÚNIOR., E. D. **Introdução ao lazer**. 2. ed. Barueri, SP: Manole, 2012.

MENDES, E. G. As cidades e o turismo urbano. In: CORIOLANO, L. N. et al. (Orgs.). **Turismo: gestão da cadeia produtiva**. Fortaleza, CE: Fundação Demócrito Rocha, 2008. cap. 20, p. 321-336.

MONTANER, J. M. **Museus para o século XXI**. Tradução de Eliana Aguiar. Barcelona: Gustavo Gili, 2003. 158p. Disponível em: <<https://arqurb2013.files.wordpress.com/2013/02/museus-para-o-sc3a9culo-xxi.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2017.

MOURA, D. Biblioteca do MAC homenageia Leonilson. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 21 jun. 2005. Caderno 3. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/biblioteca-do-mac-homenageia-leonilson-1.597801>>. Acesso em: 10 out. 2017.

NEGREIROS, G. Jardim japonês é inaugurado em Fortaleza. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 11 abr. 2011. Cidade. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/online/jardim-japones-e-inaugurado-em-fortaleza-1.900133>>. Acesso em: 10 maio 2017.

NEVES, B. A. C. Patrimônio cultural e identidades. In: MARTINS, C. (Org.). **Turismo, cultura e identidade**. São Paulo, SP: Roca, 2003. cap. 6, p. 49-61.

OHTAKE, R. Os novos monumentos das metrópoles. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 4, p.11-119, out./dez. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n4/9758.pdf>>. Acesso em: 09 ago. 2017.

ORGANIZACION MUNDIAL DEL TURISMO. **Glosario básico del Turismo**. Madrid: OMT, 2017. Disponível em: <<http://statistics.unwto.org/sites/all/files/docpdf/glossaryterms.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

ORTEGA, G. U. Identidade cultural, território e lazer. In: SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. **Lazer numa sociedade globalizada**. São Paulo, SP: SESC; WLRA, 2000. p. 165-177.

PADILHA, V. **Tempo livre e capitalismo: um par imperfeito**. Campinas, SP: Alínea, 2000. 111p.

PARENTE, K. M. P. **Espaços públicos e privados de lazer e turismo na orla oeste de Fortaleza: embates políticos e contradições socioespaciais**. 2012. 142 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012. Disponível em: <http://www.uece.br/mag/dmdocuments/karlos_parente.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2017.

PENA, R. F. A. Metrôpoles brasileiras. **Mundo Educação**, Goiânia, 2015. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/metropoles-brasileiras.htm>>. Acesso em: 5 jun. 2017.

PEREIRA, P. C. X. Cidade: sobre a importância de novos meios de falar e pensar as cidades. In: BRESCIANI, M. S. (Org.). **Palavras da cidade**. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2001. p. 261-284.

PEREIRA, S. C. O que é sertão? **Umas e Outras**, Recife, 2011. Blog. Disponível em: <<http://umaseoutrasid.blogspot.com.br/2011/06/o-que-e-sertao.html>>. Acesso em: 04 nov. 2017.

PIMENTEL, J. **Dragão do Mar entra no Livro dos Heróis da Pátria**. Brasília: Senado Federal, 2017.

PINHEIRO, R. V. Capacitação para serviços em restaurantes e bares. In: CORIOLANO, L. N. et al. (Orgs.). **Turismo: gestão da cadeia produtiva**. Fortaleza, CE: Fundação Demócrito Rocha, 2008. cap. 9, p. 145-160.

PORTO NETO, H. F. M. O patrimônio histórico e cultural e a criminalidade na Praia de Iracema: o impacto das intervenções e ocupações dos espaços públicos no cotidiano e no sentimento do bairro. **Revista Acadêmica da ESMP**, Fortaleza, n. 1, p.1-23, jan./jul. 2012. Disponível em: <http://www.pgj.ce.gov.br/esmp/publicacoes/edi001_2012/artigos/24_Hugo.Frota.Magalhaes.Porto.Neto.pdf>. Acesso em: 29 set. 2017.

PREFEITURA de Fortaleza inaugura Espigão da João Cordeiro. **Tribuna do Ceará**, Fortaleza, 27 dez. 2012. Notícias. Disponível em: <<http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/fortaleza/prefeitura-de-fortaleza-inaugura-espigao-da-joao-cordeiro/>>. Acesso em: 15 maio 2017.

RIBEIRO, S. Memorial justificativo do plano diretor para a cidade de Fortaleza. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, n.69, p.215-243, 1955. Disponível em: <<https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1955/1955-MemorialJustificativoPlanoDiretorFortaleza.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2017.

RIOS, J. G. F. **O PRODETUR e a requalificação da Av. Beira-Mar de Fortaleza: avaliação de uma política de turismo e de suas expectativas socioeconômicas**. 2015. 155 f. Dissertação (Mestrado em Avaliação de Políticas Públicas), Programa de Pós-Graduação em Avaliação de Políticas Públicas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/23509/1/2015_dis_jgfrios.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2017.

RODRIGUES, F. L. L. Conceito de patrimônio cultural no Brasil: do Conde Galvéias à Constituição Federal de 1988. In: MARTINS, C. (Org.). **Patrimônio cultural: da memória ao sentido do lugar**. São Paulo, SP: Roca, 2006. cap. 1, p. 1-16.

RODRIGUES, M. Preservar e consumir: o patrimônio histórico e turismo. In: FUNARI, P. P.; PINSKY, J. (Orgs.). **Turismo e patrimônio cultural**. São Paulo, SP: Contexto, 2001. 136 p.

RUSSEL, B. **O elogio ao ócio**. Rio de Janeiro, RJ: Sextante, 2002. 192p.

SALES, Á. A. M. Patrimônio cultural e gestão: o Museu de Artes e Ofícios de Belo Horizonte. **Revista Patrimônio: Lazer & Turismo**, Santos, v. 7, n. 11, p. 116-131, jul./ set. 2010. Disponível em: <[http://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/pdf/Artigo6_v7_n11_jul_ago_set2010_Patrimonio_UniSantos_\(PLT_44\).pdf](http://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/pdf/Artigo6_v7_n11_jul_ago_set2010_Patrimonio_UniSantos_(PLT_44).pdf)>. Acesso em: 20 out. 2017.

SANTOS, A. H. P. Artesanato local como expressão diferencial para o lugar turistificado – arte e ofício de artesão no Ceará. In: MARTINS, C. (Org.). **Patrimônio cultural: da memória ao sentido do lugar**. São Paulo, SP: Roca, 2006. cap. 8, p. 91-104.

SANTOS, M. Lazer popular e geração de empregos. In: SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. **Lazer numa sociedade globalizada**. São Paulo, SP: SESC; WLRA, 2000. p. 31-37.

SASSEN, S. **As cidades na economia mundial**. São Paulo, SP: Studio Nobel, 1998.

SILVA, J. B. Sinopse de uma geografia urbana de Fortaleza. In: CHAVES, G.; VELOSO, P.; CAPELO, P. (Orgs.). **Ah, Fortaleza!** Fortaleza, CE: Terra da Luz Editorial, 2006. cap. 2, p. 30-49.

SILVA, J. S. S. Cemitério – patrimônio cultural e atrativo diferencial: um estudo sobre o cemitério São João Batista de Fortaleza. In: MARTINS, Clerton (Org.). **Patrimônio cultural: da memória ao sentido do lugar**. São Paulo, SP: Roca, 2006. cap. 10, p. 121-142.

SOUSA, V. B. O Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura: expressões de um lugar de modernidade. **Revista Política & Trabalho**, João Pessoa, n.16, p. 123-135, set. 2000. Disponível em:
<<http://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/6462/4038>>.
Acesso em: 28 mar. 2017.

TABOSA, H. R. **Uma contribuição ao estudo sobre políticas públicas culturais: avaliação do Centro Cultural Banco do Nordeste em Fortaleza**. 2012. 119 f. Dissertação (Mestrado em Avaliação de Políticas Públicas) – Programa de Pós-Graduação em Avaliação de Políticas Públicas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012. Disponível em:
<<http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/5991/1/2012-DIS-HRTABOSA.pdf>>.
Acesso em: 22 mar. 2017.

THEOBALD, W. F. **Turismo global**. São Paulo, SP: Senac, 2001. 510 p.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. 261 p.

TRIGUEIRO, E. Espigão da Rui Barbosa vira atração turística. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 19 jul. 2011. Cidade. Disponível em:
<<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/espigao-da-rui-barbosa-vira-atracao-turistica-1.569984>>. Acesso em: 12 maio 2017.

TROTTA, F. **No Ceará não tem disso não: nordestinidade e macheza no forró contemporâneo**. Rio de Janeiro, RJ: Folio Digital, 2014. 168 p.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Modelo de formulário aplicado aos usuários dos espaços de lazer do Dragão do Mar



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - UECE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS - CESA
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DE NEGÓCIOS TURÍSTICOS**

**FORMULÁRIO APLICADO AOS USUÁRIOS DOS ESPAÇOS DE LAZER DO
CENTRO DRAGÃO DO MAR DE ARTE E CULTURA**

Formulário nº _____

Espaço: _____

1. DADOS PESSOAIS

1.1 – Sexo: _____

1.2 – Idade: _____

1.3 - Você mora em Fortaleza? SIM () NÃO ()

Caso sua resposta seja NÃO, qual sua cidade? _____

2. SOBRE O CENTRO DRAGÃO DO MAR DE ARTE E CULTURA

2.1 - Como você tomou conhecimento do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura?

2.2 - O que lhe motivou a vir ao Dragão do Mar?

2.3 – Quais espaços do centro cultural já visitou?

- | | |
|---|----------------------------------|
| () Anfiteatro Sérgio Motta | () Multigaleria |
| () Arena do Dragão do Mar | () Museu da Cultura Cearense |
| () Auditório | () Museu de Arte Contemporânea |
| () Biblioteca de Artes Visuais Leonilson | () Planetário Rubens de Azevedo |
| () Café Santa Clara | () Praça Verde |
| () Cinema do Dragão | () Teatro Dragão do Mar |
| () Espaço Rogaciano Leite Filho | |

2.4 – Qual o espaço que mais gostou? Por quê?

2.5 – O que achou do lazer no Dragão do Mar?

2.6 – Deseja voltar ao centro cultural? Por quê?

2.7 – O que sugere para melhorar o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura?

APÊNDICE B – Roteiro de perguntas aos Gestores do Instituto Dragão do Mar



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - UECE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS - CESA
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DE NEGÓCIOS TURÍSTICOS**

**ROTEIRO DE PERGUNTAS A GESTORES/FUNCIÓNÁRIOS DO INSTITUTO
DRAGÃO DO MAR**

• **UTILIZAÇÃO DOS ESPAÇOS**

- 1) Conforme o *site* do Dragão do Mar, são 1,5 milhão de visitantes ao ano. Como se chegou a esse número?
- 2) Desses 1,5 milhão, é possível dizer quantos residentes e quantos turistas visitam o CDMAC?
- 3) O CDMAC realiza estudo de demanda turística?
- 4) Há algum controle?
- 5) O público alvo do CDMAC envolve as diversas camadas da sociedade?
- 6) Há pesquisas sobre as práticas culturais, os hábitos de consumo ou mesmo o perfil de usuários?
- 7) O CDMAC promove inclusão cultural? De que forma?
- 8) Antes de oferecer um serviço o CDMAC faz pesquisa sobre o mercado de consumo cultural?
- 9) O aproveitamento dos espaços é adequado, eficiente, eficaz?
- 10) Quais as dificuldades?

• **PROGRAMAÇÃO**

- 1) Como se define a programação do CDMAC?

- 2) O CDMAC considera as demandas sociais na determinação de sua programação? Considera também a demanda turística?
- 3) Os horários de funcionamento dos espaços facilitam a visitação?
- 4) Há levantamento de dados das exposições de cultura no CDMAC?
- 5) Quais as dificuldades?

- ***DIVULGAÇÃO***

- 1) Como é a política de *marketing* do CDMAC?
- 2) Como ocorre a divulgação do CDMAC e da programação junto aos residentes?
- 3) Há uma divulgação específica voltada aos turistas?
- 4) Como o turista toma conhecimento do Dragão do Mar?
- 5) O Centro Dragão do Mar é divulgado nos guias turísticos, nos hotéis, na mídia e nas campanhas dos órgãos oficiais do Turismo?
- 6) Quais as dificuldades?

- ***CULTURA X TURISMO***

- 1) Como ocorre a relação da cultura com o turismo no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura?
- 2) Existem ações conjuntas das Secretarias estaduais e municipais de cultura e turismo para a promoção do CDMAC?
- 3) Quais as dificuldades?